



**PUC**  
**RIO**

**GILSA F. TARRÉ DE OLIVEIRA**

**FREUD E LACAN**

**O INCONSCIENTE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

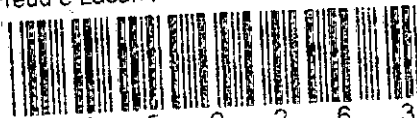
Rio de Janeiro, Março de 1992

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**  
**DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea**  
**CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil**  
**<http://www.puc-rio.br>**

N.Chamada: 150 / 048f / TESE UC

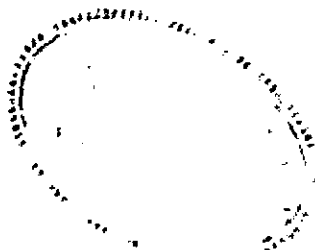
Título: Freud e Lacan :



0 0 5 9 2 6 3

1642

Ex: 1-CENTRAL



**GILSA F. TARRÉ DE OLIVEIRA**

**FREUD E LACAN**

**O INCONSCIENTE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

**Rio de Janeiro, Março de 1992**



*UC 38643-6*

150  
048f  
TESE UC

GILSA F. TARRE DE OLIVEIRA

FREUD E LACAN

O INCONSCIENTE NA CLINICA PSICANALITICA

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Circe Navarro Vital  
Brazil

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Março de 1992

*Para César por não menos que tudo.  
Para Alexandre e Fernando pela  
amorosa paciência.*

## AGRADECIMENTOS

A Circe Navarro Vital Brazil, pelo estímulo e confiança na espera da realização deste trabalho e ao CNPq que viabilizou a sua execução. A Monique Almée Augras, por todo o apoio recebido. A Vera Lucia Lima da Silva pela atenção constante.

A Md. Magno, por sua escuta transformadora.

A Marco Antonio Coutinho Jorge, interlocutor amigo pelo interesse e constante incentivo.

A Helena e David, pelo apoio sempre incondicional.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS.....	5
	— Uma abertura à questão	
	— Antecedentes	
	— A inovação freudiana	
	— A clínica freudiana em seus primórdios	
	— O processo de ruptura	
3.	O ATO ANALÍTICO EM FREUD.....	46
4.	A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS DIFERENÇAS.....	74
5.	OS AVATARES DO DESEJO.....	109
6.	O INCONSCIENTE: UM CORTE EM ATO.....	140
	— O sujeito do inconsciente	
	— O dispositivo da cura	
	— Análise terminável e interminável	
7.	CONCLUSÃO.....	200
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	206



## RESUMO

A regra fundamental da associação livre define e sustenta a especificidade da cura psicanalítica como uma experiência que leva em conta um sujeito que não somente fala, mas é também falado. A associação livre se vale portanto, da razão do inconsciente e de seus efeitos sobre o sujeito.

Considerando que a descoberta freudiana do inconsciente desdobrou-se em práticas clínicas bastante diferenciadas, coloca-se a questão de que a condução de uma cura depende estritamente do modo como o analista concebe o inconsciente e o sistema de relações no qual ele se inscreve.

Partindo desta questão, o objetivo deste estudo é destacar de que maneira a vinculação indissociável entre a teoria e a prática, determina um uso singular da técnica na clínica psicanalítica.

Para tanto, num primeiro momento, recorreu-se ao texto freudiano tomando-se como fio condutor a articulação entre inconsciente e sexualidade em sua operacionalidade clínica na transferência. A seguir buscou-se no texto de Lacan os pontos nos quais ele se ancora para promover uma redescoberta da clínica freudiana: a estrutura de linguagem/do inconsciente e o estatuto do objeto em psicanálise.

Este percurso permitiu destacar o estatuto ético do inconsciente, solidário do imperativo freudiano *Wo Es war soll*

*Ich werden*, entendido como um verdadeiro desafio, que não fornece conteúdos pré-estabelecidos e muito menos fórmulas para abordar o desejo.

A técnica entendida à medida desta ética, implica em manter como questão o particular de cada cura, assim como a posição do analista nela implicada.

## RÉSUMÉ

La règle fondamentale de l'association libre définit et soutiens la spécificité de la cure psychanalytique en tant qu'une expérience dans laquelle il s'agit d'un sujet qui parle aussi bien qu'il est parlé. L'association libre se vaut donc de la raison de l'inconscient et de ses effets sur le sujet.

Si on observe que la découverte freudienne de l'inconscient s'est multipliée en pratiques cliniques assez différenciées, on se pose la question vis-à-vis du rapport qui lie étroitement la direction d'une cure à la façon dont le psychanalyste conçoit l'inconscient aussi bien que le système des relations dans laquelle il s'inscrit.

Tout en partant de cette question là, l'objectif de cet étude est démontrer la manière dont le lien indissociable entre la théorie et la pratique détermine un usage tout à fait singulier de la technique dans la clinique psychanalytique.

Dans ce but, on a d'abord fait recours au texte freudien en prenant comme fil rouge l'articulation entre inconscient et sexualité dans son opération clinique sous transfert. Ensuite on a cherché dans le texte de Lacan les points dans lesquels il s'appuie pour promouvoir une rédécouverte de la clinique freudienne: la structure langagière de l'inconscient aussi bien que le statut de l'objet en psychanalyse.

Ce parcours a permis souligner le statut éthique de l'inconscient, solidaire de l'impératif freudien *We Es war soll Ich werden* (Là où c'était, dois-je advenir), compris comme un vrai défi qui ne fournit pas des contenus établis d'avance non plus que des formules pour l'abord du désir.

La technique entendue à la mesure de cette éthique a comme corolaire le maintien de la question sur la particularité de chaque cure, aussi bien que la place de l'analyste y impliquée.

Quando um paciente me diz algo, não tento encontrar imediatamente as razões disso. Sei que, com o tempo, estas aparecerão. Creio que era Oliver Cromwell que dizia: "Nunca vamos tão longe como quando não sabemos aonde vamos".

Sigmund Freud

## CAPITULO 1

## INTRODUÇÃO

À primeira vista, o título deste estudo pode parecer redundante, afinal psicanálise e inconsciente constituem-se quase que como um único termo. No entanto nosso título expressa exatamente a questão que nos propomos a trabalhar: como conceber uma cura à medida das questões que o inconsciente coloca ?

O inconsciente é um conceito forjado por Freud a partir de sua experiência clínica com a neurose. É portanto desde o seu nascimento, que a psicanálise impõe a seus operadores manter como indissociáveis a teoria e a prática.

No entanto consideramos que a apreensão e o alcance dessa imposição encontra-se radicalmente na dependência de se tomar ao pé da letra o dizer de Freud: psicanalisar é uma tarefa impossível. Justamente este impossível é o que coloca a exigência de um esforço renovado de teorização.

A subversão do sujeito operada por Freud, que se concretiza com o revolucionário "Três Ensaio sobre a Sexualidade", explode com as éticas então em vigor. A partir daí, Freud pode apontar de que maneira a cultura determina as expressões válidas de formações reativas da realidade desejante

e reafirmar o compromisso da tarefa psicanalítica de possibilitar a emergência de uma verdade singular.

É neste sentido que a psicanálise compromete não somente aquele que se apresenta para falar de seu sofrimento, como principalmente aquele que se propõe a escutá-lo.

Por isto mesmo Freud hesita em publicar seus escritos técnicos, receioso de que suas recomendações fossem transformadas e aprisionadas num conjunto de regras fixas, que fatalmente poderiam se configurar como um meio de simplificação e escamoteamento do vínculo por ele descoberto entre inconsciente e sexualidade.

Isto equivale a dizer que é somente na possibilidade de se conceber a radicalidade do fato ineludível da castração, que se define e se sustenta a especificidade do uso da palavra na experiência da análise. Ao longo de seus escritos técnicos, Freud postula somente uma única regra: a da associação livre, que se vale da razão do inconsciente e de seus efeitos sobre o sujeito.

Revisitando este eixo norteador de toda a experiência freudiana, Lacan deflagra um movimento de retomada de problemas cruciais relativos ao exercício desta prática definida como impossível.

É da consideração dos desdobramentos desta iniciativa de Lacan, que se justifica a questão que motivou o presente estudo, entendendo-se que tanto o alcance como os limites da cura psicanalítica dependem estritamente do modo como seu operador concebe o inconsciente e o sistema de relações no qual ele se inscreve.

Nesta perspectiva, consideramos imprescindível recorrer ao texto freudiano tomando-se como fio condutor a articulação entre inconsciente e sexualidade em sua operacionalidade clínica na transferência. Buscamos destacar aí, as retificações que se fizeram necessárias ao longo de um percurso que, finalmente, ao se dar conta da pulsão morte, consegue nomear os maiores desafios da análise.

A leitura do quarto capítulo permitirá ao leitor uma orientação quanto aos desdobramentos dessa experiência fundadora de Freud ao abordar a "clínica psicanalítica e suas diferenças".

Com base nesses fundamentos buscou-se no texto de Lacan os pontos nos quais ele se ancora para promover uma redescoberta da clínica freudiana: a estrutura de linguagem do inconsciente e o estatuto do objeto em psicanálise. Ambos decorrem de sua inovadora articulação metapsicológica dos três registros que estruturam a realidade humana: real, simbólico e imaginário, cuja discussão é encaminhada no capítulo cinco, introdutório à sua teoria do desejo.

Algumas advertências no entanto se fazem necessárias. Limitamos nosso percurso ao nível das questões que se colocam à intervenção clínica com a neurose. Esta opção se justifica dada à própria amplitude de nossa proposta.

Além disso, cabe ressaltar que seria impossível desenvolver nossa questão sem pelo menos articulá-la minimamente ao espinhoso tema da formação do analista. Entretanto, consideramos que este mereceria um aprofundamento à parte. Por esta razão sua abordagem nos limites deste trabalho, obedece, a seu próprio traçado.



Enquanto um estudo teórico, seu desenvolvimento leva em conta que na tarefa analítica, tratamento e pesquisa caminham de mãos dadas. Não é possível tratar um paciente sem aprender algo de novo.

Lembrando a recomendação de Freud de que o analista retorne constantemente à posição de analisando, consideramos que esta é a posição a qual retorna todo aquele que se propõe a um esforço de teorização. O risco deve ser corrido.

## CAPÍTULO 2

## A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS

## 2.1. UMA ABERTURA À QUESTÃO

Psicanálise: nome de batismo de uma nova ciência ou pelo menos, de uma nova forma de fazer ciência, que surge da necessidade de Freud diferenciar o procedimento da associação livre, do método catártico anteriormente utilizado conjuntamente com Breuer.

Inspirado em Bernheim, que lhe acenara para a importância da relação do médico com o paciente através do uso da sugestão hipnótica, Freud já insatisfeito com os resultados obtidos a partir desse método, recorre a outra importante observação do médico de Nancy quanto ao "aparente esquecimento daquilo que era experimentado pelo sujeito no estado de sonambulismo. Resumidamente, Bernheim parecia afirmar: "o paciente sabe, é só insistir"<sup>1</sup>.

Freud segue a trilha. Inicialmente insistindo, pressionando, mas depois sem tanta pressa visto que: uma coisa era partir do princípio de que o paciente sabia e outra, é re-conhecer que este não sabia que sabia.

Dois fatos clínicos determinaram a emergência desse reconhecimento por parte de Freud: a resistência e a transferência. Estes fatos acabaram por imprimir a sua marca na especificidade da experiência psicanalítica.

Resistência à confissão ? Talvez seja algo que possamos dizer a propósito do papel desempenhado pela resistência do paciente nesta etapa da investigação de Freud. A própria desobediência às regras estabelecidas, uma vez iniciado o trabalho, onde era solicitado ao paciente abster-se de qualquer crítica em relação às suas associações e que falasse independentemente de qualquer julgamento, demonstrava a dificuldade de se ascender de forma direta àquilo que havia sido esquecido, configurando-se como um empecilho ao trabalho terapêutico. É aí também que a transferência se afirmava uma vez que, conforme observou Freud, nada ocorria nas associações do paciente sem qualquer referência à própria situação analítica.

A descoberta da resistência representou assim, o primeiro passo no sentido de Freud também superá-la. Em outras palavras, trata-se do "despertar" de Freud para a intuição de que a verdade nunca pode ser toda dita; "impossível" que causa em Freud, o desejo de dedicar sua vida à uma causa: a procura da verdade e dos efeitos transformadores de sua revelação no sujeito.

É assim, que em seu "Estudo Autobiográfico" afirma:

*Que a psicanálise passa a adotar o conceito de inconsciente de maneira*

séria<sup>2</sup>, considerando que tudo que é da ordem psíquica, é em primeiro lugar, inconsciente; a qualidade ulterior de consciencia pode estar ou não, presente<sup>3</sup>.

Em contraste com a pressa inicial, a descoberta da resistência e do efeito transferencial, impõem uma postura mais reservada a Freud e lhe aponta para a necessidade de uma nova direção ao tratamento que considere a divisão do sujeito tal como formulada acima. O correlato imediato é a exigência de uma teorização mais precisa do inconsciente a fim de definir aquilo a que o tratamento se dirige, de modo a tornar inteligível o procedimento adotado podendo dar conta de seus êxitos e fracassos<sup>4</sup>.

Deste modo, a psicanálise nasce ao reconhecer a necessidade de estabelecer uma diferença tópica entre consciente e inconsciente para fundamentar a ordem dos fenômenos revelados pela experiência clínica. É neste sentido que Freud considerou a *Traumdeutung* como sua obra principal, aquela que inaugura a psicanálise.

Dai pode-se depreender que para Freud, a clínica comparece como o domínio mais revelador da história da psicanálise, o "locus" de onde emergem as condições mesmas de construção do campo psicanalítico. Este campo compreende a produção de um saber teórico e o questionamento constante de uma prática clínica referida à experiência com o inconsciente, sustentada pela transferência.

Cabe aqui salientar que determinadas questões serão trabalhadas considerando os fios condutores que

sobredeterminaram a criação deste novo campo do saber no qual se configuram, tanto as pistas mais valiosas, quanto os obstáculos que fizeram parte das diferentes etapas do empreendimento freudiano nos seus primórdios.

## 2.2. ANTECEDENTES

Em suas primeiras elaborações, Freud partiu de influências de naturezas distintas, valendo-se tanto de formulações oriundas de estudos sobre a anatomia cerebral, quanto das descobertas no campo da fisiologia. Embora tenha deixado clara sua hesitação em relação à carreira médica, mostrava-se também arredio a todo tipo de preocupação voltada para "qualquer anseio em ajudar a humanidade sofredora"<sup>5</sup>. Certamente sua curiosidade destinava-se à compreensão dos enigmas humanos, razão pela qual tenha optado pela medicina, na crença de que este ramo do saber lhe ofereceria meios para alcançar seus objetivos. Isto é o que espelha claramente o texto freudiano que, uma vez analisado, deixa transparecer a maneira pela qual Freud se posiciona diante de seu desejo. Ou seja, é mister destacar que Freud no seu firme propósito de desvendar tais enigmas, não recua diante das dificuldades, mantendo-se fiel ao seu desejo.

Além das influências mencionadas Freud admite também o impacto causado pelas idéias de Darwin, a partir da leitura do

ensaio "Sobre a natureza", equivocadamente atribuído a Goethe<sup>6</sup>.

No que tange ao contato de Freud com a fisiologia, este se deu através de Brucke, seguidor das idéias de Helmholtz, que defendia os estudos acerca dos organismos fisiológicos. Estes, ao contrário dos inanimados, apresentam funcionamento físico-químico dotado de propriedades especiais, entre as quais situa-se a faculdade de assimilação. Tais propriedades funcionam de acordo com o princípio de conservação de energia, ou seja, a tendência a manter constante a soma das forças num sistema isolado.

Conforme sugere Assoun, "a fisiologia de Brucke é portanto, uma extensão da física e o fisiológico pode ser visto como um físico dos organismos"<sup>7</sup>.

São essas idéias que aparecerão em Freud, na construção de sua metapsicologia, particularmente no desenvolvimento relativo ao dinamismo pulsional em ação nos processos psíquicos, o que é fundamental para a ratificação das declarações de Freud sobre seu encontro com Brucke, quem certamente teve papel decisivo na passagem de Freud da pesquisa teórica para a clínica psiquiátrica, conforme nos informa Jones<sup>8</sup>.

Entretanto, é neste campo que Freud se mostra insatisfeito, especialmente no que diz respeito a orientação de Meynert. Este ponto foi decisivo para o encontro de Freud com Charcot, determinando sua passagem da neurofisiologia para a psicanálise pois, enquanto que com Brucke, Freud dispunha de um instrumento ótico para o desenvolvimento de suas pesquisas sobre o cérebro, com Charcot, tem em mãos uma nova técnica, a hipnose, empregada por este no tratamento das paralisias histéricas,

concebidas até então como doenças orgânicas, uma vez que os neurologistas não lidavam com o "fator psíquico".

Indo contra o pensamento médico vigente, que lidava com a histeria como mera simulação, Charcot pôde trazer a histeria para o campo da medicina, tratando-a como doença descrita em termos de causas objetivas, chegando a inventar o conceito de "lesão dinâmica", como explicação dos fenômenos que se apresentavam. Charcot ao mesmo tempo que retira a histeria do descrédito, torna também respeitáveis aqueles que a tomavam como objeto de estudo.

Certamente é com Charcot que Freud adquire mais dois ensinamentos que contribuem de forma radical para abalar suas convicções acerca da neurologia. Trata-se da distinção entre paralisias histéricas e orgânicas e a relação entre histeria e hipnose. Por um lado, Freud torna-se cômico de que as paralisias histéricas não obedecem a causas orgânicas. Por outro, a partir das demonstrações levadas a cabo por Charcot, utilizando a hipnose sem finalidades terapêuticas, verifica que os sintomas tanto aparecem como podem ser eliminados. Evidentemente, isto deve-se ao fato de que obedecem à certas leis.

A paralisia histérica não obedecia a uma causa orgânica e existia apesar da teoria e da dificuldade de relacioná-la à causação orgânica. Conclusão: a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, impondo uma nova ordem de causalidade psíquica, revelada pela hipnose.

Como o objetivo de Charcot não se detinha no efeito terapêutico, restava-lhe realizar suas experiências de forma

meramente didática, à serviço do discurso da ciência, situação esta na qual o médico ocupa tão somente a posição de espectador.

Focalizando apenas o diagnóstico diferencial e a observação nosológica que exclui do sintoma qualquer significação subjetiva, a diretriz seguida por Charcot ilustra de forma clara, o posicionamento da psiquiatria clássica que veio a ser denunciado pela Psicanálise, como uma prática onde:

*O olhar (mesmo que outras dimensões perceptivas sejam utilizadas), parece constituir a metáfora obsedante e que deixa transparecer a relação que a estrutura, aplicando ao outro o modo de observação que habitualmente reservamos às coisas e aos objetos do real e<sup>9</sup>*

Ao fazer esta chamada para a prevalência do "oihar" na clínica psiquiátrica, Bercherie nos leva a pensar que este campo acabou por produzir de forma contundente o silenciar do sujeito. Precisamente com Charcot toda a problemática concernente ao corpo em sua articulação com o psíquico, que é exemplarmente cifrada no sintoma histérico, é também conduzida ao silêncio.

Inquestionavelmente, ao fazer "calar" o sintoma, é de um corpo morto que Charcot passa a se ocupar, participando "da alienação daqueles cujos distúrbios a medicina pretendia descrever exaustivamente, analisar objetivamente e classificar racionalmente"<sup>10</sup>.



Este tipo de atitude produziu uma inquietação em Freud, avesso que era às estatísticas e às descrições, a ponto de recorrer a Bernheim e retornar a Breuer para ulteriormente fazer em relação ao saber destes teóricos, uma ruptura radical. Certamente suas contribuições são decisivas para a passagem de Freud da psiquiatria à psicanálise — de uma clínica baseada no "olhar", para uma clínica fundada na "escuta".

É através da influência de Bernheim que Freud passa a utilizar a hipnose com finalidade terapêutica. A técnica da sugestão prometia desfazer a aura de mistério que cercava a hipnose.

O essencial da utilização da sugestão são os efeitos pós-hipnóticos, os quais permitiram Freud, formular a existência de dinâmica inconsciente apresentada e desenvolvida maneira inédita, posteriormente, na "Traumdeutung". No entanto, a sugestão com ou sem hipnose, era utilizada por Bernheim, como uma verdadeira arma para combater a doença, sem levar em conta a origem, a força e a significação dos sintomas<sup>11</sup>, justamente os três aspectos fundamentais e instigadores de toda a pesquisa freudiana.

### 2.3. A INOVAÇÃO FREUDIANA

O que nos interessou até aqui, foi destacar o sentido da pesquisa de Freud sem que se pretendesse com isto, realizar um estudo biográfico exaustivo. Os dados biográficos foram tomados apenas como referência a fim de enfatizar o sentido que a prática científica, desde seus primeiros passos, assume em toda a orientação freudiana, delineando alguns elementos que posteriormente irão caracterizar sua experiência na clínica psicanalítica.

Do exposto, pode-se deduzir que as influências recebidas por Freud repercutirão de duas maneiras. Por um lado, serão tomadas na formulação de conceitos-chaves de sua teoria e por outro, se constituirão em fundamentos que delimitarão um novo campo clínico. O primeiro destes aspectos é tratado neste tópico, sendo o segundo, objeto de estudo do tópico seguinte.

Todo o edifício teórico freudiano se ergue lentamente tendo como solo a rede conceitual das correntes fisicalistas. Se por um lado, este contexto limitou inicialmente a sua produção, por outro, o conduziu a uma nova noção de sujeito, super-determinado pela ordem do inconsciente, através dos laços simbólicos estabelecidos com sua prática teórica. Sem dúvida, essa limitação apresentou-se a Freud como um obstáculo o qual teve que superá-lo. Para tanto, "inventou" a psicanálise, demonstrando assim, estar à frente de seu tempo.

Quanto à necessidade de se reconhecer a existência de um solo prévio à criação deste novo campo do saber que tem como

objeto o inconsciente, Bercherie nos diz:

*Seria impensável sair de lugar algum e edificar uma teoria e um saber no vazio. Trata-se, ao contrário, de operar um furo nas tramas já existentes e em seguida, re-costurar as bordas, mantendo a qualquer preço, os laços simbólicos que amarram a nova produção ao terreno epistêmico do qual ela se destaca<sup>12</sup>.*

Em se tratando da psicanálise, assinala Bercherie que, embora Freud tenha se valido de várias fontes, acabou por realizar um tipo de operação de modo a estabelecer um conjunto de concepções que resultaram na produção do saber psicanalítico. Isto deveu-se à aguçada capacidade de observação de Freud, bem como ao seu espírito de pesquisa, o que pode ser observado na diversidade dos títulos de sua obra. Estes, não só apontam para a amplitude de seus campos de interesse como também revelam o questionamento constante do já estabelecido. No entanto, esta diversidade gravita em torno de sua experiência fundamental no âmbito da clínica onde se desenvolve seu progresso essencial.

É através da escuta da palavra da histérica, que Freud se depara com algo que lhe surpreende. Esta surpresa será transformada numa verdadeira revolução acerca da idéia de sujeito até então em vigor. Questão crucial e um processo de mudança radical na realidade científica então em vigor. Por isto mesmo, implicou num alto custo, uma vez que nele se

incluíam fortes interesses políticos, econômicos, morais e ideológicos e a ameaça de desestabilizar o status quo já alcançado. Certamente foi este o motivo que levou Freud a afirmar que a "História do Movimento Psicanalítico" reúne e retrata a história das resistências à psicanálise, resistências estas, que aparecem fundamentalmente ligadas à sua descoberta do inconsciente e ao papel da sexualidade na etiologia da neurose.

Com efeito, a descoberta freudiana do inconsciente deve ser tomada como uma verdadeira revolução científica conforme sugere Kuhn<sup>13</sup>, na medida em que acarreta todo um campo de pesquisa destinado ao tratamento da subjetividade, introduzindo aí, um novo paradigma, mediante o qual, são alteradas generalizações acerca do sujeito, especialmente aquelas que se detêm na questão da consciência.

Configura-se assim, uma produção que se baseia no primado do inconsciente e não, em fórmulas que tomam como parâmetro aquilo que tem lugar, enquanto fenômeno, na consciência. Nada mais revolucionário do que a afirmação de um primado do inconsciente, numa época onde imperava a certeza do cogito cartesiano, postulando a possibilidade de uma existência sem sombras ou distorções; de uma perfeita continuidade entre o pensamento e a existência.

Esta ruptura de Freud com respeito a questão do sujeito, só tem sentido se pensada a partir de sua experiência clínica enquanto fundadora.

#### 2.4. A CLÍNICA FREUDIANA EM SEUS PRIMÓRDIOS

As inovações introduzidas por Freud no campo teórico, acerca do sujeito, guardam uma íntima relação com os desdobramentos que têm lugar no campo clínico a partir de suas experiências com a sugestão hipnótica e com o método catártico.

É diante da sugestão que surgem os grandes impasses para Freud. Em princípio, o procedimento utilizado por Bernheim, é descrito por Freud da seguinte maneira:

*Uma idéia consciente, que foi introduzida, mediante uma influência externa, no cérebro<sup>14</sup> da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se surgisse espontaneamente. Sob este ponto de vista, todas as manifestações hipnóticas seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões<sup>15</sup>.*

A ligação de Freud com Bernheim representa um avanço em relação a Charcot, visto que enquanto que este se restringiu meramente às questões de natureza fisiológica, Bernheim evidencia algo que pode ser pensado em termos psíquicos. Embora inicialmente Freud tenha se mostrado atraído pela sugestão (com ou sem hipnose), não tardou a revelar sua decepção em relação a este procedimento clínico.

É no artigo dedicado ao tratamento psíquico, escrito em 1890, que Freud apresenta as primeiras indicações dos motivos de sua decepção, à medida que define tal tratamento como aquele "que se inicia no psiquismo por medidas que atuam em primeiro e imediatamente sobre a mente humana"<sup>16</sup>. Freud está dando ênfase aí, a um aspecto que virá a ser o cerne da psicanálise uma vez que caracteriza tal tratamento, como aquele que preconiza fundamentalmente: "em primeiro lugar, o uso da palavra como instrumento essencial do tratamento psíquico"<sup>17</sup>.

De acordo com tudo que já examinamos a respeito da fascinação científica de Freud, seu trabalho de pesquisador passa a esbarrar com o seguinte limite: como colocar a palavra à serviço da verdade, uma vez reconhecido o poder médico autorizado pela técnica sugestiva?

Além da dependência ao médico, a cura do sintoma era apenas aparente e o poder mágico das palavras do sugestionador deveria ser questionado. A passividade do paciente, sua docilidade, obediência e credulidade eram diretamente proporcionais ao poder conferido ao hipnotizador o que é comentado por Freud como:

*Provavelmente jamais foi possuído pelo sacerdote ou pelo laumaturgo, já que concentra todo o interesse do paciente na figura daquele<sup>18</sup>.*

Analisando a relação entre paciente e hipnotizador, pode-se considerar o médico como o verdadeiro hipnotizado, quer dizer, magnetizado pelo modo como suas palavras eram capazes de produzir mudanças naqueles aos quais se dirigia.

É deste argumento que se valem Stengers e Chertok<sup>19</sup>, ao estabelecerem as relações da psicanálise com a hipnose e a sugestão, para apontarem que é no plano técnico que se dá a decepção de Freud. Defendem a posição de que esta decepção diz respeito ao problema da verdade na ciência e da neutralidade que deve caracterizar a postura do pesquisador. Cabe-nos aqui, levantar uma questão: Freud estaria preocupado com o problema da ciência conforme apontam estes autores, ou se interessou antes de mais nada pelo problema da verdade do sujeito? Sabe-se que Freud não deixa de lado a questão da neutralidade. No entanto, esta pensada em termos do tratamento, só mantém com a neutralidade científica, uma coincidência de nomes.

É frente à decepção com a sugestão, que Freud vai valorizar a experiência de Breuer com a hipnose utilizada com finalidades catárticas, encontrando aí uma ferramenta mais eficaz para o tratamento da histeria.

Involuntariamente, Breuer acaba desenvolvendo um outro método que além de visar a eliminação do sintoma, buscava também a sua causação. A catarse lhe foi apresentada pela própria paciente, conhecida como Anna O., antes ainda do estágio de Freud com Charcot. *Catharsis*, palavra grega que significa purificação, exprime deste modo, o efeito esperado da eliminação do sintoma através da ab-reação ao trauma vivido e esquecido.

A noção de trauma já estudada por Charcot, é considerada na explicação da origem dos sintomas das paralisias traumáticas e adquiridas. O que é apontado como trauma não é o choque físico experimentado, mas o susto, a surpresa e o medo dali resultantes. Deste modo, a origem do sintoma é formulada em termos de uma associação inconsciente entre o órgão afetado e a lembrança do trauma. Esta relação causa e efeito passa a oferecer os meios para agir sobre a causa, sempre ligada à idéia de trauma, tanto num caso quanto noutro<sup>20</sup>.

A catarse permite uma participação mais ativa do paciente no tratamento. Pela "talking-cure", a palavra pode se aliar ao afeto até então estrangulado pela ação do trauma; através da ab-reação, os sintomas são (temporariamente) eliminados.

A "talking-cure" por outro lado, faz suscitar algo inesperado para seu operador: a transferência. Assustado e sem ainda possuir os meios de "controlá-la", Breuer encerra o tratamento de Anna O.

Freud ao contrário, mantém-se fiel àquilo que a "talking-cure" revelara, aprendendo com seus próprios erros que nos faz conhecer através da publicação de alguns dos casos atendidos naquele período<sup>21</sup>. De sua leitura, pode-se depreender que a passagem da hipnose à associação livre, representa uma ruptura em função dos pressupostos teóricos manejados por Freud, a partir dos quais operou profundas transformações no plano técnico-clínico, visto que não se pode deixar de considerar as relações entre o uso de determinada técnica e as consequências



deste uso naquele que dela se utiliza.

Mesmo depois de operar essa reviravolta no campo de sua prática, Freud se vê ainda impregnado pelo método catártico substituindo a hipnose pela simples pressão na testa (*DRUCKMETHODE*), a fim de provocar confissões. Este artifício acaba por se revelar como um convite à resistência, razão pela qual é abandonado. Uma vez ciente da inutilidade e ineficácia do con-vencer, faz da associação livre o método de trabalho por excelência, da psicanálise, ainda que sem uma teorização precisa da transferência.

De Frau Emmy von N a Fraulein Elizabeth von R., assistimos a uma transformação radical da perspectiva teórico-técnica do tratamento, que se inicia justamente, com o questionamento da primeira, dirigido a Freud e que poderíamos resumir: com quem afinal, está a palavra?

Frau Emmy ordena a Freud que "fique quieto", que não a toque e com esta atitude pode evidenciar a brecha existente entre a ciência do médico e o saber do paciente. Ao encenar seu sintoma, Frau Emmy dirige a escuta de Freud para um discurso, o da histeria, que coloca em questão tanto aquele que o enuncia, quanto aquele que o escuta. Conforme sinalizam Chertok e Stengers: toda técnica compromete aquele que a utiliza e o situa em relação àquilo sobre que ele age<sup>22</sup>.

É graças portanto, a este ato inaugural: a instauração da associação livre como a regra fundamental do tratamento, que Freud poderá estabelecer a relação entre o sintoma e um saber particular, de modo a superar a ideologia do segredo e da confissão. Doravante, o efeito da verdade acerca do sintoma

será reconsiderado, já que se relaciona àquele que o produziu.

Ali onde a sugestão justamente fazia o sintoma calar e impedia o acesso a seu sentido particular ao impor uma grade de leitura antecipada de sua possível verdade, a associação livre ao liberar a palavra, pode evidenciar que todo o movimento do tratamento implica numa resistência à confissão, uma vez que nele, a palavra se acha soldada a transferência.

Freud, já alertado por Charcot ("mas nesses casos a coisa é sempre genital, sempre... sempre"), por Chrobak ("que indica como única receita para a histérica: "*R. Penis normalis dosim repetatur !*") e o próprio Breuer ("à histeria trai segredos de alcova"), resolve tomar estas idéias ao "pé da letra", insistindo até "conquistar-lhes um lugar entre as verdades aceitas"<sup>23</sup>.

É deste modo que Freud introduz a questão da transferência, ainda que de modo restrito em relação a seus posteriores desenvolvimentos. No capítulo sobre a "Psicoterapia da Histeria", dos "Estudos sobre a Histeria", a transferência surge pela primeira vez no sentido de falsa ligação e como uma hipótese de obstáculo no tratamento:

*A paciente pode assustar-se ao verificar que está transferindo à figura do médico as idéias aflitivas que surgem do conteúdo da análise*<sup>24</sup>.

Freud neste momento, admite a transferência como um desejo antigo que o paciente se vê compelido a associar à figura do médico e que tem o poder de provocar a mesma emoção vivida no passado:

*O conteúdo do desejo aparecera primeiro na consciência da paciente sem quaisquer lembranças das circunstâncias ambientais da época passada. O desejo que estava presente foi então, devido à compulsão de associar que era dominante em sua consciência, ligado à minha pessoa, com a qual a paciente estava legitimamente preocupada; e como resultado dessa mesalliance — que eu descrevo como uma ligação falsa — foi provocada a mesma emoção que forçara a paciente muito antes de repudiar esse desejo proibido<sup>25</sup>.*

A associação livre faz surgir a transferência de modo quase espontâneo revelando assim, o vínculo indissociável entre inconsciente, transferência e sexualidade. Freud ainda prossegue dizendo que:

*Descobri que uma transferência e uma falsa ligação ocorreram mais uma vez. O que é de se estranhar bastante, é que, a paciente é enganada novamente toda vez em que isso se repete<sup>26</sup>.*

Desta "estranheza", Freud recolhe os elementos para construir um campo onde o saber é enganoso, justamente porque escapa ao sujeito. Baseado no surgimento da transferência sob forma francamente sexual, Freud desenvolve sua teoria sobre a origem sexual das neuroses, através da qual o sintoma passa a ser definido como "realizações de desejos sexuais", efetuadas de maneira deslocada, modificados por compromissos com a defesa.

A idéia assim esboçada da transferência como "deslocamento" para a figura do médico de um desejo recalcado que será conceituada de modo mais específico em seus Escritos Técnicos, desde já anuncia o caráter enigmático e contingencial da sexualidade para o sujeito humano, conforme nos é apresentado através dos "Três Ensaio sobre a sexualidade".

Neste estudo, é sobretudo com a afirmação da existência de uma sexualidade infantil perversa e polimorfa que Freud faz explodir as concepções moralizantes acerca da sexualidade humana, até então vigentes. Baseando-se não apenas nas manifestações infantis da sexualidade, põe em destaque que a estrutura originária do ser humano é perversa e polimorfa, observando que os mesmos elementos da sexualidade infantil encontram-se presentes tanto nas chamadas perversões do adulto, quanto na neurose. A única diferença consiste em que enquanto na perversão, essa polimorfia é posta em ação, na neurose, pelo efeito do recalque, será transformada em sintomas. Indicando a "neurose como o negativo da perversão", Freud tenta derrubar a fronteira que separava o normal, do patológico.

Promovendo o alargamento do campo sexual, reduzido até então, ao plano genital, Freud introduz o conceito de pulsão (*Trieb*), nuclear na teoria psicanalítica e essencial para tratar a especificidade da sexualidade humana. Esta, ao contrário das demais espécies animais não obedece aos padrões já fixados pelas leis biológicas e pela hereditariedade, determinantes de comportamentos inalteráveis.

A diferença conceitual entre instinto e pulsão configura o caráter anti-natural da sexualidade humana, sendo esta especificidade, responsável por uma verdadeira disposição neuropática geral, nos falantes.

É deste ponto que se ressalta todo o aspecto revolucionário e a própria virulência do discurso freudiano. Articulando inconsciente e sexualidade, toda a noção de verdade e de eficácia na clínica tem que ser refeita. É também daí, que pode ser superada a relação objetivamente que o ideal positivista herda do cogito cartesiano, onde o pensamento coincide com o percebido, com o dado imediato.

Encontramos nas considerações realizadas por Bercherie em seu estudo sobre os "Fundamentos da Clínica" uma advertência que enfatiza nosso posicionamento em relação ao presente trabalho:

*Na expressão composta clínica psicanalítica, o adjetivo torna-se mais importante do que o substantivo, ainda que se tratem de termos inseparáveis<sup>27</sup>.*

Entendemos em primeiro lugar, que, nesta passagem, o autor exprime de modo preciso, o laço indissociável entre a teoria e prática em psicanálise. É assim também que encontramos justificada nossa opção de iniciar o presente estudo, apontando e caracterizando as estratégias de fundação do campo psicanalítico.

Em segundo lugar, a advertência de Bercherie também nos oferece a oportunidade de destacar as coordenadas essenciais que marcaram a experiência freudiana, conforme nos é relatada na "História do Movimento Psicanalítico".

*Entre os novos fatores que foram acrescentados ao processo catártico como resultado do meu trabalho e que o transformou em psicanálise, posso mencionar em particular a teoria do recalque e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração dos sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente<sup>28</sup>.*

## 2.5. O PROCESSO DE RUPTURA

O abandono da hipnose que se seguiu ao da sugestão, representou um acontecimento da maior importância na experiência freudiana uma vez que, segundo Roudinesco, a psicanálise pôde assim, se constituir como "o único e primeiro método terapêutico a escapar dos fundamentos da psicologia"<sup>29</sup>. É neste sentido que a elucidação de um estatuto teórico da relação transferencial é fundamental para o que de mais radical a psicanálise pôde trazer à luz e que não pode ser confundido com qualquer outra forma de tratamento. Roudinesco compreende ainda que: "a elucidação do conceito de transferência foi um ato epistemológico tão importante quanto o da descoberta do inconsciente"<sup>30</sup>.

Justamente o que mais tarde será apontado por Lacan<sup>31</sup>, é o "esquecimento" do ato freudiano, por parte das diferentes correntes que emergem no movimento psicanalítico. Neutralizando de certa forma o que este ato introduz de mais subversivo, introduzem concepções de cura que se distanciam consideravelmente da revolução freudiana.

Tal esquecimento, que retorna como qualquer outro, sob a forma de sintoma, é qualificado por Roudinesco, como sintoma hipnótico na psicanálise, certamente encobridor dos principais alicerces que especificam seu campo.

As reformulações técnicas que culminam com o abandono da hipnose, têm seu correlato no campo teórico, no que diz

respeito à superação da teoria do trauma e da sedução, particularmente no momento em que a noção de fantasia se impõe a Freud enquanto realidade psíquica. A fantasia é dada a Freud através da palavra da histérica, na sua condição de enganada e enganadora.

É ao deixar-se surpreender pela palavra da histérica, por aquilo que se transformara em sintoma, com este *unheimlich* (o estranhamento familiar), diante do qual Freud não recua, que a cura psicanalítica passa a ser definida como o encontro de uma verdade que concerne ao próprio sujeito, ligada ao desejo e ao recalque e portanto, a um saber que lhe escapa.

Ao abordar o tema do "unheimlich"<sup>32</sup>, Freud se utiliza das palavras de Schelling, que traduz este conceito como "tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz".

Assim sendo, o *unheimlich* aponta justamente para o efeito de espanto e surpresa o qual marca a experiência do inconsciente, vivida por Freud no momento em que supera a concepção realista da neurose, baseada na teoria do trauma e da sedução, que reduzia o sintoma a ordem do acontecimento.

"Não acredito mais na minha neurótica", é a confissão de Freud<sup>33</sup> feita à Fliess que marca sua ruptura com a psicopatologia, ao reconhecer o papel desempenhado pela fantasia: sua eficácia e consistência na produção do sintoma. Conforme sintetizam Laplanche e Pontalis: "de símbolo mnémico do trauma, o sintoma torna-se então, encenação de fantasias"<sup>34</sup>.

Constitui-se pois, o *unheimlich*, como um paradigma, mediante o qual fica demonstrada a aparição da outra cena que habita o sujeito. É por aí também que podemos entender o modo



como a distinção entre verdade e ficção será totalmente redimensionada a partir dos fatos que emergem da clínica e sobretudo do mergulho de Freud em sua auto-análise, justamente no momento em que elabora seu luto pela perda do pai. É neste mesmo período que escreve à Fliess sobre suas reflexões a respeito do Complexo do Édipo, que se transformará no Complexo nuclear das neuroses. Através da lenda grega, Freud pode transmitir a seu interlocutor, o "segredo" da (sua) neurose:

*Cada pessoa da platéia foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalque que separa seu estado infantil do seu estado atual<sup>95</sup>.*

A resistência que causa a parada nas associações durante o trabalho, pode então se esclarecida através das forças do recalque que atuam sobre o desejo infantil. Do mesmo modo, reconhece no recalque da libido infantil, o primeiro motivo para a construção de sintomas"<sup>96</sup>.

A fantasia, encarada como produto e máscara das manifestações da atividade sexual infantil, torna-se o ponto privilegiado para a busca de uma teorização sobre o inconsciente.

Do mesmo modo, o abandono da teoria do trauma enquanto referido a um evento datável da história individual, em benefício da fantasia como uma construção inconsciente, irão

imprimir uma nova direção ao tratamento. Se a palavra da histérica é reveladora de alguma verdade, esta não é outra senão, a que pode traduzir a realidade psíquica, conforme nos indica Freud:

*Quando o unheimlich decorre do complexo infantil o problema da realidade material não surge; seu lugar é ocupado pela realidade psíquica. Implica num recalçamento real de algum conteúdo de pensamento e um retorno do conteúdo recalçado, não num cessar de crença na realidade de tal conteúdo<sup>37</sup>.*

Nesta passagem fica evidenciada a compreensão de Freud acerca do sofrimento neurótico, ao formular que o mesmo não resulta de um desconhecimento da realidade material, mas tão somente da pressão da realidade psíquica que aparece enquanto retorno do recalçado, sob a forma de sintoma e portanto, distorcida ou seja, como um saber não sabido.

Esta formulação acerca do sintoma veio representar o ponto da maior importância da ruptura operada por Freud. É ao requisitar a categoria de realidade psíquica, que a psicanálise permite que se opere o deslocamento do eixo norteador do discurso médico da era moderna. Podemos afirmar que para Freud, o sintoma surge como uma questão, conforme ele mesmo nos indica: "A psicanálise começou seus trabalhos com aquilo que é, dentre todos os conteúdos da mente, o mais estranho ao ego — sobre os sintomas<sup>38</sup>."

Da leitura do sintoma como uma questão, inauguram-se as

condições para se admitir que é uma questão que se coloca tanto para o paciente quanto para aquele a quem se dirige sua palavra. Assim sendo, não há lugar para o a priori. A descoberta fundamental de Freud a este respeito, é que o sintoma tem um sentido — particular e subjetivo que só se revela através da palavra.

É deste modo que a *Traumdeutung*<sup>39</sup> é apontada por Freud como sua obra principal, aquela que inaugura a psicanálise e marca seu afastamento do modelo médico. A linguagem neurótica e também a psicopatologia cedem lugar em sua prática à questão do sentido. Nesta obra, Freud apresenta sua primeira teorização acerca do inconsciente e destaca a interpretação como instrumento privilegiado do âmbito técnico-clínico.

Apesar de o conceito de inconsciente ser formulado a partir da fala das histéricas, Freud faz questão de afirmar que:

*A psicanálise não seria mais uma ciência auxiliar no campo da psicopatologia, mas antes, uma ciência nova e mais profunda do psíquico, que seria igualmente indispensável para a compreensão do normal*<sup>40</sup>.

Constituindo-se a atividade onírica numa experiência comum a todos os sujeitos, a *Traumdeutung* revelou-se como a via privilegiada para o acesso à atividade inconsciente, bem como o passo decisivo para uma nova abordagem do sintoma. É por este motivo que Freud se dedica, no capítulo sétimo, ao desenvolvimento teórico da diferença tópica entre consciente e inconsciente. Chega a conclusão de que o sonho e o sintoma

partilham de uma mesma estrutura e que ambos devem ser considerados como realizações de desejos inconscientes.

Analisemos os principais vetores que condicionam o surgimento desta primeira tópica, a fim de verificarmos suas possibilidades operatórias. Antes, caberia ressaltar que a utilização do título da obra no seu original deve-se ao fato de que *Deutung*, "traduz-se também por significância"<sup>41</sup>, conforme aponta Safouan, indicando-nos assim, que esta tradução se presta menos a mal-entendidos do que a palavra interpretação. "Deutung" sugere a interpretação singular de cada sujeito, ao sentido de seu desejo, que só comparece de forma distorcida no texto manifesto do sonho, no seu relato, assim como na palavra veiculada pelo sintoma.

Através da tese inédita sobre o sonho como realização de desejo, a *Traumdeutung* testemunha a relação do homem com a linguagem, o que fundamenta toda a técnica da análise. Se no primeiro momento, através da "talking-cure", a palavra era utilizada para descobrir traumas sexuais esquecidos, aqui a palavra coloca em jogo a interpretação<sup>42</sup>.

Freud compara o sonho a um rébus, ou seja, um jogo de palavras, um tipo de enigma a ser decifrado que aponta para a outra cena. Tal formulação pressupõe as conclusões extraídas por Freud, acerca da elaboração onírica.

Pela elaboração onírica, Freud teve acesso à passagem original do desejo à sua tradução no sonho. Esta passagem realiza-se de acordo com as leis de funcionamento do processo primário — condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*) — consideradas como leis da elaboração onírica.

Essas operações representam os processos utilizados através dos quais são elaboradas diferentes formas de fazer "falar" o desejo. São portanto essas, as operações essenciais do sonho. Conforme nos diz Freud: "no processo de transformar os pensamentos latentes no conteúdo manifesto de um sonho, encontramos dois fatores em ação: condensação e deslocamento"<sup>43</sup>.

Por condensação entende-se o mecanismo através do qual os pensamentos oníricos no processo de elaboração, são objeto de uma compressão. Daí resulta a criação de "analogias novas, artificiais e fugitivas e, em vista disso, se satisfaz [a elaboração] mesmo em empregar palavras cujo som admite diferentes interpretações"<sup>44</sup>.

Quanto ao deslocamento, trata-se do processo que consiste em esfumazar ao nível do conteúdo manifesto o que era significativamente importante ao nível do conteúdo latente, devido ao deslizamento das intensidades psíquicas, dando a impressão de uma falta de lógica.

O estudo da elaboração onírica permitiu a Freud, explicitar características notáveis e importantes dos processos inconscientes. O trabalho do sonho desconsidera a negação, empregando os mesmos meios de representação para expressar opostos. Neste sentido, Freud posteriormente reconhece que o comportamento da elaboração onírica é idêntico a uma peculiaridade das línguas antigas, como por exemplo, no vocabulário egípcio, onde existem grande número de palavras com dois significados, sendo um o oposto exato do outro. Além disso, neste vocabulário encontramops palavras compostas, além

daquelas que combinam significações antitéticas, nas quais dois vocábulos de significados contrários se unem e formam um composto cujo significado retém apenas um de seus dois elementos — assim "longe-perto", enquanto conceitos contraditórios, "combinam-se de maneira intencional" sem com isto implicar na produção de um terceiro conceito, mas apenas exprimindo o significado de um deles<sup>45</sup>.

É neste sentido que Freud vem sustentar a presença de uma sobredeterminação tanto nos sonhos, quanto nos sintomas, destacando aí que ambos "remetem a elementos inconscientes múltiplos que podem organizar-se em sequências significativas diferentes, cada uma das quais, a um certo nível de interpretação possui a sua coerência própria"<sup>46</sup>.

O trabalho psicanalítico com o sonho pôde revelar que a verdade do desejo acaba por indicar-se por si mesma, uma vez que a significação ausente podia emergir quando, vencidas as resistências, o texto latente, inconsciente, finalmente conseguia ultrapassar a barreira do recalque. A ausência de significação no texto manifesto "indica apenas que ela está por vir"<sup>47</sup>.

Não se trata mais de "resistência à confissão", como se a verdade estivesse escondida em algum lugar. Antes, trata-se de uma impossibilidade do sujeito reconhecer no texto manifesto, a significação cifrada e articulada na linguagem onírica. Daí, diz Freud, o trabalho analítico percorrer o sentido inverso, procedendo ao deciframento do desejo articulado no sonho, utilizando-se da regra fundamental da livre associação, uma vez que o inconsciente se afirma na experiência psicanalítica,

quando novamente articulado à palavra.

A questão do tempo desempenha aí, um papel fundamental. É só no a posteriori que o texto inconsciente ganha sentido. Freud sustentava assim, que o importante no trabalho analítico não era exatamente o sonho, mas o seu relato, a partir do qual a significação efetiva pode emergir e que, portanto, só no tempo do depois seria reconhecida como tal. Deste modo, qualquer outro procedimento, que busque elucidar o enigma onírico sem recorrer à ajuda das associações manifestas do próprio sonhador, seria arbitrário, tornando-se inoperante para produzir os resultados esperados.

Ao falarmos de trabalho interpretativo surge a questão: quem interpreta? Seria o analista? Seguindo as indicações da *Traumdeutung*, a posição do analista em nada se compara aos antigos decifradores dos sonhos. Ao contrário, Freud trata de mostrar ali, que a significação pode emergir num momento certo — nem cedo demais, nem tarde demais — surge enquanto revelação. Deste modo podemos pensar que a posição do analista não se confunde com a de intérprete, posição esta que pertence antes, ao próprio inconsciente do sonhador, uma vez que as representações recalçadas se constituem como verdadeiras interpretações dadas pelo sujeito, às questões do desejo; em função do golpe sofrido pelo recalque, estas lhe escapam ao conhecimento.

Neste sentido, a regra fundamental ao ser enunciada no início do tratamento, introduz esse lugar terceiro — o inconsciente — entre os participantes da cena psicanalítica, de onde justamente explode a significação que será recolhida por

ambos. O que surge portanto, na análise é uma verdade que não pertence nem ao analista nem ao analisando, mas que remete antes, à própria trama das representações inconscientes.

Isto nos conduz a pensar na função do analista enquanto um catalisador: aquele que "ativa o processo terapêutico sem no entanto tornar-se um reagente, sem por isso introduzir elementos pessoais na verdade que se trata de fazer surgir"<sup>48</sup>.

É também assim, que o estatuto do sintoma e do sonho, enquanto formações do inconsciente, levantam a questão de como um desejo censurado pode se revelar na experiência psicanalítica e aí ser reconhecido enquanto uma verdade ligada à história particular do sujeito.

Este posicionamento ilustra o modo como a técnica freudiana encontra-se totalmente subordinada ao inconsciente, o que equivale a dizer que o compromisso fundamental de Freud é com a verdade. Esta pode ser considerada como a fonte e o motor de toda a ação freudiana e cria o laço indissolúvel que liga a psicanálise ao conceito de inconsciente. Conforme afirma Lacan, "com o nome de inconsciente, Freud deixou a verdade falar"<sup>49</sup>. Portanto, a verdade em psicanálise não é um objeto e muito menos uma coisa a ser buscada — a verdade simplesmente "fala" sob a condição de "saber escutá-la".

Insistir que o analista é quem realmente interpreta o sonho ou o sintoma, seria o mesmo que admitir a existência de uma verdade a priori, que desconhece a particularidade do desejo que se condensa no sintoma. Esta questão implica no estabelecimento de fronteiras nítidas que irão diferenciar a prática psicanalítica da prática psiquiátrica.



Em sua conferência "Psicanálise e Psiquiatria"<sup>50</sup>, Freud denuncia a falta de escuta da neurose por parte dos psiquiatras e que se evidencia pela preocupação da segunda, em diagnosticar. Já tendo claro para si, as resistências que suas teses suscitavam, Freud adianta a seus ouvintes que não tinha o intuito de convencer ninguém, mas de tentar derrubar preconceitos. A questão de "con-vencer" é para a sugestão e já algum tempo a psicanálise dela se distanciara. Afirma que "o que se opõe a psicanálise não é a psiquiatria, mas os psiquiatras".

A psicanálise, segundo Freud, vem justamente apontar para os limites dessa postura diagnosticadora, ao estender suas pesquisas sobre os sonhos e o sintoma, para outros atos sintomáticos presentes na psicopatologia da vida cotidiana, como os lapsos de linguagem, os esquecimentos e os chistes, nos quais a determinação inconsciente do desejo emerge de forma inequívoca. Nestes atos, a relação problemática do homem com seu discurso se torna evidente e demonstra de que maneira o inconsciente lança mão de uma verdadeira retórica para falar o desejo. É justamente o desejo que se acha excluído do discurso médico, sendo aí substituído pelo rótulo do diagnóstico e pela abordagem fenomenológica do sintoma.

O estudo das formações do inconsciente, ao circunscrever a relação entre inconsciente e linguagem, alimenta a ambição de Freud de que o "futuro poderia atribuir muito maior importância à psicanálise como a ciência do inconsciente, do que apenas como um procedimento terapêutico"<sup>51</sup>.

Esta ambição se justifica uma vez que, contrariando os

ideais médicos, Freud insiste no fato de que a psicanálise efetua sua pesquisa sem considerar qualquer efeito benéfico imediato; ao final é que cada parcela do conhecimento poderá produzir efeitos terapêuticos"<sup>52</sup>. Ou seja, a cura é algo que vem por acréscimo e não o objetivo primeiro visado pela análise. Quanto a esta questão, Freud ainda nos diz:

*A psicanálise não atua como uma panacéia conveniente ("cito, tute, jucunde") para perturbações psicológicas. Ao contrário, sua aplicação tem sido essencial para tornar claras pela primeira vez as dificuldades e as limitações no tratamento de tais distúrbios"<sup>53</sup>.*

O estatuto da teorização freudiana sobre o inconsciente só poderá ser apreendido em sua radical especificidade uma vez articulado ao caráter inédito de sua teoria sobre a sexualidade humana.

Na abordagem do sonho como realização de desejo, o que está em jogo é justamente o sexual, aspecto este considerado por Freud em sua surpreendente e original formulação sobre o sintoma, onde afirma:

*Os sintomas da doença nada mais são que a atividade sexual do paciente. Um caso isolado jamais poderá provar um teorema tão geral quanto este; posso apenas repetir — já que não o vejo de outro modo — que a sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses e neuroses em*

geral. Quem desprezar esta chave jamais abrirá a porta<sup>54</sup>.

No entanto, Freud propõe como condição de abertura desta porta, o trabalho com a transferência, chegando mesmo a admitir que a transferência é uma necessidade inevitável no tratamento analítico. Em uma de suas primeiras formulações sobre a transferência a define como:

*Novas edições, ou fac-similes dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, que é característica de sua espécie: substitui uma figura anterior pela figura do médico<sup>55</sup>.*

A questão levantada no início deste tópico acerca da importância do conceito de transferência ao lado da descoberta do inconsciente, fica aqui justificada. É o sintoma enquanto palavra que se solda à transferência que determina e configura o ato analítico em Freud.

## NOTAS DO CAPÍTULO 2

- <sup>1</sup> FREUD, S. Dois artigos de enciclopédia (1922). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVIII.
- <sup>2</sup> MdMagno, em seus seminários chama a atenção para o fato de que aquilo que é sério resulta em séries.
- <sup>3</sup> FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XX, p. 44.
- <sup>4</sup> STENGERS, I. Quem tem medo da ciência ? São Paulo, Siciliano, 1990.
- <sup>5</sup> FREUD, S. A questão da análise leiga (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XX, p. 287.
- <sup>6</sup> É a partir de Darwin que Freud afirma ter se sentido atraído pelas promessas de extraordinário avanço em relação à compreensão do mundo presente na teoria evolucionária. É isto que nos informa Freud em "Um estudo autobiográfico".
- <sup>7</sup> ASSOUN, P.L. Introdução à epistemologia freudiana. Rio de Janeiro, Imago, 1983, p. 120.

- <sup>8</sup> JONES, E. Vida e obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>9</sup> BERCHERIE, P. Fundamentos da clínica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 21. Grifo Nosso.
- <sup>10</sup> ——. Ibidem. Grifo Nosso.
- <sup>11</sup> FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V.VII.
- <sup>12</sup> BERCHERIE, P. Geographie du champ psychanalytique. Paris, Navarin, 1988, p. 120.
- <sup>13</sup> KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- <sup>14</sup> A utilização da palavra cérebro por Freud, pode ser entendida de duas maneiras: numa aproximação àquilo que vai definir como aparelho psíquico e como uma maneira de mostrar a oposição entre as formulações de Bernheim e de Charcot. Este último, defensor das alterações fisiológicas do sistema nervoso.
- <sup>15</sup> FREUD, S. Prefácio a tradução de suggestion, de Bernheim (1888). Rio de Janeiro, Imago, 1977, V.I., p. 119.
- <sup>16</sup> ——. Tratamento psíquico ou mental (1905). Rio de

- Janeiro, Imago, 1972, V. VII, p. 297. Grifo nosso.
- 17 ———. Ibidem. Grifo nosso.
- 18 ———. Op. cit., p. 312.
- 19 CHERTOK, L. e STENGERS, I. O coração e a razão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- 20 FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. III.
- 21 FREUD, S. e BREUER, S. Estudos sobre histeria (1893). Rio de Janeiro, Imago, 1974. V.II.
- 22 CHERTOK, L. e STENGERS, I./ O coração e a razão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990, p. 58.
- 23 FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, V. XIV, p. 25.
- 24 FREUD, S. e BREUER, S. Estudos sobre histeria (1893). Rio de Janeiro, Imago, 1974, V. II, p. 360.
- 25 ———. Op. cit., p. 360-361. Grifo nosso.
- 26 ———. Ibidem. Grifo nosso.

- <sup>27</sup> BERCHERIE, P. Fundamentos da clínica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989, p. 25. Grifo nosso.
- <sup>28</sup> FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, XIV, p. 25. Grifo nosso.
- <sup>29</sup> ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, V. II, p. 167.
- <sup>30</sup> ———. Ibidem.
- <sup>31</sup> LACAN, J. Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis (1953). In> LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo veintiuno, 1988, v. 1.
- <sup>32</sup> FREUD, S. O estranho (1919). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII, p. 282.
- <sup>33</sup> ———. Carta 69 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, V. I, p. 350.
- <sup>34</sup> LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 44.
- <sup>35</sup> FREUD, S. Carta 71 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, V.I., p. 359.

- <sup>36</sup> FREUD, S. Rascunho N (1897). Rio de Janeiro. Imago, 1977, V. I., p. 346.
- <sup>37</sup> FREUD, S. O estranho (1919). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII. p. 300. Grifo nosso.
- <sup>38</sup> FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica (1933). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XXII, p. 76. Grifo nosso.
- <sup>39</sup> FREUD, S. A interpretação de sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. IV e V.
- <sup>40</sup> É importante salientar que a noção de profundidade designa aí, uma dimensão temporal ligada a história particular do sujeito e que podemos articular à noção de construção na análise. FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XX.
- <sup>41</sup> SAFOUAN, M. Seminário: angústia, sintoma, inibição. São Paulo, Papirus, 1986, p. 83.
- <sup>42</sup> É fundamental que se destaque a acepção específica da interpretação na psicanálise, na medida em que esta implica numa relação originária entre o sujeito e o sentido. Entender o sujeito enquanto efeito do sentido, só foi possível para Freud a partir do estudo do sonho e das demais formações do inconsciente.



- <sup>43</sup> FREUD, S. Interpretação de sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. IV, p. 330.
- <sup>44</sup> ——. Op. cit., p. 299.
- <sup>45</sup> ——. A significação antitética das palavras primitivas (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, V. XI.
- <sup>46</sup> LAPLANCHE, S. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977, p. 641. Grifo nosso.
- <sup>47</sup> SAFOUAN, M. Seminário: angústia, sintoma, inibição. São Paulo, Papirus, 1986, p. 83.
- <sup>48</sup> CHERTOK e STENGERS lembram-nos que na química, o catalisador não entra na reação apesar de ser encontrado, não associado, ao produto da reação. CHERTOK, L. e STENGERS, I. O coração e a razão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990. p. 77.
- <sup>49</sup> LACAN, J. La Ciencia y la Verdad (1966). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1985, V. 2.
- <sup>50</sup> FREUD, S. Psicanálise e psiquiatria (1917). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVI.
- <sup>51</sup> ——. Psicanálise (1926). Rio de Janeiro. Imago, 1976, V. XX. p. 303.

- 52 ——. Psicanálise e psiquiatria (1917). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVI, p. 302.
- 53 ——. Psicanálise (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976. V. XX, p. 303.
- 54 ——. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. VII, p. 112.
- 55 ——. Op. cit., p. 113.

## CAPÍTULO 3

## O ATO ANALÍTICO EM FREUD

A Neurose de Transferência

Podemos considerar a análise de Dora<sup>1</sup> como o momento que marca na experiência freudiana, a elevação da noção de transferência, a um conceito fundamental da psicanálise. Devido à necessidade de elucidar as peculiaridades deste tratamento, Freud se vê obrigado a teorizar sobre a transferência e situá-la como a mola mestra da psicanálise, conforme afirma em: "História do Movimento Psicanalítico":

*A teoria da psicanálise é uma tentativa de explicar dois fatos surpreendentes e inesperados que se observam sempre que se tenta remontar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado: a transferência e a resistência. Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus. Mas quem quer que aborde outros aspectos do problema evitando essas duas hipóteses dificilmente poderá escapar a acusação de apropriação indébita por tentativa de imitação, se insistir em chamar a si próprio de psicanalista<sup>2</sup>.*

Em "Psicoterapia da Histeria"<sup>3</sup>, a transferência já havia se imposto no trabalho analítico de Freud, sendo aí basicamente examinada enquanto resistência e obstáculo ao tratamento. No entanto, já podemos perceber neste texto, o esboço das idéias de Freud acerca da transferência que serão apresentadas no "Projeto" e na "Interpretação dos Sonhos". Ao descrevê-la como uma falsa ligação, a noção de transferência virá a articular-se com os processos de condensação e deslocamento, características do dinamismo inconsciente.

No "Projeto", Freud apresenta a concepção de que no aparelho psíquico, as idéias se associam de modo que uma pode ser substituída por outra, associando-se ao afeto ligado a anterior, antes que esta fosse recalçada<sup>4</sup>. Seguindo a mesma linha de articulação, na "Interpretação dos Sonhos", Freud afirma que:

*Uma idéia inconsciente é, como tal, inteiramente incapaz de ingressar no pré-consciente e que só pode exercer ali algum efeito através da ligação com uma idéia que já pertence ao último, transferindo sua intensidade para ela e ficando coberta pela mesma. Temos aqui o fato da transferência, que fornece uma explicação de tantos fenômenos notáveis da vida mental dos neuróticos<sup>5</sup>.*

Essa idéia pré-consciente que sofreu a transferência pode então burlar as defesas do ego e irromper na consciência. Freud esclarece ainda, que tratam-se de idéias inconscientes

carregadas de desejo, que através da transferência encontram sua via de expressão. A transferência na análise teria assim, a mesma estrutura; o analista exerceria a mesma função das idéias pré-conscientes que no sonho, corresponderiam aos restos diurnos: servir de pretexto para a manifestação do desejo inconsciente.

Todavia, é a partir do caso Dora que Freud pode afirmar que a análise "não cria a transferência, mas simplesmente a isola e revela"<sup>6</sup>. Ao rever sua posição em relação a Dora, percebe seu equívoco fundamental: acreditar que seu objeto de desejo era o Sr. K e não ter percebido a tempo, na transferência, que o verdadeiro interesse de Dora era a Sra. K.

Freud confessa ter ignorado as pistas valiosas que Dora lhe brindara com seus sonhos onde, retrospectivamente, Freud vai encontrar alusões nítidas, à relação transferencial. Do mesmo modo, reconhece ter sido pego de surpresa devido a rapidez com que Dora coloca o seu sintoma à disposição de seu saber médico.

Se numa primeira etapa de trabalho, Freud tentava obter por intermédio do deciframento, a eliminação dos sintomas, com Dora ele constata que não bastava simplesmente comunicar ao paciente a verdade recalcada. Dora, ao endereçar a Freud o seu sintoma, apontou-lhe para o fato de que com isto, ele passava igualmente a ocupar um lugar em sua economia psíquica, tornando-se assim, parte de seu sintoma. O reconhecimento deste fato recebe então, o nome de transferência e implica na radical impossibilidade de que na cura analítica, o analista possa recusar este lugar.

Neste sentido, o tratamento de Dora serviu para apontar

a resistência de Freud naquele momento. Ao tentar impor-lhe interpretações baseadas em sua teoria sobre o Édipo, ainda em fase rudimentar, Freud acaba despertando o mesmo desejo implacável da vingança vivida com o Sr. K. que é atuado na transferência, através da abrupta interrupção do tratamento.

A partir do fracasso com esta experiência, Freud passa a admitir que apesar de comparecer como um obstáculo na análise, a transferência torna-se a mais poderosa aliada do tratamento. O conceito de transferência tal como comparece no caso Dora<sup>7</sup>, pouco se altera, permanecendo como nomeia Lacan, "a atualização da realidade do inconsciente"<sup>8</sup>. Todavia, na medida em que "a realidade do inconsciente é sexual", os desdobramentos e as mudanças relativas à teoria pulsional, serão determinantes nas modificações que se operam no sentido da técnica, quanto ao manejo da transferência na análise.

Conforme já examinamos, a transferência aparece inicialmente como uma forma de resistência do ego, fato que apesar de Freud admitir como inevitável, considera que deva ser combatido como as demais manifestações do sintoma. Esta idéia de um combate entre forças de objetivos antagônicos, se faz presente ao longo de toda a obra de Freud. Por isto mesmo, caberia nos determos brevemente para levantar alguns aspectos relativos a esta questão. Deste modo poderemos refletir sobre o uso das metáforas militares que pululam nos escritos técnicos quando do exame das relações entre transferência e resistência, assim como em vários outros momentos de seus trabalhos teóricos.

Em primeiro lugar, deve-se considerar que para falar de um dualismo pulsional, inicialmente representado pela oposição

entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, passando depois com a teoria do narcisismo, para um antagonismo entre pulsões do ego e pulsões sexuais e finalmente, com a virada de 1920, para a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte. Freud partiu de uma constatação clínica, ou seja: a existência de uma relação conflitiva do homem com ele mesmo. Por isto mesmo, a questão de uma luta interna ao sujeito conduz Freud à afirmação de que "a resistência acompanha o tratamento passo a passo, representando uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do restabelecimento e as que se lhe opõem"<sup>9</sup>.

Em segundo lugar, dedicando-se à elucidar a dinâmica própria à transferência, Freud introduz a distinção entre dois tipos de transferência: positiva e negativa<sup>10</sup> — afirmando que a transferência guarda uma ambivalência que abrange atitudes tanto positivas de afeição, como negativas de hostilidade para com o analista. Via de regra, este é colocado no lugar das imagos constituintes do paciente, passando deste modo, a ser introduzido em suas séries psíquicas<sup>11</sup>.

Tal circunstância concorre para que Freud não hesite em chamar a transferência de amor. Baseando-se já no estudo sobre o narcisismo e na teoria da libido, Freud pode afirmar que não existe amor que não tenha seu protótipo na infância. Daí que o amor transferencial, como todo amor, torna-se uma repetição estereotipada do modo de amar do paciente e revela seu modo específico de conduzir-se na vida erótica. Caracterizando o amor transferencial, Freud nos diz:

*Em primeiro lugar, é provocado pela*

*situação analítica; num segundo, é grandemente intensificado pela resistência, que domina a situação; e, em terceiro, falta-lhe em alto grau consideração pela realidade, é menos sensato, menos interessado nas consequências e mais cego em sua avaliação da pessoa amada do que estamos preparados para admitir no caso do amor normal. Não devemos esquecer, contudo, que estes afastamentos da norma constituem precisamente aquilo que é essencial a respeito de estar enamorado*<sup>12</sup>.

Trata-se de um amor tão genuíno que não cabe contestá-lo. A neurose e a obstinação do amor caminham de braços dados, procedem dos mesmos enganos e partilham das mesmas ilusões. Como sintetiza Barthes<sup>13</sup>, o discurso amoroso "gira como um calendário perpétuo — como uma enciclopédia afetiva".

Admitindo ser o amor de transferência tão verdadeiro quanto outro qualquer, Freud verifica que não cabe ao analista repeli-lo ou afastar-se dele. Ao contrário, deve ser reconhecido como uma "situação que se deve atravessar no tratamento"<sup>14</sup>, a fim de que "a escolha objetal infantil e as fantasias tecidas ao redor dela"<sup>15</sup> possam ser reveladas — travessia que se faz graças e apesar da transferência.

Atento a estes fatos, Freud pode sinalizar que é quanto ao manejo da transferência que se apresentam as dificuldades mais sérias a serem enfrentadas no curso de uma análise. É também este o aspecto que delimita as nítidas fronteiras que separam a psicanálise do método sugestivo. Enquanto neste a



transferência "é preservada e mantida intocada, na análise, a própria transferência é sujeita a tratamento, e é dissecada em todas as formas sob as quais aparece"<sup>16</sup>.

Ao contrário da sugestão, o manejo da transferência implica na estrita observância à abstinência do analista, como princípio e regra que lhe permite lidar com a demanda incondicional de amor que lhe é endereçada — tal como um químico que deve saber lidar com forças altamente explosivas.

Não ceder à este amor, mas colocá-lo à serviço da cura, torna-se a condição indispensável para que a repetição não triunfe sobre a rememoração. A propósito desta exigência da neutralidade, Freud retoma o contraste formulado por Leonardo da Vinci entre a pintura e a escultura: enquanto esta, como a análise, trabalha *per via de levare*, "utilizando da pedra bruta tudo aquilo que encobre a superfície da estátua que ela contém", a pintura procede *per via di porre*, como na "sugestão, aplicando uma substância"<sup>17</sup>.

Retornando a questão levantada anteriormente quanto a frequência do uso das metáforas militares que é feito por Freud, podemos admitir que ao se referir ao manejo da transferência como um verdadeiro combate entre forças antagônicas, desde já se evidencia que combater adquire o sentido de analisar. As metáforas militares aludem fundamentalmente à experiência psicanalítica enquanto um espaço onde se atualizam os desejos e fantasias inconscientes que lutam por expressar-se. Vale ressaltar que neste momento, a tarefa de analisar implica na ênfase que é dada à elaboração das resistências, cabendo ao analista privilegiar a recordação em detrimento da repetição.

Este quadro conduzirá Freud a aprofundar-se sobre a natureza da resistência na análise. Conclui que ela se encontra basicamente relacionada ao recalque. Por esta razão, entende que a tarefa da análise "consiste em preencher as lacunas da memória do paciente, em remover as amnésias"<sup>18</sup>, uma vez que estas possuem importante conexão com a origem dos sintomas.

Estabelece assim, que o início do tratamento ocasiona uma mudança no modo de relacionamento que o paciente estabeleceu com seu sintoma. A regra fundamental uma vez enunciada, produz uma abertura para a transferência que propicia a substituição da neurose comum pela neurose de transferência<sup>19</sup>, na qual os sintomas adquirem uma nova significação — uma significação de transferência — que torna acessíveis à análise os antigos recalques e fantasias, expostos agora, via repetição e rememoração à transferência.

A produção da neurose de transferência deve ser tomada como o paradigma que explicita a estratégia de Freud e que recobre toda a dimensão da cura psicanalítica. A neurose de transferência é a doença artificial própria da psicanálise que remodela todo um campo de abordagem sobre o sintoma.

Neste ponto podemos considerar que enquanto a utilização do procedimento técnico da associação livre pode ser tomado como o ato inaugural da psicanálise, o ato analítico em Freud se configura no momento em que a transferência passa a ser capitalizada pela associação livre. Momento em que a palavra começa a produzir como principal consequência, o comprometimento do sujeito com seu sintoma, que passa então a

ser assumido como o índice de uma verdade que lhe escapa — um enigma a ser decifrado.

Segundo Freud, a tarefa terapêutica da análise consiste em remontar às origens do sintoma e reconstituir o conflito do qual eles surgiram, contando com o auxílio das forças da libido que eram empregadas na sua manutenção. É deste modo que a criação da neurose de transferência marca o primeiro passo da estratégia freudiana: "re-conhecer o sintoma torna-se a condição para solucioná-los"<sup>20</sup>, acontecimento este que marca o início do tratamento. Apesar de considerar sua descoberta, legítima herdeira da hipnose, Freud reafirma aqui, a distância que os separa.

Na "Dinâmica da Transferência"<sup>21</sup> Freud aborda a resistência como um fenômeno essencialmente relacionado à transferência. Uma vez acionado o dispositivo analítico, parte da libido do paciente entra num curso regressivo e, a medida em que sofre a atração dos complexos inconscientes, a resistência imediatamente se faz sentir no trabalho, anunciando a sua presença nas associações que se seguem e que invariavelmente dizem respeito ao analista:

*Quando algo no material complexo (no tema geral do complexo) serve para ser transferido para a figura do médico, essa transferência é realizada; ela produz a associação seguinte e se anuncia por sinais de resistência por uma interrupção, por exemplo. Inferimos desta experiência que a idéia transferencial penetrou na consciência à frente de quaisquer outras associações*

possíveis, porque ela satisfaz a resistência. Um evento deste tipo se repete inúmeras vezes no decurso de uma análise. Reiteradamente quando nos aproximamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada em primeiro lugar para a consciência e defendida com a maior obstinação<sup>22</sup>.

Deste modo, a resistência é uma manifestação do trabalho com o inconsciente visado pela análise e da rememoração dela exigida, implícita à regra fundamental que demanda que o sujeito fale. Em outras palavras, a resistência pode ser encarada como um sintoma que comparece na análise justamente quando algo do recalcado ameaça retornar ao sujeito, fazendo despertar a função defensiva do ego.

À medida que a análise progride e a transferência se intensifica, o recordar cede lugar à repetição:

*O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou recalcou, mas expressa-o por atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo<sup>23</sup>.*

Esta passagem ilustra o posicionamento de Freud em relação à questão da repetição. Pode-se considerar que neste período, transferência e repetição são praticamente sinônimos: "a repetição é uma transferência do passado esquecido: Todavia, ao mesmo tempo, a compulsão à repetição amplia e destaca a

relação entre transferência e resistência: "o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições de resistência"<sup>24</sup>.

A resistência se apresenta então, pelo ângulo transferencial, o que leva Freud a afirmar que "tudo que interrompe o progresso da análise é uma resistência"<sup>25</sup> — ou seja, tudo que se coloca em oposição às modificações visadas pela análise. O termo *Widerstand* (resistência) inclui justamente o sentido de oposição. É na própria fala do paciente que a resistência se materializa, sendo este o motivo que leva Freud a caracterizar como expressão da resistência, tudo que interfere no "livre" curso das associações durante a sessão, gerando um fechamento do inconsciente.

A resistência comparece na própria "materialidade do discurso"<sup>26</sup> como diz Lacan expressando-se quer por sua cessação, o silêncio, ou por uma retenção das associações — que por ação da censura — se desviam e passam a ser direcionadas para a figura do analista.

Deste modo, o manejo da transferência nos remete imediatamente à questão do tempo na análise. De saída, qualquer tentativa em abreviar o tratamento deve ser descartada, já que a própria atemporalidade do inconsciente se opõe a qualquer pretensão deste tipo. Conforme alerta Freud, deve-se dar tempo ao paciente para conhecer melhor a resistência que lhe é desconhecida"<sup>27</sup>, a fim de que possa ser elaborada durante o trabalho, sem abrir mão da regra fundamental. O manejo da transferência é o único instrumento para "transformar a compulsão à repetição em motivo para recordar", o que era a

expressão de Freud na frase: "é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*"<sup>28</sup>. A noção de elaboração (*Durcharbeiten*) é assim descrita, como o trazer à palavra — em simbolizar — o que fôra recalcado.

A elaboração das resistências implica então, num esforço conjunto do paciente e do analista: uma tarefa árdua para o primeiro e uma prova de paciência para o segundo"<sup>29</sup>. É aí que se coloca a mola mestra da análise. Se saber esperar e ser paciente, são indispensáveis para conduzir a cura, deve o analista ter primeiramente superado suas próprias resistências, já que "nenhum analista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas"<sup>30</sup>.

Esta advertência se torna útil em relação à tendência de se deixar guiar por uma contratransferência<sup>31</sup> que possa surgir durante o processo. O termo contratransferência comparece no texto freudiano designando de modo bastante preciso, o afastamento da posição de neutralidade que é requerida da pessoa do analista, na medida em que sua função no tratamento é de justamente servir de suporte de transferência. Somente deste lugar é possível converter a transferência de obstáculo, em veículo da cura.

De maneira clara, Freud pode indicar que o afastamento deste lugar equivale a uma resistência por parte do analista. A resistência do paciente por sua vez, é um dado estrutural, surgindo em momentos cruciais do tratamento, onde a palavra ausente indica a presença de algo ainda indeterminado, mas suficiente para impedir que ele possa avançar no sentido de encontrar a verdade que lhe concerne. Neste ponto, é lícito

apoia, uma vez que o valor do elemento selecionado para a resistência transferencial é puramente tático e não guarda necessariamente uma importância patogênica especial<sup>32</sup>.

Mais uma vez se afirma o manejo transferencial como o ponto crucial de toda a estratégia do tratamento. Freud chama a atenção para o fato de que, o desejo de fornecer uma solução rápida ao enigma recém instalado, só produzirá o efeito de alimentar ainda mais a resistência: quer seja por apaziguar o conflito e com isto, abreviar a duração do trabalho, quer pela possibilidade do paciente não concordar com a solução proposta, conforme se deu com Dora.

É portanto, necessário, dar tempo para que o paciente se dê conta de que as "as deformações do material patogênico não podem por si só, oferecer qualquer proteção contra a sua revelação"<sup>33</sup>. Somente a via dolorosa da transferência é capaz de transmitir ao paciente, a convicção da existência e da eficácia do desejo recalçado.

### Repetição, Transferência, Construção

Em 1920, com "Mais Além do princípio do Prazer", o tema da resistência e da repetição é retomado e examinado à luz da teorização sobre a pulsão de morte, impondo profundas mudanças no plano da técnica.

O foco do tratamento que era o de preencher as lacunas da memória, distinguia a psicanálise como "arte interpretativa" e tecnicamente, tratava-se de sobrepujar a resistência. Agora,

Freud pode afirmar que "o inconsciente ou seja, o recalçado, não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento"<sup>34</sup>.

Ao contrário, o inconsciente insiste em abrir seu caminho à consciência. As resistências durante a cura, provêm do ego, consciente e inconsciente e funcionam sob a influência do princípio do prazer, enquanto a compulsão à repetição está presente no inconsciente e se vincula à pulsão de morte.

A compulsão à repetição comparece agora, como um fato novo que desafia o postulado do princípio do prazer e sua tendência a reduzir as tensões internas a um nível constante: "a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer"<sup>35</sup>.

Freud baseia-se em fatos já descobertos, que fundamentalmente atestam esta insistência repetitiva — mais além do princípio do prazer — e que recebe o nome de pulsão de morte<sup>36</sup>:

— o brincar infantil como repetição de experiências agradáveis ou desagradáveis;

— a compulsão à repetição na transferência, principalmente ilustrada pela reação terapêutica negativa, enquanto um tipo de resistência à cura ligada a um sentimento de culpa inconsciente;

— as neuroses de destino, enquanto acontecimentos infelizes que se repetem na vida do sujeito;

— sonhos traumáticos.

Estes fenômenos tomados como parâmetros, definem



economicamente o trauma, como um excesso pulsional que coloca fora de ação o princípio do prazer e impulsiona o aparelho psíquico à tarefa de dominar este transbordamento pulsional que permanece como um resto psiquicamente inassimilável. Daí, que a insistência repetitiva aponta de modo inequívoco, para a tentativa de ligar psiquicamente estas somas de excitação a fim de liquidá-las<sup>97</sup>.

A noção de ligação, utilizada já no "Projeto, com referência ao processo secundário e ao ego, passa agora a designar também um mecanismo inerente ao processo primário, responsável pela estruturação das fantasias primárias. Portanto, a ligação se submete às leis do processo primário e implica na formação de cadeias associativas<sup>98</sup>.

Desta forma, o trauma se constitui como uma fratura, como algo que, impedido de participar do universo simbólico, permanecerá como a matriz da própria insistência repetitiva. Nos fenômenos clínicos abordados, o esforço fracassado do ego para dominar e ab-reagir às situações traumáticas, presentificam o trabalho silencioso que é exercido pela pulsão de morte, que funda a repetição.

Com "Mais Além do Princípio do Prazer", Freud é conduzido a modificar sua concepção a respeito da essência da pulsão, assim como dos princípios que regem o funcionamento psíquico. A pulsão de morte é reconhecida como a pulsão por excelência, uma vez que nela se afirma de forma radical o caráter conservador e repetitivo que estaria no princípio de qualquer pulsão, de "restaurar um estado anterior de coisas". Tendência esta "intrínseca ao organismo vivo, no sentido de

recuperar o equilíbrio estável que é perdido pela influência perturbadora do próprio ingresso na vida"<sup>39</sup>.

Freud conclui que "o objetivo de toda a vida é a morte"<sup>40</sup>, como expressão desta inércia inicial do ser vivo. No entanto, este caminho de volta não lhe é franqueado, impondo-se assim, o avanço, o progresso. Instala-se aí, a oposição pulsão de vida — pulsão de morte. No quadro do novo dualismo, a ligação torna-se a principal característica das pulsões de vida — "o alvo de Eros é unir e ligar, estabelecendo e preservando unidades cada vez maiores"<sup>41</sup>. A pulsão de morte ao contrário, caracteriza-se pela dispersão, pelo desligamento e pela impossibilidade de fazer-se representar psiquicamente.

A contradição surgida do fato de que o princípio do prazer estaria à serviço da morte é solucionada na medida em que a sexualidade, vista anteriormente como força basicamente disruptiva, passa a ser situada do lado da ligação. O princípio do prazer é transformado numa exigência da libido, enquanto o princípio de Nirvana "exprime a tendência da pulsão de morte"<sup>41</sup>. Este último designa algo diferente da lei de constância ou de homeostase. Sua tendência radical é de levar a excitação ao nível zero. Deste modo, a tese da pulsão de morte reafirma o que há de mais radical, pulsional e indestrutível no desejo inconsciente — o desejo é sempre desejo de morte.

A partir daí, a compulsão à repetição se inscreve na experiência psicanalítica como a estrutura que faz obstáculo à rememoração. No limite do desejo encontra-se a morte, como o irrepresentável.

O novo dualismo impõe assim, uma modificação radical na orientação do tratamento e de seus objetivos. A primeira tópica dos sistemas funcionais inconsciente, pré-consciente e consciente, torna-se insuficiente para dar conta das dificuldades técnicas que passam a se apresentar. Freud constrói uma segunda tópica, sustentada pelas instâncias do id, ego e superego, na qual os fenômenos repetitivos podem ser articulados, levando em conta a origem, o conteúdo e a função de cada uma dessas estruturas e suas relações de dependência.

Não se trata de uma oposição entre uma tópica e outra; tampouco de fazer do id um novo inconsciente. O termo id ("isso"), atrai Freud justamente por traduzir, de acordo com Groddeck, a idéia de que "somos "vividos" por forças desconhecidas e indomináveis"<sup>42</sup>. Além disso, Freud cita Nietzsche que designaria das Es como "o que há de não pessoal e, por assim dizer, de necessário por natureza no nosso ser"<sup>43</sup>.

O limite da primeira tópica reside no duplo significado do termo inconsciente: dinamicamente ligado ao recalcado e descritivamente incluindo um conteúdo latente. Em "O Ego e o Id", Freud pode destacar que o ego, instância recalcante e suas operações defensivas são, em sua maior parte, também inconscientes. Deste modo, o ego inconsciente comporta-se dinamicamente como o recalcado, o que é observado através da resistência na análise e do sentimento de culpa inconsciente presente na neurose obsessiva e na melancolia<sup>43</sup>.

Além disso, o ego já não é definido por um tipo de energia pulsional específica (pulsões do ego), já que agora é o id que inclui, na origem, o novo dualismo pulsional. É neste

sentido que o id é concebido como o grande reservatório da pulsão, mas nem por isto caberia atribuir-lhe uma radical ausência de organização. Ao contrário, o id deve ser encarado como uma forma de organização psíquica, diretamente ligada à oposição dialética pulsão de vida/pulsão de morte, já examinada.

Pode-se por isto mesmo considerar que o "lugar"<sup>44</sup> do id corresponderia na primeira tópica, à noção de recalque originário, como o momento mítico onde se instaura a divisão do sujeito e que escapa a qualquer tentativa de simbolização. Atribuindo sua origem, à experiências excessivamente fortes, o recalque originário permanece como a cicatriz (traumática) que marca a forma, mais primitiva da relação entre a pulsão e sua inscrição nos representantes psíquicos. Freud chega a afirmar que "o fator de fixação no recalçamento é a compulsão à repetição do id inconsciente"<sup>45</sup>.

A partir da segunda tópica, a noção de trauma se renova para além de qualquer referência à neurose traumática propriamente dita. O sintoma neurótico nada mais significa do que a forma como cada sujeito encontra para "falar" de seu encontro traumático com a sexualidade. O desamparo (*Hilflosigkeit*) infantil para dominar esta situação, correlativo à sua total dependência do outro materno, influencia de forma decisiva a estruturação do psiquismo e das fantasias inconscientes.

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"<sup>46</sup>, o estado de desamparo torna-se o protótipo da angústia neurótica, que é encarada essencialmente como angústia de castração. O sintoma pode ser aí analisado, como já, uma proteção, uma defesa para

manter o recalcado e evitar a reprodução da angústia.

No tratamento, isto se manifesta sob a forma de resistência, sendo a razão pela qual Freud sustenta que a noção de resistência deve ser tomada como fundamentalmente ligada à operação analítica, já que esta visa justamente desestabilizar o "equilíbrio" alcançado através do sintoma.

Novamente se coloca a questão da elaboração na transferência (*Durcharbeiten*). Se por um lado, a sede da angústia é o ego (consciente ou inconsciente), atribuir-lhe toda a responsabilidade da resistência à elaboração não é suficiente. Resta ainda, por outro lado, superar a compulsão à repetição do id<sup>47</sup>, que traduz a impossibilidade do paciente dizer do recalcado.

Neste novo quadro das resistências passam a ter que ser consideradas a resistência do recalque e da transferência, oriundas do ego; a resistência do id, ligada à repetição e a resistência do superego, originada do sentimento de culpa e ligada a um masoquismo primário.

A relação assim estabelecida entre a angústia e a neurose, abre a teoria da "recordação" para uma nova dimensão. As resistências que emanam das três instâncias vêm demonstrar que o inconsciente "caminha em direção de, mas vai sempre até a metade do caminho", conforme nos diz Safouan<sup>48</sup>. O trabalho de interpretação necessita ser complementado com o de construção: "completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si".

A dimensão da construção recoloca a questão da verdade e dos efeitos de sua revelação ao paciente, no cerne da

experiência freudiana. Trata-se de tentar obter êxito, ali onde justamente o paranóico fracassa. Ou seja, aparentada ao delírio da paranóia, a construção articulada à interpretação, visa recuperar fragmentos da verdade histórica do sujeito:

*Tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada<sup>49</sup>.*

Verdadeiro processo de historicização, a dolorosa travessia da transferência possibilita reconstruir a neurose infantil construída a partir dos fantasmas primordiais do sujeito<sup>50</sup>. Falando a respeito da eficácia da construção na análise, Freud afirma:

*Com bastante frequência não conseguimos fazer o paciente recordar o que foi recalçado. Em vez disso, se a análise é corretamente efetuada, produzimos nele uma convicção segura da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança recapturada<sup>51</sup>.*

No quadro da cura, a verdade é da ordem da ficção. Não se trata mais de obter uma transcrição fiel do passado. A transferência não seria apenas a sombra de um desejo antigo, de um passado cronológico, mas sim, o suporte de um passado sempre

presente. Conforme nos diz Garcia-Rosa, "esse passado-presente é duplo: é o passado-presente do inconsciente, e também das pulsões — é a pulsão que confere realidade ao inconsciente"<sup>52</sup>.

Uma vez que não se trata de "esgotar" o inconsciente, como pensar num término da análise? Apesar dos nítidos efeitos terapêuticos que podem ser observados durante o processo, que garantias pode oferecer a cura psicanalítica?

Essas e outras questões são minuciosamente examinadas em "Análise Terminável e Interminável". A conclusão de Freud é de que toda análise esbarraria com os limites que são impostos pelo rochedo da castração. Considera que "seria difícil dizer se e quando conseguiríamos êxito em dominar este fator no tratamento"<sup>53</sup>.

Não haveria portanto, garantias quanto a possíveis recaídas. A psicanálise não promete a pacificação dos "conflitos" justamente porque deve seu nascimento à constatação da total impossibilidade de pacificar o desejo. Assumindo os riscos decorrentes deste próprio limite, Freud assinala todavia, que "podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo o incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com a castração"<sup>54</sup>.

"Transformar a infelicidade neurótica em miséria banal" — este era o objetivo primordial de Freud. A castração estabelece e reafirma o campo psicanalítico como o que "trata" da divisão do sujeito.

A leitura da segunda tópica por parte de correntes pós-freudianas foi utilizada como instrumento para a reincorporação da idéia e da pretensão de se atingir uma unidade

do sujeito. Daí resultaram práticas que baseadas num modelo predominantemente adaptativo, neutralizaram o ato subversivo de Freud. Em lugar da divisão do sujeito, passaram a evocar-lhe a unidade.

Ao longo deste percurso onde traçamos os fundamentos da clínica psicanalítica, tivemos a oportunidade de destacar que a psicanálise se opõe a qualquer síntese. Sua intervenção clínica, conforme nos afirmou Freud, não se oferece como fundamento de uma *Weltanschauung* — uma visão de mundo — indiscutível, que "não deixa qualquer pergunta sem resposta ou problema sem solução"<sup>55</sup>.



## NOTAS DO CAPÍTULO 3

- <sup>1</sup> FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. VII.
- <sup>2</sup> FREUD, S. História do movimento psicanalítico (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, V. XIV, p. 26.
- <sup>3</sup> FREUD, S. Psicoterapia da histeria (1895). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. II.
- <sup>4</sup> FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895). Rio de Janeiro, Imago, 1977, V. I.
- <sup>5</sup> FREUD, S. Interpretação de sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. V, p. 599.
- <sup>6</sup> FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. VII.
- <sup>7</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 113.
- <sup>8</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 113.
- <sup>9</sup> FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). Rio de

- Janeiro, Imago, 1969, V. XII, p. 138.
- <sup>10</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 140.
- <sup>11</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 134.
- <sup>12</sup> FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII, p. 219.
- <sup>13</sup> BARTHES, R. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- <sup>14</sup> FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII, p. 216. Grifo nosso.
- <sup>15</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 217.
- <sup>16</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). Terapia analítica. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVI. Grifo nosso.
- <sup>17</sup> FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. VII.
- <sup>18</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). Fixação em traumas - o inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVI, p. 333.

- <sup>19</sup> FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII.
- <sup>20</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O sentido dos sintomas. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVI.
- <sup>21</sup> FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). Rio de Janeiro, Imago, 1969. V.XII.
- <sup>22</sup> FREUD, S. Op. cit. p. 138.
- <sup>23</sup> FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII.
- <sup>24</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 197.
- <sup>25</sup> FREUD, S. Interpretação de sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. V, p. 551.
- <sup>26</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Seminário 1. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>27</sup> FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII.p. 202.
- <sup>28</sup> FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. XII, p. 143.

- <sup>29</sup> FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII.p. 202.
- <sup>30</sup> FREUD,S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, V. XI, p. 130.
- <sup>31</sup> FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915). Rio de Janeiro, Imago, 1969, V. XII, p. 210.
- <sup>32</sup> FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). Rio de Janeiro, 1969, V. XII, p. 138.
- <sup>33</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 139.  
p. 350.
- <sup>34</sup> FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVIII, p. 32.
- <sup>35</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 48.
- <sup>36</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 54.
- <sup>37</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 45.
- <sup>38</sup> LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977, p. 350.

- <sup>39</sup> FREUD, S. Além do princípio do Prazer (1920). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XVIII, p. 54.
- <sup>40</sup> FREUD, S. Op. cit., p. 56.
- <sup>41</sup> FREUD, S. Esboço de psicanálise (1938). Rio de Janeiro, Imago, 1975, V. XXIII, p. 173.
- <sup>42</sup> LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977, p. 285.
- <sup>43</sup> FREUD, S. O ego e o id. (1923). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XIX.
- <sup>44</sup> POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Imago, 1990, p. 24.
- <sup>45</sup> FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XX, p. 178.
- <sup>46</sup> FREUD, S. Op. cit.
- <sup>47</sup> FREUD, S. Op. cit.
- <sup>48</sup> SAFDUNAN, M. Seminário: angústia, sintoma e inibição. São Paulo, Papirus, 1986.

- <sup>49</sup> FREUD, S. Construção em análise (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XX, p. 303.
- <sup>50</sup> A esse respeito consultar FREUD, S. em "Uma criança é espancada".
- <sup>51</sup> FREUD, S. Construções em análise (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XX, p. 300.
- <sup>52</sup> GARCIA-ROSA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- <sup>53</sup> FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro, Imago, V. XXII, p. 287.
- <sup>54</sup> FREUD, S. Op. cit.
- <sup>55</sup> FREUD, S. Novas Conferências introdutórias sobre a psicanálise (1933). A questão de uma Weltanschauung. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. XXII.

## CAPÍTULO 4

## A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS DIFERENÇAS

O que é o inconsciente ? Talvez possa causar um certo espanto introduzir esta questão, uma vez considerando o que até aqui já foi percorrido em relação à experiência freudiana. No entanto, o que se deseja destacar ao introduzir esta pergunta é que o dado essencial a ser extraído daquela experiência, que justamente adota como hipótese de trabalho, o inconsciente, é de tê-lo tomado como uma questão.

O inconsciente surge para Freud como um conceito forjado a partir da experiência clínica com a neurose, ou seja, como um conceito forjado a partir da constatação de que a relação entre a sexualidade e o saber humanos, é marcada pela descontinuidade.

Com efeito, existe uma afinidade absoluta entre a conceitualização freudiana do inconsciente e o caráter essencialmente enigmático do desejo humano, responsável pela relação problemática que o sujeito estabelece consigo mesmo.

Clinicamente, esta relação se manifesta sob a forma de sintoma — enigma formulado em palavras — que é endereçado ao analista, aí colocado no lugar de quem pode decifrá-lo.

Como formação de compromisso entre o desejo e a defesa, o sintoma corresponde ao retorno das idéias recalçadas e à luta

entre estas e o ego. O sintoma encarna assim, uma verdade singular que persiste sob a forma de renovados substitutos os quais não se revelam claramente para o sujeito, uma vez que representam o desejo inconsciente enquanto deslocado e inibido. Como índice de significação de uma verdade que não pode ainda ser enunciada, o sintoma implica numa satisfação que não pode ser sentida como tal pelo ego.

Para Freud, o sintoma vem significar o desejo e presentificar o trauma: o que este desejo foi na história do sujeito. Articulado ao trauma, o sintoma acarreta o sofrimento psíquico e atinge igualmente ao corpo, impondo inúmeras renúncias à satisfação pulsional. De acordo com Freud, "uma pessoa adoece de uma neurose se seu ego perdeu a capacidade de diversificar, de algum modo, sua libido"<sup>1</sup>.

O traumático segundo Freud, é o próprio encontro com a sexualidade, marcado pela falta de um objeto que possa garantir a satisfação. A angústia diante do trauma traduz-se então, como angústia de castração, entendida enquanto perda de objeto, já vivenciada em relação ao seio e às fezes durante a infância. O objeto constitui-se aí, como objeto desde sempre perdido, em torno do qual gravitará o desejo.

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"<sup>2</sup>, encontramos que a força motora do recalçamento e portanto, da neurose, é a angústia vivida diante do trauma. O sintoma produz-se assim, como uma proteção da angústia, como uma inibição que freia o movimento desejante.

A passagem pelo Édipo, que definitivamente inscreve o sujeito na ordem da cultura, sela seu destino: ser desejante,



justamente porque o inscreve no universo da falta. Esta é a "dimensão trágica" da experiência humana, já que é da própria natureza do desejo, sua insatisfação.

A lei imposta pelo desejo, acarreta a montagem de uma realidade para o sujeito — a fantasia<sup>3</sup>, que produz efeitos — os sintomas. Sintoma e fantasia constituem-se assim, como modalidades distintas de "respostas" face ao caráter errático da sexualidade humana. Haverá, como efeito da castração, um limite à satisfação do desejo, justamente porque o objeto sempre escapa ao sujeito.

O sintoma é assim, o que retorna sempre como repetição do trauma e ao mesmo tempo, carrega a fantasia inconsciente que deu origem à sua própria formação. Enquanto na medicina, o sintoma é tomado como signo<sup>4</sup> — como sinal de uma anomalia — de algum modo correlativo ao sofrimento e que se relaciona ao saber médico universalizado, para a psicanálise o sintoma se coloca antes, à favor da cura, graças à sua própria insistência repetitiva.

Lacan, ao evocar a ruptura que a psicanálise estabelece com o saber médico vigente, particularmente no que diz respeito à noção de sintoma, sublinha que a hipótese do inconsciente sustentada por Freud, pressupõe um saber, um saber falado: "o mínimo que pressupõe o fato de o inconsciente poder ser interpretado, é que ele seja redutível a um saber"<sup>5</sup>.

Encarado como um signo, a interpretação do sintoma implica num sentido prévio e exclui a subjetividade. Encarado como uma formação do inconsciente — como retorno do recalçado — o sintoma diz respeito à própria ética psicanalítica, que não

estabelece normas nem tampouco toma partido de nenhuma moral vinda de fora para abordar o sintoma.

Freud já admitira que a tarefa psicanalítica não se limita à eliminação dos sintomas. É do trabalho com o inconsciente que, por acréscimo, os sintomas podem ser desfeitos. O objetivo da cura é o de propiciar uma mudança subjetiva em relação ao próprio sintoma, desestabilizando a passividade com que o ego o suporta.

Daí as dificuldades em se contar com o ego na análise, a fim de que a passividade que é experimentada face ao sintoma ceda lugar à ações efetivas e não apenas, conciliatórias com o sintoma. O papel desempenhado pelo ego na manutenção da neurose, é enunciado por Freud nos seguintes termos:

*O ego é realmente o poder que nega e desacredita o inconsciente, mantendo-o recalcado; assim como podemos confiar em que seja justo para com o inconsciente? Os elementos mais importantes no que está recalcado são as exigências da sexualidade recalcadas, e fica bastante evidente que partindo dos pontos de vista próprios do ego, jamais conseguiríamos imaginar a importância das mesmas<sup>6</sup>.*

Distingue-se aí, a ética freudiana em seu compromisso com a busca de uma verdade particular e libertadora, que se afirma através do imperativo: "Wo Es war soll Ich werden" — "Onde isso era devo advir"<sup>7</sup> — indicativo de um verdadeiro desafio que não fornece conteúdo e muito menos uma forma.

Entendendo-se a ética como o que rege a ação do analista, o imperativo freudiano põe em destaque a relação do analista com sua prática e, como consequência, com o inconsciente.

No entanto, sabemos que a descoberta do inconsciente desdobrou-se em práticas clínicas bastante diferenciadas, restando entre elas, apenas o fato de insistirem numa referência comum a Freud.

Um exame da literatura psicanalítica pós-freudiana pode ser tomado como testemunho do surgimento de uma multiplicidade de concepções da cura psicanalítica, nas quais podem ser destacadas formulações a respeito da condução, do término e dos objetivos do tratamento, que demonstram o modo como o inconsciente, enquanto conceito de sustentação da clínica freudiana, acabou por distanciar-se nestas práticas, daquilo que verdadeiramente conferiu à experiência de Freud, um caráter revolucionário.

O inconsciente, visto por Freud como a "outra cena" que habita o sujeito, foi se transformando no "outro lado da consciência", gerando práticas em que o predomínio de uma perspectiva adaptativa, mais próxima de um "psicologismo", compromete a psicanálise com um "pragmatismo" que insistentemente e sem concessões, foi totalmente repudiado por Freud.

Nas diferentes formas de diálogo que os analistas estabeleceram com Freud e que nos chegam através de textos publicados, onde são exibidas as estratégias clínicas que foram adotadas, verificam-se os recortes que se efetuaram naquele

texto, de modo a privilegiar de maneira parcial suas teorizações metapsicológicas.

Deste modo, criam-se diferentes modelos, ou mais propriamente falando, diferentes línguas, herdeiras de Freud, transformando o discurso psicanalítico numa verdadeira torre de Babel.

Sem dúvida, podemos pensar na importância que a diferença desempenha em todo trabalho criativo, possibilitando modificações e abrindo caminho para elaborações mais fecundas. Além disso se coloca a questão de que a pretensão de uma ciência universal e unificada, garantida pela igualdade e pela objetividade, é justamente o que transitava no tribunal da razão positivista, com a qual Freud rompeu de maneira radical.

Entretanto, mesmo considerando-se que a ética freudiana tem como fundamento a falta, tendo tido Freud<sup>8</sup>, a chance de deixar claro que considerava sua obra incompleta e por isso mesmo, necessitando de acréscimos para o seu avanço, o que se registrou foi o oposto.

A parcialidade dos analistas na leitura da obra de Freud, reforçada pela via das filiações institucionais, levaram a uma situação de fechamento tal, que colocou em risco o projeto científico freudiano.

Criam-se disputas onde se tenta opor um Freud "certo" a um Freud "errado", um "bom" Freud a um "mau" Freud, numa tentativa de defender uma forma canônica do saber psicanalítico.

Os impasses desta situação podem ser creditados à ausência de um diálogo que privilegiasse o rigor teórico. Ao contrário, a inconsistência dos pontos de vista teóricos impede

precisar em nome do que o ritual do "setting" analítico deveria ser mantido desta ou daquela maneira, tornando inevitável o deslizamento para a defesa de interesses políticos e ideológicos, que passa a ocupar o lugar do debate teórico.

Perde-se de vista, o sentido da teorização metapsicológica de Freud, enquanto o ponto de apoio da clínica psicanalítica e de suas possibilidades de transmissão.

Como nos diz Magno: "o vigor das ideologias é maior do lado dos seus processos recalcentes do que do lado dos seus processos criativos"<sup>9</sup>. Esta declaração de Magno visa chamar a atenção para a necessidade de tomar os conceitos psicanalíticos de acordo com sua operacionalidade clínica, lembrando que "uma versão moralista e idealista da sexualidade foi transmitida aos analistas como sendo a de Freud"<sup>10</sup>. Por isto mesmo ele ainda nos acrescenta que:

*A empolgação indébita de conceitos, só serve para tranquilizar a angústia do analista que está fazendo teoria e que, não tendo serventia eficaz, na teoria, vira código de moral bastante em conformidade com certamente, a moral vigente para ele<sup>11</sup>.*

Toda a produção teórica freudiana é inseparável do deciframento feito na análise e aponta para a mesma submissão à palavra, da qual compartilham analista e analisando uma vez que, posta em vigor, a associação livre possibilita a abertura para a colocação em cena do desejo inconsciente<sup>12</sup>.

Nesta perspectiva, quando em sua assertiva, Magno menciona a "angústia do analista", nos leva a pensar na questão do "não saber do analista" face ao que é trazido sob a forma de "questão", através da palavra do analisando. A tentativa de obturar este "não saber" com teoria, resvala para um mero exercício de poder que, conforme já dizia Freud, uma vez posto nas mãos do homem, dificilmente é bem utilizado.

Na Conferência XXIV, sem desistir do estatuto científico de sua descoberta, Freud afirma: "o que caracteriza a psicanálise como ciência não é o material de que trata, mas sim a técnica com a qual trabalha"<sup>13</sup>.

Se por um lado deve-se admitir os riscos e as dificuldades na teorização de uma prática onde a realidade do inconsciente se afirma a cada caso em particular, de outro, sem negar a variedade dos sintomas clínicos e a singularidade de cada caso, deve-se admitir também, que por aí passa uma questão fundamental para a psicanálise, que é a da sua própria transmissão e sobrevivência.

Deste modo, a função do analista além de se constituir como aquela que busca produzir efeitos através do uso da palavra na análise, implica ainda em ter que dar conta teoricamente destes efeitos. Como destacou Lacan, "a arte de escutar equivale quase a de bem dizer"<sup>14</sup> afirmando-se assim, a impossibilidade de dissociar a teoria, da prática em psicanálise.

Neste sentido, tanto da perspectiva do dispositivo da cura adotado, quanto dos desenvolvimentos teóricos que elaborou,

utilizando-se de categorias e conceitos introduzidos por Freud, a corrente norte-americana merece ser citada como o exemplo mais nítido de deformação da clínica freudiana.

Fortemente influenciada pelas idéias de Anna Freud, presentes em seu estudo "O Ego e os Mecanismos de Defesa", a "psicanálise" americana e particularmente, a "Psicologia do Ego", fundada por Hartmann, realiza um trabalho de sutura que tende a excluir do pensamento freudiano suas ambiguidades, centrado predominantemente em suas elaborações mais racionais e psicologizantes<sup>15</sup>.

De acordo com seu próprio nome, a Psicologia do Ego passa a privilegiar o ego em detrimento do inconsciente. Formulando a existência de uma região do ego, "autônoma" e "livre de conflitos", este passa a ser encarado como o sujeito "objetivado" a quem se dirige o analista, cabendo-lhe "analisar" as "defesas" de um ego prevenido e artiloso.

O que daí resulta, é uma perspectiva do tratamento que se reduz à "análise das resistências", a partir do deciframento não mais, das formações do inconsciente, mas das "intencionalidades" egóicas e o seu desmascaramento, partindo da idéia de que toda defesa seria sinal de "patologia" e de que o ego (pólo da defesa) é o responsável pela divisão vivida pelo sujeito.

A "patologia" é pensada essencialmente em termos de uma "imaturidade egóica", configurando-se a idéia de "ego forte" e "ego fraco". Aproxima-se assim, dos aspectos normativos da psiquiatria, sendo o tratamento valorizado como um processo de "aprendizagem" que deve favorecer a "integração do ego".

Conforme diz Bercherie<sup>16</sup>, o princípio norteador da concepção da cura na Psicologia do Ego, aponta para uma postura "para-psiquiátrica de exterioridade pericial e normativa", que idealiza um funcionamento normal do psiquismo.

Partindo de uma interpretação genética e biologizante da metapsicologia freudiana, a Psicologia do Ego, apoia-se na segunda tópica, tomando-a como paradigma de um funcionamento psíquico maturacional que reduz o inconsciente a um pólo "instintual" da personalidade (id), e concede ao ego uma posição de mestria, cabendo-lhe o controle e a "neutralização dos conflitos que emergem dos perigosos "instintos". O ego deve portanto, "ajustar-se" à realidade externa para realizar uma suposta autonomia.

Com isto, a teoria freudiana da sexualidade sofre uma total distorção. A sublimação passa a ser encarada como um tipo de defesa que faz excessão e como o mecanismo que garante a neutralização das "pulsões agressivas", sempre na dependência da força egóica. Temos assim ao mesmo tempo, uma recusa fundamental da pulsão de morte e um "desconhecimento" acerca das vicissitudes da libido introduzidas por Freud.

Trata-se portanto, de um regresso a uma "entificação"<sup>17</sup> que implicitamente contaminará tanto a concepção freudiana da neurose como as possibilidades de seu manejo técnico, escamoteando-se que a lógica da constituição da segunda tópica só vem reafirmar o caráter inexorável da angústia de castração e os desdobramentos da teoria do recalque introduzidos na primeira tópica.



Ao levar em conta os desvios apontados, bem como suas ramificações, ainda que não tão explícitas, no contexto mais amplo do cenário psicanalítico, Lacan dá um passo decisivo ao denunciar a degradação da experiência psicanalítica, decorrente do empobrecimento do rigor teórico e do privilégio concedido a uma prática padronizada pela aplicação de regras técnicas que pareciam não poder mais levar em conta as realidades clínicas singulares, por onde o desejo inconsciente encontrasse a chance de se fazer escutar, o que equivalia a um recalque de Freud no próprio campo por ele fundado<sup>18</sup>.

Em seu primeiro momento, Lacan aponta para o modo como os dispositivos de cura perdiam de vista, de forma irrecuperável, a principal ferramenta da cura psicanalítica: a palavra. Em outros termos, a maneira pela qual a palavra era utilizada, escamoteava seu aspecto por excelência, revelador do inconsciente.

Enfatizando que a "psicanálise não é uma terapêutica como as demais", Lacan, em "Variantes da cura-tipo", evoca um rigor ético, fora do qual toda cura, mesmo forrada de conhecimentos psicanalíticos, só pode ser psicoterapia<sup>19</sup>.

Esta distinção entre psicanálise e psicoterapia torna-se mais nítida no momento em que Lacan denuncia o modo como a função da fala passou a ser negligenciada no tratamento, sendo substituída gradativamente, por uma necessidade de objetivação da prática psicanalítica, onde se passou "a analisar o comportamento do sujeito para aí encontrar o que ele não diz"<sup>20</sup>.

A fim de fundamentar suas críticas à leitura adaptativa da obra de Freud, realizada sobretudo, pela Psicologia do Ego, Lacan lembra que para Freud, "entre o sujeito do inconsciente e a organização do eu, não há apenas dissemetria absoluta, porém diferença radical"<sup>21</sup>.

Portanto, a idéia de adaptar o sujeito à realidade proposta pela Psicologia do Ego, implica desde logo que se questione a própria noção de realidade que vigora neste discurso. Seguindo as indicações de Freud, à psicanálise importa a realidade psíquica do sujeito, vale dizer, a realidade desejante, montada pelo próprio movimento pulsional e que, conseqüentemente, não admite qualquer "julgamento" externo a ele mesmo, mas sim, o seu "reconhecimento", através de sua simbolização na análise.

Abordando esta questão dos desvios em seu seminário sobre o "Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise", Lacan assim se pronuncia:

*Isto não teria por quê comover-nos se não passasse de um conflito entre escolas, entre retrógrados e avançados, entre ptolomaicos e copernicianos. Mas isto vai muito mais longe. Trata-se do estabelecimento de uma cumplicidade concreta, eficaz, entre a análise, manejo libertador, desmistificador, de uma relação humana, e a ilusão fundamental da vivência do homem, pelo menos a do homem moderno<sup>22</sup>.*

Face a estas questões, Lacan considera imprescindível uma reflexão sobre a aplicação do termo "psicanálise" a métodos terapêuticos completamente distintos, baseados em postulados que assimilam a relação analítica a uma relação médica ou francamente mais próxima da psicologia, onde se destaca o estreito vínculo entre o saber constituído de seus operadores e o poder que lhes é atribuído em função deste saber.

A propósito desta situação e sua estreita afinidade com o método sugestivo, o tipo de prática que é denunciado por Lacan, encaixa-se no que Freud qualificara de psicanálise selvagem e que alude a uma certa atitude do analista que encontraria na sua ciência a justificativa do seu poder.

Freud formula explicitamente os riscos de uma ambição terapêutica por parte do psicanalista ao considerar "que os pacientes sofrem de uma espécie de ignorância", da qual podem ser curados por um efeito de convencimento<sup>23</sup>.

Trata-se de um posicionamento onde a cura é concebida à medida da relação especular que o analista estabelece com a teoria, mantendo-o prisioneiro de uma abordagem puramente fenomênica e adaptada aos elementos da teoria. A este respeito, Lacan considera que:

*Se existe uma lei cardinal da psicanálise, é a de não se falar a torto e a direito, mesmo em nome das categorias analíticas. Nada de análise selvagem; nada de chapar palavras que não têm sentido a não ser para o próprio analista<sup>24</sup>.*

A especificidade do tratamento psicanalítico se traduz por todas as implicações da colocação da regra fundamental da associação livre proposta ao analisando e seu correlato, a atenção flutuante do analista.

Se a associação dita "livre" implica nessa possibilidade de abertura para a colocação em cena do inconsciente, é somente por sua contrapartida, do lado do analista, em não privilegiar "a priori" qualquer elemento do discurso que lhe é endereçado, não decidindo "precipitadamente" quanto a seu sentido. Só assim aquela abertura poderá ser mantida. É justamente neste ponto que Lacan inicia o questionamento sobre a responsabilidade do analista, uma vez admitindo com Freud, que é somente através da palavra que o desejo inconsciente poderá integrar-se de forma autêntica no plano simbólico. Afinal, indaga Lacan, do que se trata na análise ?

*Que o sujeito possa totalizar os diversos acidentes cuja memória é guardada, sob uma forma que está fechada ao seu acesso. Ela não se abre senão pela verbalização quer dizer, pela mediação do outro, seja o analista. É pela assunção falada da sua história, que o sujeito se engaja na via da realização do seu imaginário truncado<sup>25</sup>.*

É lícito supor então, que o dispositivo analítico

através de sua regra fundamental, a um só tempo engaja o sujeito na busca de sua verdade e começa a constituir sua ignorância em relação às inibições que sua constelação sintomática propicia.

A ignorância segundo Lacan, é uma noção dialética, pois é somente na perspectiva da verdade que ela se constitui como tal. A ignorância só existe referida à verdade, sendo portanto, um estado do sujeito enquanto fala — falar é o que sela o pacto analítico.

Uma vez que a palavra pode ultrapassar toda e qualquer "intenção", o sujeito em seu discurso, diz sempre algo a mais do que pensa que sabe e conhece — sendo portanto na palavra e pela palavra que lhe pode ser confirmada a condição de sujeito dividido, barrado e descentrado.

É deste modo que Lacan explicita a dialética entre palavra plena e palavra vazia, implícita ao pacto analítico, enquanto dois extremos por onde se desenvolve e oscila a experiência da análise.

A palavra plena, como a palavra que faz ato, que forma a verdade para o sujeito, tem como contrapartida (e não somente como oposição) a palavra vazia, aquela na qual o sujeito se perde no labirinto de suas referências egóicas, situada no plano mais manifesto da fala, enquanto um meio de comunicação e expressão, pertencendo ao registro do imaginário.

Por sua vez, a palavra plena situa-se em relação ao eixo simbólico, comparecendo enquanto revelação e testemunho de uma verdade que emerge à revelia do sujeito e que produz efeitos: "o sujeito se encontra, depois, outro que não o que era antes"<sup>26</sup>.

Observamos assim, que o destaque à dialética presente no pacto analítico, permite apontar para o mal entendido presente na fórmula que entende a relação analítica enquanto uma "aliança de trabalho entre o analista e a parte sã do ego do paciente", que fortemente impregnava o contexto psicanalítico até Lacan<sup>27</sup>.

Esta fórmula, levada a extremos, transformou a análise, como diz Lacan, numa relação entre egos, não surpreendendo que deste modo, o término da análise se reduziu à uma identificação do ego ou ao superego do analista.

Sem dúvida, toda esta problemática implica diretamente na questão da análise didática. Afinal, pergunta Lacan, "o que deve ser o ego do analista, para assumir ser a medida da verdade daqueles que se confiam a sua assistência?"<sup>28</sup>.

Toda entrada em análise comporta o nível da ignorância. O sujeito interroga ao analista sobre o sintoma, desconhecendo francamente seu sentido, em função da operação do recalque. Quanto a este desconhecimento, Lacan esclarece:

*Quando dizemos que o eu nada sabe dos desejos do sujeito, é porque a elaboração da experiência no pensamento de Freud no-lo ensina. Essa ignorância não é, pois, uma pura e simples ignorância. É o que é expresso concretamente no processo da Verneinung, e que, no conjunto estático do sujeito, se chama desconhecimento<sup>29</sup>.*

Portanto, "o desconhecimento não é a ignorância" — Lacan enfatiza que o primeiro se acha representado pela própria função desempenhada pela instância do eu (o conjunto estático do sujeito) na análise, enquanto "uma organização de afirmações e de negações, a que o sujeito está ligado"<sup>30</sup>. Quanto à ignorância, convém então tomá-la como uma das paixões do ser<sup>31</sup>, ao lado de suas duas outras paixões fundamentais: o amor e o ódio.

É nesta medida, que o eu é tomado por Lacan, como um sintoma "no interior do sujeito, esse eu, não é senão um sintoma privilegiado, sintoma humano por excelência"<sup>32</sup>. Neste sentido, é possível problematizar a noção de eu proposta pela psicologia e também pelas correntes pós-freudianas — o eu não se confunde com o sujeito — é apenas uma das instâncias do sujeito, "feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados"<sup>33</sup>, tal como Freud o introduz em seu estudo sobre o narcisismo<sup>34</sup> e no qual Lacan se baseia para afirmar:

*O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram*<sup>35</sup>.

É na medida em que o analisando interroga o analista sobre seu sintoma, que o analista passa a ser aí colocado na posição de sujeito suposto saber<sup>36</sup> sobre o enigma que lhe é

apresentado. O endereçamento de um saber ao analista é correlato ao surgimento da transferência. Por isto mesmo o sujeito suposto saber (nova categoria introduzida por Lacan) é considerado como o pivô da transferência.

Podemos dizer que freudianamente, Lacan resgata a recomendação de que os analistas "esqueçam" a cada novo caso, tudo o que sabiam e de lidar com o novo caso como se este fosse o primeiro.

O saber é "suposto", logo, a ignorância deve ser considerada também da parte do analista, caso contrário, não haveria nenhum fundamento para a livre associação. A ignorância do lado do analista não vigora como paixão (neurose), nem tampouco como uma negação do saber, mas como ignorância douda, forma mais elaborada do saber, na qual pode ser reconhecido o valor de sua escuta silenciosa que, colocando em suspensão o já sabido mantém a necessária abertura para a emergência do novo.

Se de seu lado, o analista é convidado a "esquecer", o analisando por outro lado, "nunca se esquece novamente do que experimentou sob a forma de transferência"<sup>97</sup>, conforme nos diz Freud, ao afirmar a força de convicção da transferência.

Ao evocar este "não saber" do analista, Lacan põe em questão a aplicação do princípio que nodula a regra fundamental e a atenção flutuante: a neutralidade analítica, rigorosamente defendida por Freud como uma exigência que em definitivo opera a distinção entre a psicanálise e a sugestão.



A psicanálise coloca exigências: se por um lado o analista é convidado a saber ignorar, ao mesmo tempo, a ele cabe dirigir a cura. Tal paradoxo é expresso por Lacan nos termos de que o analista "dirige a cura e não, o ego do paciente", preservando assim, a necessária atitude de reserva.

Numa passagem em "Linhas de progresso da terapia psicanalítica", Freud defende com veemência a importância da neutralidade analítica:

*Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhes os nossos próprios ideais, e, com o orgulho de um criador, a torná-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom<sup>38</sup>.*

A idéia da neutralidade analítica, não qualifica a pessoa real do analista, mas a sua função, que implica em suportar a transferência. A neutralidade do analista implica portanto, em fazer valer a associação livre, não se excluindo que a intervenção do analista se faz necessária, ponto onde Lacan faz intervir a interpretação, como ato fundamental do analista e que visa o desejo que se formula em quaisquer das formações do inconsciente: sonho, sintoma, chiste ou atos falhos. Deixemos por ora, a questão da interpretação em suspensão, para retomá-la em breve.

Por isto mesmo, para Freud, a "ação" do analista acha-se implicitamente ligada à abstinência como princípio e

regra que lhe são impostas, em consequência da sua neutralidade: "O tratamento analítico deve ser efetuado, na medida do possível, sob privação — num estado de abstinência"<sup>39</sup>.

Podemos então deduzir a "abstinência", enquanto uma vacilação calculada da neutralidade do analista, se a entendermos tanto como sua recusa em identificar-se ao sujeito suposto saber, como também de não se colocar como um instrumento para a obtenção de satisfações substitutivas, equivalentes de uma suplementação desviada da falta de saber implícita na demanda que lhe é endereçada.

É ainda quanto a este "não saber" do analista, que corresponde ao "saber escutar", que Lacan promove um profundo questionamento do tema da formação do analista, encarado por Ferenczi como a "segunda regra fundamental" da psicanálise.

Ferenczi é citado por Lacan como o "autor da primeira geração, mais pertinente para questionar o que é requerido da pessoa do analista"<sup>40</sup> e um dos primeiros a por em questão o próprio sentido e o alcance da cura psicanalítica.

Em "Elasticidade da técnica psicanalítica"<sup>41</sup>, Ferenczi defendia a necessidade de se estabelecer uma "metapsicologia dos processos psíquicos" do analista durante a análise, que permitisse uma conceitualização adequada da experiência. O ensejo é de apontar o modo como a técnica se arriscava a ocultar para aquele que a utilizava, os efeitos de sua própria ação.

Ferenczi tentará definir a equação pessoal do analista, postulando a segunda regra fundamental, a didática "quem quer que queira analisar os outros deve ser antes ele próprio analisado"<sup>42</sup>.

Refere-se aí, à necessidade "da elaboração de uma higiene pessoal para o analista", de acordo com o que mais importa em sua formação: sua própria experiência da análise "a fim de vencer nele mesmo, o seu narcisismo"<sup>43</sup>.

A este propósito, Ferenczi alude à "modéstia verdadeira do próprio saber" no analista, como uma atitude que não pode ser "aprendida", mas que pode expressar uma "aceitação dos limites do próprio saber", que só poderá ser alcançada se a análise (didática) se livrar de todo tipo de intervenção superegóica e pedagogizante — "nossas interpretações devem ter um caráter de proposição ao invés de asserção"<sup>44</sup>.

Desta forma, aborda a elasticidade na prática psicanalítica, no sentido de uma valorização da escuta do singular. O analista, como um elástico e não, como um super-ego, "deve ceder às tendências do paciente", nos termos de uma "bondade sem complascência", ou seja, sem deixar-se guiar pelos próprios sentimentos, não abrindo mão contudo, de uma posição ditada pela sua própria experiência originária com o inconsciente na sua análise<sup>45</sup>, a qual, como diz Lacan, deverá ser retomada a cada nova experiência com o inconsciente desta feita, com seus analisandos.

Nessas indicações de Ferenczi, destacadas por Lacan, podemos reconhecer a tese principal defendida por Freud em seu estudo sobre a "Análise Leiga", assim enunciada:

*A questão mais importante não é se um analista possui um diploma médico, mas se ele recebeu a formação especial necessária à prática da análise*<sup>46</sup>.

É justamente em função de conflitos que explodem no interior da Sociedade Psicanalítica de Paris, relativos a iniciativa tomada por Lacan de introduzir uma técnica de sessão de duração variável<sup>47</sup>, que ia contra o regulamento tradicional, que puderam se tornar manifestas, concepções deformantes relativas à prática psicanalítica e sobretudo à didática.

Apesar dos conflitos se traduzirem por discordâncias relativas à técnica empregada por Lacan — ao mesmo tempo testemunha de sua recusa ao conformismo e de seu estilo — na realidade, conforme aponta Roudinesco, referiam-se à teoria que poderia autorizar o uso de determinada técnica<sup>48</sup>.

Colocando em questão a burocracia instalada nas sociedades de formação e os exercícios de poder daí resultantes, Lacan denuncia o aprisionamento da prática analítica a um conjunto de regras fixas, onde as "recomendações" de Freud são tomadas como tabus, motivando uma grave distorção na concepção das análises ditas didáticas, transformadas em aprendizado de "como" conduzir análises, no lugar de assegurarem o trabalho com o inconsciente, e portanto, com o desejo.

Em razão do prestígio dado à figura do didata, Lacan argumenta que a técnica "só vale, na medida em que compreendemos onde está a questão fundamental para o analista que a adota"<sup>49</sup>, propondo assim, um outro tipo de rigor, diferente do até então empregado, para avaliar a participação do analista na condução das análises.

O aprisionamento a normas técnicas vem também comprovar a aplicação de uma teoria mal digerida e que submete a análise à

organização egóica do "analista" e à promoção da contratransferência como o elemento que deveria guiar suas intervenções. A contratransferência é vista por Lacan, como a "soma dos preconceitos do analista"<sup>50</sup>.

Em relação à análise didática, Lacan insiste que aí reside um ponto nuclear: a teorização do fim da análise, tema já inquietante para Freud e como vimos, para Ferenczi. Ao longo de sua obra, Lacan elabora duas grandes abordagens sobre o assunto: uma sintetizada na idéia da análise enquanto a "travessia da fantasia" e outra, na idéia de que a análise possa promover a "identificação do sujeito ao próprio sintoma". Uma não exclui a outra.

Mais adiante teremos oportunidade de abordar estas questões. Por ora, podemos destacar que a didática adquire com Lacan uma dimensão essencial. Podemos levantar três pontos de suas argumentações sobre o assunto, que nos parecem essenciais em função do que até aqui foi apresentado:

1<sup>o</sup> — Para Lacan, não há como distinguir teoricamente, uma análise didática de uma análise não didática.

2<sup>o</sup> — Para ele também, uma análise só se revela didática "a posteriori", o que faz com que a nomeação de um analista didata só possa ser feita a partir do momento em que um analisando se torna analista — retroativamente este seria didata, mas não nomeado por um dispositivo institucional e sim, como o efeito de uma análise levada até seu termo.

3<sup>o</sup> — Lacan introduz a idéia de que "o analista só se autoriza por si mesmo:, no sentido justamente de desvincular a chamada "formação do analista" de um dispositivo hierárquico institucional<sup>51</sup>.

Apesar de ter esbarrado com impasses na colocação em prática destes dispositivos, problemáticos sem dúvida, uma vez que colocam em risco a auto-nomeação precipitada e pouco criteriosa, eles permanecem como uma das mais valiosas contribuições para se questionar o funcionamento das instituições psicanalíticas e da religiosidade que nelas se implantou.

Exemplo mais flagrante do que a religião, para ilustrar o que é uma prática obsessiva, desde Freud já sabemos que não há Nela(s) os rituais assumem de bom grado o lugar da "ação", sempre em nome da tal "igualdade do homem perante Deus". A religiosidade está para a obediência, assim como a psicanálise para a subversão.

É justamente aí que se localiza a importância da função desejo do analista<sup>52</sup>, introduzida por Lacan e que ajudou a desmitificar a forma como o imperativo da neutralidade analítica vinha sendo tratado. Logicamente, não para aboli-la, mas ao contrário, para radicalizá-la.

O desejo do analista é o desejo da pura diferença (admitindo as dificuldades que isto implica) — desejo de que a diferença compareça. Portanto, o desejo do analista não se confunde com a demanda de "querer ser analista", sendo antes, a função que coloca esta demanda em questão.

A preocupação em defender uma formalização teórica que possa dar conta do lugar do analista, ocupará uma posição fundamental em todo o percurso de Lacan. Ainda que nem sempre compareça de maneira explícita, é no conjunto dos novos conceitos que introduz, que iremos encontrar como um fio condutor, um índice de orientação para a prática psicanalítica inteiramente solidária à visão de Freud em relação à psicanálise como uma das três profissões impossíveis.

Em função de seu reconhecimento quanto às dificuldades que se oferecem ao analista para suportar o lugar que lhe é demandado pelo analisando, nos parecem infundadas as críticas que muitas vezes são dirigidas à Lacan, no sentido de ter sido apenas um grande teórico que intelectualizava em tempo integral.

Podemos argumentar, tratar-se aí de um sério mal-entendido, por ele mesmo assinalado, de se haver confundido o rigor exigido por uma formalização teórica, com um formalismo prático, baseado unicamente no que deve e no que não deve ser feito quando empreendemos uma análise<sup>53</sup>.

A este respeito, numa passagem de suas conferências americanas, Lacan declara:

*É de meus analisandos que eu aprendo tudo, que eu aprendo o que é a psicanálise. É deles que eu tomo emprestado minhas intervenções, e não de meu ensino a não ser, que eu saiba que eles sabem perfeitamente o que isso quer dizer<sup>54</sup>.*

Cabe ressaltar que Lacan não foi o primeiro e o único

psicanalista preocupado em denunciar até que ponto manejos deformantes da prática psicanalítica, inevitavelmente, motivariam o estancamento e o fracasso do projeto científico de Freud. No entanto, conforme nos diz Roudinesco, sua posição de vanguarda é conquistada na medida em que "oferece instrumentos teóricos necessários à uma reformulação realmente freudiana da obra de Freud"<sup>55</sup>.

Se como assinalou Freud, o inconsciente significa retornos, a teoria que o diz, também deve suscitá-los e esperá-los", conforme é ampliado por Nasio<sup>56</sup>.

A questão introduzida neste capítulo "o que é o inconsciente?" só toma sentido se articulada à clínica. Por isto mesmo, nos propomos a investigar a respeito da operação de Lacan sobre Freud e suas consequências na direção da cura, partindo de sua tese fundamental do inconsciente estruturado como uma linguagem.



## NOTAS DO CAPÍTULO 4

<sup>1</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O estado neurótico comum. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVI, p. 453.

<sup>2</sup> ——. Inibição, sintomas e angústia (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XX.

<sup>3</sup> Vale lembrar aqui, a importância concedida por Freud, às "proto-fantasias", concebidas como um verdadeiro "esquema organizador" da atividade inconsciente. As três fantasias típicas, ligadas à cena primária, à sedução e à castração, possuem em comum as interrogações que são feitas pela criança em relação às "origens" — à da sua própria, à da sexualidade e à da diferença sexual, respectivamente às quais responde baseando-se em seu próprio erotismo, construindo suas próprias teorias sexuais. Segundo Freud, as "proto-fantasias" representam "o núcleo de verdade histórica do sujeito", que o sintoma se incumbe de manter recalçado.

<sup>4</sup> Vale lembrar aqui, a definição de signo apresentada por Lacan, como "aquilo que representa algo para alguém". Mais adiante será abordada a reformulação efetuada por Lacan em

relação à concepção saussureana do signo linguístico.

- <sup>5</sup> LACAN, J. Le sinthome, (1976). Ornicar ?, 10, 1977, p. 7.
- <sup>6</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1926). O estado neurótico comum. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVI, p. 443.
- <sup>7</sup> Deve ser creditado à Lacan o destacamento do imperativo freudiano como aquele que rege a ética psicanalítica, retificando a interpretação que lhe foi dada nos termos de que "O ego deve desalojar o id". Tomamos aqui como referência para a distinção entre Ética e Moral, as indicações oferecidas por Lacan na introdução de seu Seminário VII. Tal distinção apoia-se sobretudo em critérios de ordem filosófica uma vez que na linguagem cotidiana, ambos os termos são utilizados como sinónimos. De acordo com uma concepção clássica, a Moral compreende o comportamento adquirido pelo homem na convivência social, enquanto a Ética buscaria determinar as condições objetivas e subjetivas do ato moral. Daí se deriva a tendência filosófica clássica de instituir a Ética como a ciência do comportamento moral do homem em sociedade. Deste modo, ao falar de uma Ética da psicanálise, Lacan nos remete a uma clínica que se ocupa do sujeito (dividido, descentrado em relação à consciência) enquanto que fala da Moral, numa referência mais psicológica, ligada ao "comportamento" do sujeito. Sobre isto, ver: LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 9-14.

- <sup>8</sup> É oportuno lembrar o quanto Freud se mostrou hermético a todo ponto de vista que relativizasse o seu, haja visto seus episódios com Jung, Adler e outros. Os acréscimos seriam bem vindos, sob a condição de uma fidelidade aos dois eixos de sustentação de sua descoberta: o inconsciente e a sexualidade. Afirmava veementemente, "que a psicanálise não é fruto de especulação, mas sim o resultado da experiência mas como todo novo produto científico, acha-se incompleta". FREUD, S. Sobre a psicanálise (1913). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XII.
- <sup>9</sup> MAGNO, Md. Estética da psicanálise: o anti-édipo. + 1. Boletim periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 78, 1989, p. 4339.
- <sup>10</sup> ———. O futuro freudiano. +1. Boletim periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 76, 1989, p. 4170.
- <sup>11</sup> ———. Estética da psicanálise: o anti-édipo. +1. Boletim periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 78, 1989, p. 4341.
- <sup>12</sup> Conforme já examinado no capítulo três, a manutenção desta abertura acha-se inteiramente na dependência do manejo transferencial.

- <sup>13</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1926). O estado neurótico comum. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVI, p. 453.
- <sup>14</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. Grifo nosso.
- <sup>15</sup> BERCHERIE, P. Géographie du champ psychanalytique. Paris, Navarin, 1988.
- <sup>16</sup> ——. Op. cit., p. 67.
- <sup>17</sup> LACAN, J. Variantes de la cura-tipo (1955). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veinterino, 1988, v. 1.
- <sup>18</sup> ——. Op. cit.
- <sup>19</sup> ——. Op. cit.
- <sup>20</sup> ——. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 112. Grifo nosso.
- <sup>21</sup> ——. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 81.
- <sup>22</sup> ——. Op. cit., p. 10.

- <sup>23</sup> FREUD, S. Psicanálise selvagem (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XI, p. 211.
- <sup>24</sup> LACAN, J. Conférences et entretiens dans les universités américaines. Scilicet. 6/7, Paris. Seuil, 1976, p. 34.
- <sup>25</sup> ——. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 323. Grifo nosso. Vale ressaltar que de acordo com sua posição estruturalista, ao mencionar a reconstrução histórica, Lacan frisa que a história não é o passado — "é o passado na medida em que é historiado no presente". Por este motivo considera que o ponto nodal desta reconstrução implica em conceber o inconsciente enquanto totalmente determinado pela ordem simbólica que pré-existe ao eu e ao sujeito. Sobre isto, consultar: LACAN, "Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise" (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>26</sup> ——. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 61-65-129.
- <sup>27</sup> A este respeito, podem ser consultadas além de outros: SANDLER, J. e outros. O paciente e o analista. Rio de Janeiro, Imago, 1974.  
GREENSON, R. Teoria e técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

<sup>28</sup> ———. Variantes de la cura-tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1., p. 324.

<sup>29</sup> ———. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 144.

<sup>30</sup> ———. Op. cit., p. 194.

<sup>31</sup> ———. Op. cit., p. 309. Segundo Lacan, por "Ser do sujeito, não entendemos as suas propriedades psicológicas, mas o que se cava na experiência da palavra, em que consiste a análise". (Op. cit., p. 263).

Numa outra passagem tal problemática pode ser melhor explicitada: "Simetricamente, cava-se no real o buraco, a hiancia do ser enquanto tal. A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantêm e oscilam, são exatamente correlativo" (Op. cit., p. 261 - grifo nosso).

<sup>32</sup> ———. Op. cit., p. 25

<sup>33</sup> ———. Op. cit., p. 199

<sup>34</sup> FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XIV.

- <sup>95</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 199.
- <sup>96</sup> ——. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>97</sup> FREUD, S. Esboço de psicanálise (1938). Rio de Janeiro, Imago, 1975, v. XXIII, p. 204.
- <sup>98</sup> ——. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XVII, p. 207.
- <sup>99</sup> ——. Op. cit., p. 205.
- <sup>40</sup> LACAN, J. Variantes de la cura-tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1, p. 327.
- <sup>41</sup> FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. Escritos psicanalíticos. Rio de Janeiro, Timbre/Taurus, s.d.
- <sup>42</sup> ——. Op. cit., p. 302.
- <sup>43</sup> ——. Op. cit., p. 312.
- <sup>44</sup> ——. Op. cit., p. 306.

- 45 ——. Op. cit., p. 311.
- 46 FREUD, S. A questão da análise leiga (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XX. p. 287.
- 47 Não nos ocuparemos por ora, em aprofundar esta questão do "tempo lógico", uma vez que esta só ganha sentido articulada à sua teorização do inconsciente.
- 48 ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, v. 2, p. 250.
- 49 LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 25.
- 50 ——. Intervenção sobre a transferência. In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- 51 ——. Proposición del 9 de octubre de 1967. Ornicar ? 11-31. Barcelona, Petrel.
- 52 ——. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 53 ——. Variantes de la cura-tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires. Siglo Veintiuno, 1988, v. 1.



- 54 ———. Conférences et entretiens dans les universités américaines. Scilicet. 6/7, Paris, Seuil, 1974, p. 34.
- 55 ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989, v. 2. p. 195.
- 56 NASIO, J.D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1980, p. 92.

## CAPÍTULO 5

## OS AVATARES DO DESEJO

O ponto decisivo da experiência freudiana é estabelecer "um mundo do desejo", fora de qualquer consideração sobre o "mundo das aparências ou das essências"<sup>1</sup>.

Esta afirmativa de Lacan além de confirmar o caráter revolucionário da descoberta do inconsciente, problematiza a ambiguidade do uso do termo desejo por parte daqueles que optaram por uma leitura adaptativa da obra de Freud.

Na perspectiva freudiana o desejo sexual não pode ser objetivado. Se isto não puder ser admitido, não há porque afirmar-se a existência do inconsciente.

Desde a "Interpretação dos Sonhos", ao introduzir a tese do sonho como realização de desejo, Freud admite que "somente um desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento"<sup>2</sup>.

Já no "Projeto" este "aparelho" comparece configurado como algo que se organiza em torno de um objeto perdido. Através de um desenho original, a apresentação deste "aparelho" permite um arranjo conceitual que decifra o funcionamento dos "fenômenos psíquicos". Trata-se em realidade, da colocação em cena do próprio sujeito — sujeito do inconsciente.

Isto equivale a dizer que o sujeito se constitui em

torno desta falta central, sendo este o dado estruturante da realidade humana — realidade esta que nada mais é do que a cicatriz de uma perda.

Lacan retira daí os elementos para demonstrar aquilo que a psicanálise oferece como um limite à ontologia — "o óntico, na função do inconsciente, é a falta"<sup>3</sup>.

Deste modo o desejo resulta desta relação do ser com a falta — "que não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe"<sup>4</sup>:

*A prova a que conduz a análise, é justamente que a maior parte daquilo sobre o qual o sujeito crê ter a certeza refletida é para nós apenas a disposição superficial, racionalizada, secundariamente justificada, daquilo que seu desejo fomenta, que dá a curvatura essencial a seu mundo e à sua ação<sup>5</sup>.*

### Uma Tópica do Desejo

Com base nestes fundamentos, Lacan acrescenta à metapsicologia freudiana, uma nova tópica — uma tópica do desejo<sup>6</sup> — considerando o jogo recíproco dos três registros que estruturam a realidade humana, a saber: o real, o simbólico e o imaginário.

Sem dúvida, é a introdução desta tríade que permite

re-situar o campo de atuação e intervenção do psicanalista a respeito do inconsciente, uma vez que ela se constitui como a matéria prima da produção e da formação da categoria de sujeito no pensamento de Lacan. Fora destas referências, torna-se praticamente impossível apreender a revolução freudiana e a técnica que daí advém.

A partir da tripartição estrutural real-simbólico-imaginário, Lacan elabora uma abordagem metapsicológica que, ao contrário de anular as tópicas freudianas, permitirá uma redescoberta da clínica que faz realçar ainda mais as construções metapsicológicas de Freud. Em lugar de teorizações quase espontâneas e intuitivas sobre o tratamento, até então fortemente apoiadas na noção de contratransferência, a introdução dos três registros a um só tempo constitui-se como elucidativa das teses freudianas sobre o funcionamento psíquico e num índice de orientação para a prática.

As três ordens encontram-se noduladas borromeamente, o que significa que se constituem enquanto elos inseparáveis de uma cadeia — o do imaginário que especifica a relação dual, onde se perfila no outro, a imagem captadora de si mesmo; o do simbólico que introduz neste espaço a mediação da palavra e do real enquanto impossível que responde pela realidade desejante do sujeito e resiste à simbolização.

Em seu seminário "RSI"<sup>7</sup>, estas categorias são postas à prova de um verdadeiro testamento. Cada um dessas palavras: real, simbólico e imaginário, têm um sentido — sentidos diferentes, mas que não somam três. Estes se nodulam de tal

maneira que basta com que se produza um corte qualquer em um destes elos para que o nó se desfaça. Em seu esquema topológico englobam-se numa mesma estrutura, o sujeito e o Outro (referente simbólico primordial do sujeito).

O valor estruturante dos três registros e a simultaneidade de seu advento, decorre do caráter anti-natural da sexualidade humana já apontado por Freud ao estabelecer a distinção entre instinto (*Instinkt*) e pulsão (*Trieb*).

Lacan se vale da especificidade destes termos para sublinhar que a precisão de um saber inato no animal e sua adequação já prevista ao objeto, é justamente o que falta ao homem. Para ele, não há como alcançar o objeto sem hesitações uma vez que este sofre um deslocamento constante<sup>8</sup>.

É aí que devem ser tomados como radicalmente distintos, o objeto do instinto e o objeto da pulsão. Este último sempre pensado enquanto objeto perdido, escrito por Lacan como objeto a — objeto causa de desejo<sup>9</sup>. Quanto ao termo *Trieb*, observa que "deve ser traduzido o mais próximo possível do equivoco e comprazemo-nos, em dizer — a deriva<sup>10</sup>.

A total ausência de uma inscrição da diferença sexual no homem responde assim, pelo engendramento dos três registros. Conforme é apontado por Md. Magno<sup>11</sup>, o imaginário humano em oposição ao do animal, que é pleno e sem brechas, apresenta uma hiância real, uma falta originária, a qual será preenchida pelo simbólico. Este ocupará assim, o lugar de uma falta real primordial.

Articulando a falta ao desejo, Lacan demonstrou que este se constitui a partir desta fissura originária. Pela

ausência de sua realidade concreta, o objeto adquire um estatuto simbólico e, uma vez que mesmo aí, nada lhe garante a permanência, o movimento desejante insiste e pressiona no sentido da invenção e da criação do novo — "o falante se especifica por ter uma referência ao sentido a ser dado", ao contrário do animal que se "acha preso de um sentido dado"<sup>12</sup>. Para a psicanálise, não há como pensar no objeto sem referi-lo a uma ordem que é a do puro artifício.

É deste modo que o real é introduzido por Lacan para definir a ética freudiana como o campo operacional de *Das Ding* — A Coisa, ponto mítico da estruturação do sujeito.

No "Projeto", *Das Ding* é apresentada como um lugar vazio de representações tendo um caráter de pura ausência, em torno da qual "gira todo o movimento da *Vorstellung*, que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer vinculado ao funcionamento neurônico"<sup>13</sup>.

Tudo que é vivido como mau ou como bom em relação ao objeto, está irremediavelmente ligado em relação a *Das Ding*. O bom e o mau entram imediatamente na ordem da *Vorstellung* como índices que orientam o sujeito segundo o princípio do prazer, em sua busca de um estado de satisfação. É no nível de *Das Ding* que se revela a pulsão<sup>14</sup>.

Assim, *Das Ding* identifica-se com o "*Wiederzufinden* — a tendência a reencontrar" que, segundo Freud, "funda a orientação do sujeito em relação ao objeto". Esse objeto, observa Lacan, "não nos é nem mesmo dito"<sup>15</sup>.

*Das Ding* é originalmente "o fora do significado"<sup>16</sup> — primeiro "estranho" em relação ao qual o sujeito tem de

referir-se, anterior a todo recalque. Ao mesmo tempo, o mais externo e o mais íntimo ao sujeito — "extimo" imutável, não dialetizável — que orienta a montagem da realidade psíquica — essencialmente simbólica e portanto, mutável e dialetizável.

O real se coloca assim, como o registro que pode ser inferido pela própria ação do simbólico. Tendo o real como causa, o simbólico se produz sempre no lugar de alguma coisa que irá faltar, que já está faltando, porque sempre faltou.

O real marca a distância entre o que "seria preciso e o que há". Nestes termos, o real não é o desejável, mas antes de tudo, o "tempo durante o qual o desejado não surge"<sup>17</sup> marca o encontro faltoso com o objeto impossível. O que resta dessa falta, dissimula-se nas formações do inconsciente, na própria ação do significante, pela qual o desejo se representa.

Justifica-se assim, a fórmula do real como o "impossível", no sentido da própria impossibilidade da Coisa — vazio que será ocupado pelo significante. O real é portanto "o inantecipável, o elemento mais secreto do desejo humano"<sup>18</sup>.

Portanto, o campo do sujeito não se restringe à mediação simbólica mas engloba justamente aquilo que a aciona — *Das Ding* — objeto impossível a ser reencontrado apesar de nunca ter sido perdido, restando apenas, na análise, rastreá-lo no encadeamento significante.

Deste modo, Lacan define posteriormente, de modo mais radical, o inconsciente como sendo da ordem do não-realizado<sup>19</sup>, uma vez que o real não se realiza — impossível que não se escreve e o que não deixa de não se inscrever — umbigo do sonho, segundo Freud, para nomear o ponto onde o sonho acena

para o real.

O estatuto ético do inconsciente se afirma por esta hiância que o real cava, fazendo com que o desejo encontre seu limite:

*O inconsciente freudiano se situa neste ponto em que entre a causa e o que ela afeta, há, sempre claudicação [hiância]<sup>20</sup>.*

Ou seja, o inconsciente não é uma profundez, mas um real que só vem à luz pela via das formações simbólicas. É o que Lacan exprime ao dizer que a cura psicanalítica é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real<sup>21</sup>.

O real não se confunde com a realidade, desde Freud considerada como realidade psíquica, por onde passam os avatares, as metamorfoses do desejo. A realidade marca o limite entre o sujeito e o real. Conforme nos diz Nasio, "precisa-se de umbigos para falar de realidade; esta não se define senão pelo umbigo do real"<sup>22</sup>.

Algumas consequências importantes devem ser assinaladas. Inicialmente temos que introduz-se aí, a noção de objeto a, fundamental para discernir as condições sobre as quais a análise se desenvolve.

Definido como objeto causa de desejo, o objeto a participa simultaneamente dos três registros do real, imaginário



e simbólico. Daí sua localização no esquema topológico de Lacan, como nodulando os três registros. Conforme sublinha Nasio:

*O objeto a é precisamente o nome dessa antinomia própria à pulsão. Ele indica que a multiplicidade de objetos se reduz a um denominador comum constituído pelo furo ou se preferirem por esse lugar, de falta central entre o sujeito e o Outro<sup>23</sup>.*

Noutras palavras, o objeto a é um desobjeto, um furo, um lugar perfurado, a partir do qual podem emergir diferentes configurações.

É exatamente o que se evidencia na montagem da fantasia, escrita por Lacan  $\text{X} \diamond a$ . Esta fórmula indica que o que sustenta o desejo é a fantasia e não, o objeto. Em outros termos, o objeto a não é o objeto visado pelo desejo, mas sim, aquilo que o causa: "o objeto do desejo, no sentido comum é, ou uma fantasia, ou um logro"<sup>24</sup>.

Segundo a fórmula, temos o sujeito, dividido, barrado, que se "sustenta como desejante em relação a um conjunto significante". Tal conjunto comparece sob a forma de um enredo, onde o sujeito está sempre em algum lugar, em sua "relação a esse objeto que o mais frequentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto"<sup>25</sup>.

De modo inverso, na perversão, é "o sujeito que se determina a si mesmo como objeto", diante de sua própria divisão

subjetiva<sup>26</sup>.

A experiência da análise não pode assim, ser confundida como uma "relação de objeto", já que o próprio do desejo é não se dirigir para nenhum objeto.

Na "*Traumdeutung*" Freud já demonstrara que através das imagens do sonho o desejo se elabora. O mesmo é válido para o discurso do paciente na análise, em sua "livre associação". É exatamente isto que configura o valor da regra fundamental e seu correlato, a atenção flutuante do analista. Não há como agarrar ou objetivar o desejo — "no nível do inconsciente, Freud pôde demonstrar que o desejo é desejo de nada"<sup>27</sup>.

Outra questão: o objeto a não pode ser confundido com a noção de objeto parcial que vigora na prática conhecida como "relação de objeto". Sendo mais propriamente um desobjeto, como pensá-lo total ou parcial? Faz-se então necessário explicitar de que modo suas diferentes configurações articula-se em cada um dos registros do real, do imaginário e do simbólico.

Como propõe M.A. Coutinho Jorge no estudo: "O Objeto na Cura Analítica", a tripartição estrutural utilizada por Lacan implica em admitir o "imaginário enquanto necessário, o simbólico enquanto contingencial e o real enquanto impossível"<sup>28</sup>.

Dado ao estado de prematuração do sujeito, sua primeira apreensão do mundo ocorre no âmbito de uma relação imaginária, dual, com um outro. Esta relação instala a ilusão de uma reciprocidade, de uma possível complementariedade entre o sujeito e o objeto, que mascara a hiância real ali existente. É então como necessário que o objeto se inscreve na relação

imaginária<sup>29</sup>.

Ao introduzir a temática do imaginário em seu estudo "O Estádio do Espelho como Formador da Função do Je"<sup>30</sup>, Lacan pôde indicar que a imagem do corpo próprio é a primeira significação pela qual o narcisismo envolve as formas do desejo e logo, da falta.

O Estádio do Espelho configura a subjetivação de algo que realmente diz respeito ao sujeito: a forma de seu próprio corpo. Esta primeira subjetivação implica numa identificação que se constitui como a matriz simbólica do sujeito — o ideal do eu<sup>31</sup>.

Enquanto matriz simbólica, essa imagem, confirmada pelo olhar do Outro (mãe), produz na criança a assunção jubilatória de um domínio que ela ainda não obteve — o eu ideal, *gestalt* que tem um efeito alienante, mantendo o sujeito aí, petrificado. É deste modo que tudo que nele está como desejo, é invertido no outro que ele reconhecerá. O despertar do desejo é desejar o desejo do outro, o que dá conta do caráter histórico do desejo humano. Esta matriz simbólica torna-se a condição para as demais identificações que possibilitarão o surgimento do sujeito, cuja posição é excêntrica em relação ao eu<sup>32</sup>.

A experiência do espelho constituiu-se como um nó da subjetividade humana. Nela se revelam três pontos fundamentais: o dinamismo libidinal que é mobilizado pelo corpo próprio; a determinação simbólica do sujeito e sua dependência fundamental de um Outro que lhe faculte a apreensão de seu próprio corpo e, finalmente, como consequência desta dependência, a origem paranóica do conhecimento humano<sup>33</sup>.

É a partir desta relação dual onde o simbólico já está presente, porém ainda não articulado, que o Je se constituirá. Neste momento inaugural o sujeito torna-se tão somente objeto de desejo do outro. É somente a partir de seu ingresso na linguagem e numa referência à lei paterna, que sua posição inicial de objeto poderá vir a ser modificada surgindo então o Je, em sua função de fazer comparecer o sujeito do inconsciente.

*O eu (moi) não é o eu (je), não é um erro, no sentido em que a doutrina clássica faz dele uma verdade parcial. Ele é outra coisa — um objeto particular na experiência do sujeito. Literalmente o eu é um objeto — um objeto que preenche uma certa função que chamaremos aqui de função imaginária<sup>34</sup>.*

A "imago" resultante da experiência do espelho uma vez assumida, apesar de produzir efeitos psíquicos de modo imaginário, não se reduz a ele, uma vez que é como símbolo que se origina: "o homem se vê, se concebe como outro que não ele mesmo"<sup>35</sup>. Não lhe resta outra alternativa a não ser crer, que nessa exterioridade, trata-se dele mesmo. Portanto esta "imago" atua imaginariamente, opondo-se à diferença, à mediação e à divisão.

Antes que a fala possa ser assumida pelo sujeito, instala-se uma tensão intrapsíquica sob a forma de uma ambivalência de amor e ódio que afeta a ele próprio em sua relação com os objetos, conforme ilustrado no transativismo

infantil.

Temos assim, que o eu (moi) é uma construção imaginária — construção absolutamente fundamental para a constituição dos objetos do mundo. Entretanto, dizer que é uma construção imaginária não implica em retirar a importância da função que ele cumpre para o sujeito que, como diz Lacan, "não é uma lua"<sup>36</sup>. Função necessária, mas não suficiente, conforme se evidencia.

O importante é lembrar conforme adverte Nasio, que "imaginário implica em circulação de libido"<sup>37</sup>, a fim de desfazer o frequente malentendido de se reduzir o artifício do espelho utilizado por Lacan e que nos é necessário para operar a distinção entre eu/sujeito, à uma concretude que impede de apreender o seu caráter constituinte para o futuro sujeito.

Nasio adianta assim, que no imaginário "as imagens se refratam no corpo, o mais opaco do outro que temos frente a nós". Daí que não é preciso "nem espelho nem também os olhos — o cego vive na dimensão imaginária sem espelho e sem ver o outro". A questão fundamental, então é: "basta se sentir visto"<sup>38</sup>.

É desta perspectiva que o ideal do eu delimita o ponto através do qual o sujeito se vê como amável para o outro, de onde ele deseja ser desejável. Ao nível do registro imaginário fundamentam-se simultaneamente, as dimensões do amor e do desejo.

A relação imaginária intervém recobrando o furo real, uma vez que a imagem totalizada que surge, é apreendida libidinalmente:

*Chama-se investimento libidinal aquilo através de que um objeto se torna desejável, quer dizer, aquilo através de que se confunde com essa imagem que levamos em nós, diversamente e mais ou menos estruturada<sup>39</sup>.*

O júbilo experimentado pela criança neste momento, indica a presença do desejo. O fascínio pela imagem prova que esta relação consigo mesmo passa por uma relação com o outro.

Daí a fórmula de Lacan, que consiste em dizer que "é o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário"<sup>40</sup>. Ao mesmo tempo que esta fórmula define o eu (moi) como um objeto de desconhecimento, ela também demonstra de que maneira o narcisismo envolve as formas do desejo sob a forma de amor (paixão).

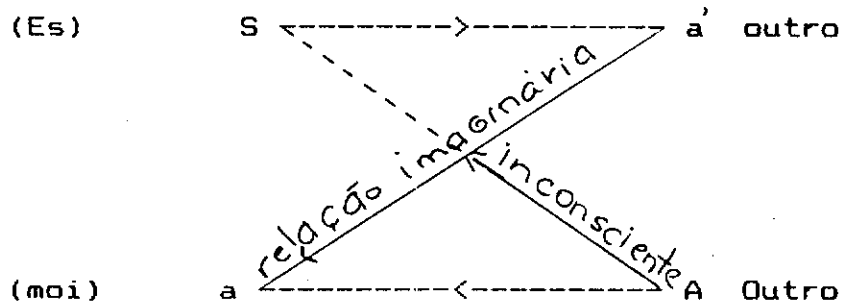
*O amor distingue-se do desejo, considerado como relação-limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação, mas o ser. É por isto que não se pode falar de amor senão onde a relação simbólica existe como tal<sup>41</sup>.*

O amor enquanto uma das três paixões fundamentais do homem (além do ódio e da ignorância), situa-se na conjunção do

imaginário com o simbólico, elidindo o real. Além de produzir o discurso amoroso, prolifera a produção de sentido: "o amor reabre a porta — como escreve Freud, que não usa meias medidas — à perfeição"<sup>42</sup>.

Entretanto, a simetria especular só ganha realidade e só passa a definir o eu (moi) <sup>&</sup>o outro como objetos imaginários, pela mediação simbólica. É o Outro que define a posição do sujeito como aquele que crê e igualmente permite "estruturar em função desse lugar e do seu mundo, seu ser libidinal"<sup>43</sup>.

Através do Esquema L<sup>44</sup> proposto por Lacan, pode-se apreender a articulação de ambos os registros: o do imaginário (a' - a') e do simbólico (S - A) que aí operam:



Temos assim:

S - o sujeito (Lacan joga aqui com a homofonia S e Es); aquele que não sabe o que diz — e que colocaríamos, como o Je, sujeito da enunciação, aquele que é falado.

a - de onde ele se vê (moi) — nos termos do estádio do

espelho, o lugar de onde ele experimenta o júbilo que lhe faz acreditar que este eu seja ele mesmo — eu ideal.

a' - o outro que ele vê e que por razões estruturais, guarda a mais interna relação com seu eu (a).

A - lugar terceiro a quem a deve se remeter; lugar do código, da língua.

O eixo a—a' corresponde assim, à relação imaginária (objetos imaginários), que se define pela existência do muro da linguagem. O eixo a—a' demonstra que não é possível um acesso direto ao Outro, cuja função no entanto, é determinante para o sujeito. O Outro concerne ao próprio discurso do inconsciente em sua dimensão de exterioridade com relação ao sujeito — Outro do desejo inconsciente sempre opaco ao sujeito: "O Outro é o lugar onde se constitui o eu que fala com aquele que ouve"<sup>45</sup>.

O uso da linguagem comporta assim, uma relação sempre ambígua com o outro:

*Em outros termos, nós nos endereçamos de fato aos  $A_1$ ,  $A_2$ , que é aquilo que não conhecemos verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos. Eles estão do outro lado do muro da linguagem, lá onde, em princípio, jamais os alcanço. Viso sempre os sujeitos verdadeiros, e tenho de me contentar com as sombras... Em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como*



*para nos impedir radicalmente de entendê-lo. É justamente disto que se trata na experiência analítica. O sujeito não sabe o que diz, e pelas mais válidas razões, porque não sabe o que é. Mas ele se vê... do outro lado, de maneira imperfeita, devido ao caráter fundamentalmente inacabado da Urbild especular, que é, não apenas imaginária, mas também ilusória<sup>46</sup>.*

O eu não é completo. A imagem perfeita e ideal de onde o sujeito se sente amado, traz em si um vazio que é invisível, um resto que fica no sujeito. É o que Lacan chama de falo, entendendo-o como uma reserva narcísica, libidinal, do sujeito. Aquilo com que o sujeito se identifica é aquilo que ele quer ser.

É deste modo que no esquema, o ternário imaginário indica que a relação da criança com a mãe também diz respeito ao falo "o que a criança busca é fazer-se desejo de desejo, poder satisfazer o desejo da mãe"<sup>47</sup>. Para tanto, diz Lacan, "é preciso e basta ser o falo"<sup>48</sup>.

O falo, como terceiro elemento da relação, intervém para fazer a mediação simbólica, uma vez que ele aponta para um ponto de falta no sujeito. Lacan o escreve  $-\Psi$  (falo afetado pela negatividade), como aquilo que existe enquanto falta na imagem especular<sup>49</sup>.

Neste sentido o falo equivale aí, ao objeto a (não especularizável), que reúne em torno dele a série dos objetos tomados até então como complementos do sujeito: o seio, as

fezes, o olhar e a voz.

Voltando à proposição inicial dos diversos níveis nos quais a função do objeto a comparece — necessário (imaginário), contingencial (simbólico) e impossível (real), temos que o que permite operar estes diferentes registros da falta, é a relação que o sujeito estabelece com o falo em sua dimensão simbólica e imaginária.

O eixo A-S do esquema, coloca em jogo a problemática edípica em sua articulação com o complexo de castração. O Édipo entendido como uma operação simbólica, permite instaurar uma falta real, ali onde predominava a reciprocidade amorosa, narcísica (a-a').

*Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a lei está ali ab origine. Não se trata por conseguinte de se colocar a questão das origens — a lei está justamente ali desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio e através dela. Essa lei fundamental é simplesmente uma lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer<sup>50</sup>.*

Introduzindo novos operadores para pensar o Édipo, Lacan oferece possibilidades de libertá-lo da interpretação francamente psicológica, causalista e normativizante de que foi

alvo por parte de certas correntes.

De acordo com Freud, o complexo de castração articulado ao Édipo, participa de modo decisivo na estruturação dinâmica do sintoma. Por isto mesmo a analisabilidade do sintoma articula-se sempre à castração, concebida como a marca da relação do sujeito com o falo.

É justamente em torno desta questão que Freud elabora sua teoria sobre o término da análise. Conforme já examinado, em "Análise Terminável e Interminável", Freud é taxativo quanto ao caráter ineludível do complexo de castração para o homem e da inveja do pênis para a mulher.

É retomando este núcleo da experiência freudiana que Lacan destaca a função do falo na economia desejante.

O falo não se confunde com o pênis. Relevando do ponto em que Freud deixou clara a ausência da inscrição da diferença sexual, Lacan considera o falo um significante — significante da falta. Nesta categoria, não se trata mais de abordá-lo enquanto realidade anatômica ou meramente uma forma.

A ausência de um registro da diferença sexual que é específica ao falante, torna o falo o ponto mítico da união entre sexualidade e significante. O inconsciente não conhece o sexo, só a relação ao falo, ensejando a afirmação de Lacan de que "a relação sexual é impossível".

Com efeito, não se trata aí de uma referência ao ato sexual, mas da "relação" a ser entendida no sentido de uma pretensa harmonia e complementariedade entre os sexos.

Deste modo, a noção de castração é problematizada, apontando-se que seu advento no sujeito não ocorre diretamente

pela via das proibições, mas no nível do Outro — a mãe — para ambos os sexos<sup>51</sup>.

Sendo o Outro o dado inicial do sujeito, ele determina que tudo que se passa nessa relação, é necessariamente atravessado pela linguagem. Conseqüentemente, tudo o que se refere às primeiras exigências da necessidade vividas pela criança, adquire um valor de signo para o Outro que as recebe e interpreta como demanda. O apelo ao Outro indica assim, que o objeto da necessidade está perdido desde sempre. A necessidade, presa à rede da demanda, faz surgir o desejo, como o que nodula os dois: necessidade e demanda<sup>52</sup>.

Esta articulação da dialética da demanda, da necessidade e do desejo, vem denunciar o reducionismo teórico e prático do desejo a necessidade que obscureceu a prática clínica. Justamente por constatar que não é possível "educar" o desejo, Freud escreve o "Mal Estar na Cultura" e reafirma a ética psicanalítica como uma ética do desejo.

Retomando a articulação assinalada, a demanda designa o lugar simbólico, significante, onde se aliena o desejo, significando ao sujeito sua falta-a-ser. Por isto mesmo o desejo está sempre além e aquém da demanda; é eterno, indestrutível e impossível de ser satisfeito por qualquer demanda. O desejo reproduz a relação do sujeito com o objeto perdido.

É assim que a demanda é sempre sustentada pelo desejo inconsciente, sendo demanda de uma ausência ou de uma presença. Por este meio "a demanda anula a particularidade de tudo o que pode ser dado, transformando-o em prova de amor"<sup>53</sup>.

O amor, estando além da satisfação da necessidade não pode ser encarado como um bem, mas como um dom. O dom de amor é um objeto simbólico. Conforme indica Lacan, é necessário "distinguir o amor como paixão imaginária do dom ativo que constitui no plano simbólico"<sup>54</sup>.

Ao contrário da reciprocidade imaginária, a dimensão simbólica do amor inclui o furo do real. Daí a definição de Lacan: "no amor trata-se de dar o que não se tem"<sup>55</sup>.

É o desejo do Outro que é marcado pela barra, escrito por Lacan  $S(\bar{A})$ , destacando que a angústia de castração se organiza em torno da castração materna. O desejo da mãe antes de ser uma "relação de objeto", é uma relação com o Outro, através do qual a criança se insere na ordem simbólica<sup>56</sup>.

Apoiando-se nas falhas discursivas do Outro, a falta surge na experiência da criança, ensejando o *Che voi # — O que queres ?* — interrogante que visa apreender justamente aquilo que se situa para além das demandas que o Outro lhe endereça — seu desejo<sup>57</sup>. Este reconhecimento da castração no Outro produz o destacamento do objeto em sua função de causa de desejo.

A versão metapsicológica de Lacan do Édipo freudiano, implica em estabelecer que a *Spaltung* do sujeito, resulta de uma operação metafórica<sup>58</sup>.

O acesso à significação fálica e portanto, ao simbólico, se configura pela substituição do significante fálico ( $S_1$ ) — significante do desejo da mãe, pelo significante Nome do Pai ( $S_2$ ).

Com o advento da metáfora paterna, o significante do desejo da mãe é recalçado, inaugurando a alienação do desejo à

linguagem, que confirma a castração e permite a simbolização do falo. Sela-se assim o destino do sujeito: ser desejante, barrado, sintomatizado.

A idéia de um sujeito sem sintoma é absolutamente insustentável se admitirmos que a realização da posição sexual no sujeito está irremediavelmente ligada à solução do drama edípico. Ou seja, à possibilidade de que a falta possa ser simbolizada, restando daí o desejo como metonímico desta falta-a-ser: "se o ser só fosse o que ele é, não haveria mesmo lugar para a fala"<sup>59</sup>.

É exatamente aí que se instala a problemática do gozo para o falante. Com o advento da metáfora paterna, o saber da impossibilidade de um gozo absoluto é recalcado: torna-se um saber inconsciente. Pelo recalque originário o desejo se faz palavra, desdobrando-se numa demanda que o remete sempre, por deslocamento, a uma sequência indefinida de substitutos — o desejo é desejo de desejo, desejo do outro (Outro que ex-siste ao sujeito).

Como significante da falta, o falo determina que todo efeito de significado que advém da articulação significante, inconsciente, possui uma conotação sexual.

A neurose caracteriza-se assim, como uma das respostas possíveis face ao enigmático do desejo do Outro. O sintoma tenta responder a isso implicando pois, tanto em sofrimento quanto num gozo<sup>60</sup>.

A partir de uma já determinada posição sintomática, o sujeito se defende contra a angústia que lhe provoca a castração do outro. Este "não querer saber" é o que lhe retorna sempre

sob a forma de sofrimento.

Esta "solução de compromisso" representa-se na análise através da demanda que é dirigida ao analista de um saber sobre isso que escapa ao sujeito: a relação entre a causa e o destino de seu desejo.

É deste modo que, no seminário da Ética, Lacan indica que a cura psicanalítica não pode deixar de levar em conta estes dados estruturais:

*Se a análise tem um sentido, o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torna a voltar, retorna e traz sempre de volta para uma trilha, para a trilha do que é propriamente nosso afazer<sup>61</sup>.*

A associação livre como ponto de partida da direção da cura psicanalítica leva em conta o caráter profundamente inconsciente"<sup>62</sup> da demanda de saber que conduz o sujeito a buscar um analista.

De acordo com as diferentes articulações desta demanda na análise, "faz-se aí um caminho" o qual permite nomear a análise mais propriamente, como uma "experiência", no sentido de que ali, "acontecimentos" têm lugar, tal como Lacan nos fala de Édipo:

*Foi antes de seu nascimento que disseram a seus pais as coisas que faziam ele ter de ser percipitado em direção a seu destino, isto é, exposto pendurado por um pé, logo que tivesse nascido. É a partir deste ato inicial que ele realiza seu destino. Tudo está, pois, desde então escrito, e realiza-se até o fim, inclusive até que Édipo, através de seu ato, o assumisse<sup>63</sup>.*

Considerando a história de Édipo, a cura psicanalítica não implica numa promessa de felicidade e tampouco numa prescrição de normas. Lacan propõe como princípio ético "não ceder quanto ao desejo", uma vez que "a única culpa que pode haver é ceder com relação ao próprio desejo"<sup>64</sup>.

Nessa vertente, a cura se opera a medida em que permite ao sujeito alcançar a significação retroativa ao que se sobredeterminou em sua experiência. Em "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise", Lacan sustenta a operacionalidade deste objetivo de acordo com o próprio fundamento da hipótese freudiana do inconsciente, afirmando:

*O inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente<sup>65</sup>.*



## NOTAS DO CAPÍTULO 5

- <sup>1</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 280.
- <sup>2</sup> FREUD, S. A interpretação de sonhos. Rio de Janeiro, Imago, 1975, v. V, pp. 636-637.
- <sup>3</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 35.
- <sup>4</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 280.
- <sup>5</sup> LACAN, J., Op. cit., p. 283.
- <sup>6</sup> Tomamos de empréstimo esta terminologia que é utilizada por Juranville.
- <sup>7</sup> LACAN, J., R.S.I. Ornicar. 3, 11-37, 1981.
- <sup>8</sup> LACAN, J., Lo simbólico, lo imaginario y lo real (1953). Revista Argentina de Psicología. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.

- 9 À medida da importância do estatuto do objeto a na visada de Lacan, consideramos da maior relevância os esclarecimentos que Nasio nos oferece a esse respeito: "Seria errôneo crer que a invenção lacaniana do objeto a nasceu apenas de uma firme vontade de formalizar a psicanálise. Se o objeto a não é outra coisa senão um nome, é também por impotência; impotência da psicanálise em resolver este enigma central em torno do qual se organiza incontestavelmente o campo de nossa prática, ou seja: como se satisfaz, como goza o corpo vivo de um ser capaz de inconsciente? Isto é, como goza o corpo do ser que não somente fala mas é também falado? ... O objeto a nasce da impossibilidade da psicanálise em responder exatamente esta questão sobre o gozo... No fundo, a gênese lacaniana do objeto a depende de um processo frequente no procedimento científico: batizar a dificuldade ao invés de resolvê-la, introduzir um nome no lugar de uma solução". Nasio, J.D. Os olhos de Laura. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 56.
- 10 LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 115.
- 12 MAGNO, M.D. O pato lógico. Rio de Janeiro, Aouta, 1986, p. 23.
- 12 COUTINHO JORGE, M.A. Roteiro do pleroma: outra passagem de Freud. Clínica Psicanalítica. 3, 117-198, 1988.

- <sup>13</sup> LACAN, J., A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 76.
- <sup>14</sup> Ibidem.
- <sup>15</sup> Ibidem
- <sup>16</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>17</sup> JURANVILLE, A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p. 78.
- <sup>18</sup> JURANVILLE, A. Op. cit., p. 79.
- <sup>19</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 28.
- <sup>20</sup> LACAN, J., Op. cit., p. 27.
- <sup>21</sup> LACAN, J. op. cit.
- <sup>22</sup> NASIO, J.D. Formações do objeto a. Paris, 1983 (texto mimeografado).
- <sup>23</sup> NASIO, J.D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1980, p. 57.
- <sup>24</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 176.

<sup>25</sup> LACAN, J., Op. cit., p. 175.

<sup>26</sup> Ibidem

<sup>27</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 265.

<sup>28</sup> COUTINHO JORGE, M.A. Sexo e discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 33.

<sup>29</sup> Em sua configuração imaginária, o objeto a nos remete também à própria concepção de Freud a respeito da fantasia, enquanto uma realização imaginária do desejo. Nesta se estabelece uma certeza para o sujeito em relação ao objeto. É esta certeza que fornece consistência a uma realidade que se sustenta como necessária para elidir a castração. A fantasia torna-se a complementação imaginária do sujeito.

<sup>30</sup> LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988. v. 1.

<sup>31</sup> LACAN, J., Op. cit.

- <sup>32</sup> LACAN, J., Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>33</sup> LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1.
- <sup>34</sup> LACAN, J., O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 63.
- <sup>35</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 96.
- <sup>36</sup> LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 306.
- <sup>37</sup> NASIO, J.D. Formações do objeto a. Paris, 1983 (texto mimeografado). p. 8.
- <sup>38</sup> Ibidem.
- <sup>39</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 165.
- <sup>41</sup> LACAN, Op. cit., p. 314
- <sup>42</sup> LACAN, Op. cit., p. 166

- <sup>43</sup> LACAN, Op. cit., p. 148
- <sup>44</sup> LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 307.
- <sup>45</sup> LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 308.
- <sup>46</sup> LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 308.
- <sup>47</sup> LACAN, J. Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- <sup>48</sup> LACAN, J. op. cit.
- <sup>49</sup> LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960) In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>50</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 100
- <sup>51</sup> AN, J. Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- <sup>52</sup> LACAN, J. Op. cit.

- <sup>53</sup> LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo., Perspectiva, 1978, p. 268.
- <sup>54</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 314.
- <sup>55</sup> LACAN, J. A relação de objeto. Seminário 1956-1957. (texto mimeografado).
- <sup>56</sup> LACAN, J. Las formaciones del inconsciente. Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- <sup>57</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>58</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>59</sup> LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 281.
- <sup>60</sup> Introduzimos aqui apenas os elementos mais gerais que sob a influência da função fálica estruturam o estilo neurótico de lidar com a falta, na medida em que este trabalho limita-se a este terreno. Deste modo as vicissitudes da função fálica em relação à perversão e à psicose não serão tratadas neste momento.
- <sup>61</sup> LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 383.

<sup>62</sup> LACAN, J. Op. cit. p. 10

<sup>63</sup> LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 289.

<sup>64</sup> LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Editor, 1986.

<sup>65</sup> LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, perspectiva, 1978, p. 123.



## CAPÍTULO 6

## O INCONSCIENTE: UM CORTE EM ATO

## 6.1. O SUJEITO DO INCONSCIENTE

Revisitando Freud, o primeiro passo de Lacan é resgatar a especificidade do uso da palavra na análise. Em seu "Discurso de Roma", considerado como um manifesto da postura radical que passa a assumir e também como a pedra angular de suas teorizações, Lacan declara:

*Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão ao se ordenarem à função da fala"<sup>1</sup>.*

Ou seja, a questão primordial nesta passagem é já apontar para o fato de que o uso da regra fundamental na análise é indissociável da concepção de inconsciente que vigora para

aquele que a enuncia.

É deste modo que Lacan propõe o resgate da autenticidade da experiência freudiana, apoiando-se inteiramente na relação que esta estabeleceu entre o inconsciente e a linguagem. Não seria demasiado lembrar que esta relação se sustentava "graças e apesar" da transferência.

A esse respeito, Lacan destaca a importância fundamental do estudo realizado por Freud das formações do inconsciente na "*Traumdeutung*", na "Psicopatologia da Vida Cotidiana" e "Os Chistes e sua relação com o inconsciente".

Conforme já examinamos anteriormente, estas formações demonstram de modo inequívoco o fato de que o inconsciente lança mão de uma verdadeira retórica em sua elaboração do desejo recalcado.

Neste retorno ao inconsciente freudiano, Lacan lança sua tese fundamental: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"<sup>2</sup>.

Esta tese além de radicalizar a subversão do sujeito operada por Freud, ilustra a filiação de Lacan à antropologia estrutural de Lévi-Strauss e à linguística de Saussure. Lacan declara ter percebido "que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto"<sup>3</sup>.

Todavia, faz a ressalva de que o inconsciente não pertence ao campo da linguística e que a estrutura em análise diz respeito ao vivo da experiência, que coloca em cena justamente o que a linguística exclui: o sujeito do inconsciente. Para diferenciar o que em sua tese é definido como linguagem, da linguística, forja a palavra linguisteria.

Lacan afirma ser o inconsciente totalmente determinado pela ordem simbólica que pré-existe ao sujeito: o homem é determinado por uma linguagem em forma de língua que fala em seu lugar.

Daí sua afirmação do inconsciente como discurso do Outro. Esse Outro é o lugar do código, da língua, do tesouro dos significantes, onde o infans vem a se inserir e também implica nos efeitos produzidos no momento em que ele assume sua própria fala — sua alíngua — e se insere na lei paterna como sujeito desejante.

Alíngua<sup>5</sup> é o termo que Lacan utiliza para discriminar a psicanálise da linguística. Alude à própria estrutura discursiva (sintomática) do sujeito, isto é, sua posição desejante — justamente aquela que a análise visa destacar, visto ser alíngua o que resulta da articulação entre a língua que o precede e a utilização concreta e individual que ele dela faz.

A linguagem é portanto, a causa introduzida no sujeito, o que implica na afirmativa de Lacan de que o desejo é o desejo do Outro.

Antes mesmo de seu nascimento e no momento deste, o ser humano sofre os efeitos do simbólico — é marcado por um nome, é dito de um sexo ou outro, pertence a determinado grupo, etc.

É importante ressaltar que Lacan não se preocupa apenas em descrever esta ordem simbólica enquanto pré-existente, mas com os seus efeitos no sujeito — objeto mesmo da análise. Lacan evoca então, que

*A psicanálise devia ser a ciência da*

*linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem<sup>6</sup>.*

Temos que justamente este primeiro efeito do símbolo no sujeito é o de fazer comparecer a morte: o símbolo mata a coisa — o símbolo é presença feita de ausência. Ou seja, o próprio fato do sujeito receber um nome que passa a representá-lo já produz o seu apagamento, aí introduzindo-se a morte como amo absoluto.

Já se evidencia assim que a tese de Lacan promove não somente uma releitura da primeira tópica freudiana. Ao contrário, seu enunciado articula-se à segunda tópica, levando em alta consideração aquilo que justamente impôs a Freud a necessidade de construí-la: a pulsão de morte.

É graças a esta dupla referência que a tese de Lacan possibilita desfazer a ambiguidade de certas leituras realizadas do texto freudiano, que praticamente consideravam como possível, o recobrimento do inconsciente pela consciência.

Fundamentalmente, a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem corresponde à uma teoria do sujeito: aquele que fala além do eu.

Ao considerar o inconsciente como o discurso do Outro e sobredeterminado pela ordem simbólica, Lacan compara o inconsciente ao funcionamento de uma máquina. Uma máquina complexa sem dúvida.

Por que uma máquina e ao mesmo tempo que especificidade possui esta máquina ?

Primeiramente, porque trata-se de que nela existe algo que atua como um *QUOD* — o *Id* — a lançar um "o que será que é" ?<sup>7</sup>.

Numa máquina não humana "isso" não se coloca. Existe apenas um código que não reivindica nada — para ela não se coloca um "ser ou não ser" como questão.

No entanto para o sujeito o tal *QUOD* insiste, pressiona e lhe demanda respostas. Cabe a ele dar um sentido a "isso" — "no homem a escansão está viva", mesmo quando a fala encontra-se suspensa<sup>8</sup>.

O inconsciente pode ser tomado então como uma espécie de circuito no qual o sujeito está integrado e é deste modo que Lacan pensa a ordem simbólica como articulada a um automatismo — automatismo da repetição — *Automaton*.

*A ordem simbólica ao mesmo tempo não- sendo e insistindo para ser, eis o que visa Freud quando nos fala do instinto de morte como o que há de mais fundamental — uma ordem simbólica em pleno parto, vindo, insistindo para ser realizada* <sup>9</sup>

A partir destas considerações, Lacan define a tópica do inconsciente pelo algoritmo  $\frac{S}{S}$ . Este algoritmo é uma revisão do conceito saussurianmo de signo que se escreve  $\frac{S}{S}$ . Enquanto neste o significado é colocado em primeiro lugar em relação ao significante, em Lacan a primazia é dada do significante<sup>10</sup>.

Além desta inversão, Lacan ressalta o valor da barra que os separa. Enquanto para Saussure esta representa um

relacionamento, para Lacan a barra representa uma resistência, marcando a divisão do sujeito entre a cadeia de representações recalçadas e a instância da palavra falada<sup>11</sup>. Ou seja, a barra marca a distinção entre o eu do enunciado e o eu da enunciação.

Dai o efeito de espanto e surpresa que marca a experiência do inconsciente. O que vem do inconsciente aparece não somente como externo, como também estranho e estrangeiro, surgindo como pura exterioridade. Esta no entanto, não deve ser entendida como um dentro e um fora. Formulando uma lógica do significante e apoiando-se na topologia, Lacan fala de uma exterioridade que é interna ao próprio sujeito.

Sublinha que a elaboração onírica enquanto o primeiro modelo da formação do sintoma introduzido por Freud, se parece muito com uma análise lógica e gramatical:

*Eis o registro que é o nível normal do trabalho freudiano. É o mesmo registro que faz da linguística a ciência mais avançada das ciências humanas, se é verdade que queremos reconhecer apenas que o que distingue a ciência positiva, a ciência moderna, não é a quantificação, mas a matematização e nomeadamente combinatoria, isto é, linguística, incluindo a série e a recorrência<sup>12</sup>.*

Com o algoritmo  $\frac{S}{E}$ , destaca-se a autonomia do significante em relação ao significado, demonstrando-se a impossibilidade de uma relação bi-unívoca entre ambos. O significante se define na oposição significante, de cuja

confrontação com outros faz surgir um efeito de sentido.

A autonomia dada ao significante não implica em suprimir a referência ao significado, mas antes, apontar sua dependência para com o jogo significante, cujo caráter autônomo esburaca permanentemente o sentido.

Dá Lacan falar em cadeia significante — a matriz mínima da linguagem é um significante depois do outro e o mínimo do significante é o par  $S_1 - S_2$ . A lógica combinatória que daí resulta, implica na definição de que "o significante é o que representa o sujeito para outro significante"<sup>13</sup>.

O significante, enquanto uma inscrição de marcas diferenciais, discrimina-se do signo, definido como "aquilo que representa algo para alguém" e implica num sentido já dado<sup>14</sup>.

A importância desta revisão da teoria do signo é assim afirmada por Lacan:

*A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. É por essa razão que ao chamar a atenção para o significante, nada mais fazemos do que retornar ao ponto de partida da descoberta freudiana<sup>15</sup>.*

Com efeito, no sonho a imagem em si não é portadora de significado, como já demonstrara Freud e é agora lembrado por Lacan. O deslizamento constante do significado sob o significante concorre para que o seu sentido sempre escape ao

sujeito, tal como ocorre no sintoma.

Os mesmos processos responsáveis pela distorção onírica: condensação e deslocamento, se entrecruzam no discurso do paciente na análise. Lacan os assimila respectivamente, a metáfora e à metonímia. Aproveitemos para examinar melhor, no eixo paradigmático/sintagmático, o papel que aí desempenham a metáfora e a metonímia, através das fórmulas propostas por Lacan:

### 1. Fórmula da metonímia

$$f(S \dots S') S \cong S (-) s$$

Nesta, designa-se que a função reside na conexão de um significante novo com um antigo, por uma relação de contiguidade onde o novo substitui o antigo, manifestando a manutenção da barra, conforme indica o sinal (-) da fórmula. O significante elidido equivale ao não-dito do desejo inconsciente e implica no seu deslizamento infinito na cadeia eterno desejo de outra coisa — "elisão pela qual o significante instala a carência do ser na relação de objeto"<sup>16</sup>.

### 2. Fórmula da metáfora

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S (+) s$$

Temos agora, que a substituição se opera de modo a



produzir um efeito de significação — de "poesia ou criação" — indicado pelo sinal (+), como transposição da barra. Ao ser substituído um significante por outro, o significante oculto permanecerá presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia<sup>17</sup>. "Vê-se que a metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no sem-sentido"<sup>18</sup>.

Pelo deslizamento constante das significações, a estrutura da metonímia convoca a falta-a-ser, remetendo o sujeito de um significante a outro, de uma forma "aparentemente" infinita. A manutenção da barra mantém a significação latente, demonstrando o caráter sempre alusivo do desejo.

Por outro lado, a estrutura da metáfora oferece, pela suspensão da barra, a criação de um sentido novo que indica o lugar do sujeito. A estrutura substitutiva da metáfora é portanto a mesma do sintoma. Daí Lacan afirmar que todo sintoma é uma metáfora:

*O mecanismo a duplo gatilho da metáfora é precisamente o mesmo em que se determina o sintoma. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir, passa a centelha, que se fixa num sintoma, a significação inacessível ao sujeito consciente<sup>19</sup>.*

O sintoma como representante da insistência do desejo na cadeia significante, é aquilo que marca e revela o estilo do sujeito lidar com a castração. Compreendido sempre a partir do eixo condensação-deslocamento, o sintoma remete à estruturação

metafórica do sujeito e seu ingresso na significação fálica do desejo<sup>20</sup>.

Temos então, que as figuras da metáfora e da metonímia, desenvolvidas numa aproximação aos mecanismos de condensação e deslocamento, já proposta por Freud, operam como representação da insistência repetitiva do desejo no inconsciente:

*É na cadeia do significante que o sentido insiste; mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da qual ele é capaz no momento mesmo<sup>21</sup>.*

A autonomia do significante determina assim, toda a importância que a dimensão do equivoco adquire na análise, onde o ato falho pode ser tomado como um paradigma, afirmando-se enquanto um ato bem sucedido. Ao mesmo tempo que este ato passa a indicar o lugar do sujeito, ele o coloca em questão, fazendo comparecer o Outro em sua radical alteridade.

Nesta perspectiva, vemos confirmada a advertência de Freud quanto aquilo que especifica a psicanálise: o uso da palavra e de seus efeitos sobre o sujeito:

*O que essa estrutura da cadeia significante descobre, é a possibilidade que eu tenho — justamente na medida em que sua língua é comum a mim e a outros sujeitos, isto é, na medida em que essa língua existe — de me servir dela para significar algo totalmente diferente do que ela diz. função mais digna de ser sublinhada na fala que a de disfarçar o*

pensamento (a maioria das vezes indefinível) do sujeito: a saber, a função de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade<sup>22</sup>.

Recordando a definição de que o "significante é o que representa o sujeito para outro significante", temos então o sujeito concebido como efeito do par  $S_1$  (significante-mestre) —  $S_2$  (o saber do Outro): "o Outro é a dimensão exigida de que a fala se afirme em verdade. O inconsciente é entre eles, seu corte em ato<sup>23</sup>.

Dai que não se fala ao sujeito, o sujeito é falado — "Isso fala dele"<sup>24</sup> — ou seja, "ele é produzido pelo apelo feito no Outro ao segundo significante", uma vez que não existe na cadeia inconsciente, um significante último que garanta o seu lugar para o Outro.

O poder criador da palavra viva na análise, provém da relação entre significantes, do deslizamento metonímico original de um no outro. O significante oculto permanece presente em sua conexão ao resto da cadeia, o que atesta a eficácia terapêutica da regra fundamental em psicanálise:

*O que se exprime no interior do aparelho e do jogo do significante, é algo que sai do fundo do sujeito, que pode chamar-se de seu desejo. Desde o momento em que esse desejo é preso no significante, é um desejo significado<sup>25</sup>.*

## 6.2. O DISPOSITIVO DA CURA

A dimensão do equivoco há pouco destacada é fundamental para uma avaliação acerca das consequências clínicas da lógica do significante.

De imediato ela possibilitou um profundo questionamento acerca do dispositivo analítico referido a sua estratégia (a da transferência) e à sua tática (a da interpretação), que por sua vez são orientadas por uma política, ligada à orientação doutrinária do analista e conseqüentemente, à própria concepção de cura que nela vigora<sup>26</sup>.

Trata-se portanto de uma consequência ética que coloca em causa o campo de intervenção do analista a respeito do inconsciente.

Algumas questões intimamente ligadas à eficácia simbólica no dispositivo da cura podem ser levantadas: de que lugar opera o analista? O que visa sua intervenção?

### Pontuação e Escansão

A fim de avançar nestas questões, pode-se indicar que elas se articulam ao redor de um ponto nuclear: admitir o inconsciente como um saber — um saber estruturado como uma linguagem.

Diga-se ainda que é um saber que não sabe de si — é um saber que ex-siste ao sujeito; conforme afirma Lacan é um saber que:

*Não pensa, não calcula, nem joga, o que não impede de trabalhar, o inconsciente é o trabalhador ideal, trabalha sem mestre<sup>97</sup>.*

Ou seja, se há um mestre, na análise definitivamente este não é o analista. Ao relevar esta questão, recorreremos às palavras de Magno — "o analista é um músico":

*Mas um músico de amplíssima gama. Há que ser mesmo um Maestro — para se poder devidamente escutar a grande orquestra excêntrica do Outro (A), em sin-fonia, quer dizer, em sincronia com o pequeno solo de cada analisando em questão<sup>26</sup>.*

Difícilmente a nosso entender, poder-se-ia encontrar uma definição que ilustrasse de maneira tão rigorosa (e ao mesmo tempo poética) a valorização da escuta na análise promovida por Lacan.

É justamente por considerar a impropriedade de fazer do inconsciente "um dentro"<sup>29</sup>, que Lacan promove a escansão como o essencial da escuta analítica.

Em oposição à utilização de um tempo padrão, cronológico, que desconsidera a estrutura de borda do inconsciente, a escansão baseia-se num tempo equivalente do

tempo de produção do sujeito, sempre referido à situação transferencial. Esta deve necessariamente estar ligada também ao tempo e ao seu manejo e não se confunde com uma mera "reprodução" de condutas do passado<sup>30</sup>.

O questionamento introduzido por Lacan em relação à tática interpretativa, implica no resgate da lógica freudiana do só-depois que corresponde à constituição e eficácia do trauma.

Desdobrando-se em dois tempos, o trauma é concebido pelo comparecimento de duas cenas que se relacionam, sendo que a segunda é que vai conferir eficácia à anterior, concedendo-lhe significância. Este só-depois remete assim, a algo de realmente singular que possibilita a leitura do sintoma e tangencia a fantasia que o determina.

Retomando este esquema da retroação, Lacan pode apontar para sua importância na utilização técnica da associação livre.

Para tanto, considera inicialmente algo que ocorre em qualquer discurso corrente, no qual a significação não resulta apenas do encadeamento dos signos na frase, mas sim, daquilo que justamente está ausente na materialidade significante: a pontuação. Isto implica no fato de que a significação de qualquer mensagem só pode advir ao final de sua formulação quando, por retroação, o sentido da frase enunciada pode ser encontrado.

No entanto a pontuação na análise opera de modo a comover o estatuto subjetivo. Ao contrário de fixar um sentido, visa justamente promover o seu deslocamento, uma vez considerando que o próprio sintoma mantém o sujeito fixado às suas configurações imaginárias (vertente signica do sintoma).

Enquanto uma intervenção mínima do analista, a pontuação, conforme nos diz Pommier, "chama a atenção do analisando para um de seus dizeres e provoca assim, um efeito sujeito"<sup>31</sup>. Ou seja, a pontuação do analista confirma a existência do inconsciente como um terceiro na relação.

Por outro lado a escansão propriamente dita caracteriza-se por seu efeito de corte, como por exemplo, a suspensão da sessão. A escansão "marca uma nova cesura: "recorta a fala segundo um contorno que contraria, induzindo aí um equivoco, a intenção de quem falava"<sup>32</sup>.

O corte é o instante de um encontro inesperado que "exibe um pouco o osso do real, real impossível de suportar pelo próprio analista ali repentinamente ejetado do seu lugar", conforme escreve Magno<sup>33</sup>.

Por isto mesmo Lacan afirma que o analista tem horror ao seu ato — ato este que remete sempre ao real do trauma e à experiência indizível que é a morte. Como define Pommier, a escansão:

*Tem pertinência não porque incida sobre as palavras, intervenção sempre fácil e frequentemente gratuita, mas porque possibilita destacar, graças ao saber literal do inconsciente, o sintoma da fantasia que o engendra. A escansão é pertinente se, e apenas se, o equivoco que ela apresenta possibilita uma certa construção da fantasia"<sup>34</sup>.*

O ato de escansão não se confunde assim, com o saber do analista. Ainda que este saber seja essencial para o manejo da

transferência, é a função desejo do analista que comanda o ato escansivo e seus efeitos no processo da análise.

Consequentemente a lógica do significante passa a indicar que a interpretação não pode ser formulada de forma linear. A interpretação psicanalítica não é uma hermenêutica. Justamente o tempo presente do verbo ser no aforisma "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", constitui-se como o elemento capital, trazendo para o espaço do presente, a possibilidade de um novo dizer capaz de produzir uma retificação subjetiva.

Esta relação implica portanto, na questão do tempo na análise: é no só-depois, que o passado guardado na memória da cadeia significante poderá ser jogado de modo a que lhe possa ser dada alguma versão:

*Na análise, justamente porque a técnica é eficaz, isso caminha na boa ordem — do futuro ao passado... O inconsciente é algo de quase real. E enfim, é algo que graças ao progresso simbólico na análise, terá sido<sup>35</sup>.*

"Penso onde não sou, sou onde não penso" — a inversão de Lacan da fórmula cartesiana, destaca assim o sujeito, sujeito do inconsciente, aquele que fala além do eu:

*O sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo — não se pode*



dizer tudo — mas a dizer besteiras,  
isso é tudo<sup>36</sup>.

Ou seja, a verdade está sempre no semi-dizer — no dizer entrelinhas que caracteriza o saber inconsciente — verdade que tem estrutura de ficção.

### Desejo do Analista e Interpretação

Ao propor o inconsciente como um saber no lugar da verdade — verdade do desejo — Lacan nos possibilita esclarecer que não se trata na análise, de "reconhecer algo que já estaria ali, já dado, pronto para ser cooptado"<sup>37</sup>.

A verdade não possui especificamente um proprietário. Ela indica antes, a singularidade do sujeito que a nomeou. Lacan diz que basta ler a "*Traumdeutung*" para se dar conta de que Freud jamais acreditou que se poderia alcançar uma verdade toda:

*Dizer que a verdade está enlaçada a essas espécies de nós, a essas cadeias que eu faço [RSI], explica precisamente a parte extraviada da busca, na Traumdeutung, do que é verdadeiramente a verdade. A verdade não carece da relação com o que denominei o real, mas se trata de uma relação pouco sólida*<sup>38</sup>.

Nestes termos, o analista passa a ser considerado como fazendo parte do próprio conceito de inconsciente<sup>39</sup>. Uma vez alienado da verdade de seu desejo o sujeito repete, na presença do analista, sua demanda a um Outro que ele supõe o saber.

Esta perspectiva do analista estar presente no lugar do Outro, coloca em cena a eficácia operativa do conceito de inconsciente. Este passa a ser inseparável da própria presença do analista<sup>40</sup>.

Convocado a ocupar o lugar do Outro, é com sua falta-a-ser que o analista opera e não, com sua pessoa e muito menos a partir de sua contratransferência.

Torna-se assim, impensável que esta posição possa ser mantida por aquele que não tenha atravessado a experiência de se confrontar com sua própria castração. Esta é a condição imprescindível para que possa ser sustentada a neutralidade implícita à função desejo do analista, "ponto-pivô" da análise. Conforme já mencionado anteriormente, a função desejo do analista coloca em questão o problema da formação do analista.

Desimaginarizando a noção de "neutralidade", Lacan nos fala de uma "neutralidade advertida", que comparece como um efeito da experiência do analista com o inconsciente, em sua própria análise. É sob esse ângulo que se revela o valor didático de uma análise levada a termo.

Situando estas questões, a interpretação entendida como escansão se diferencia radicalmente de uma "compreensão", que por sua vez é algo que comparece na dimensão imaginária da transferência, reduzida ao amor (eixo a-a' do esquema L).

A demanda de amor dirigida ao analista exige como prova

de correspondência, o "ser compreendido". Uma vez satisfeita, seu produto é sempre uma identificação.

Evoquemos aí as considerações de Freud a respeito da equivalência entre o objeto e o ideal do eu na relação amorosa.

Em "Psicologia de Grupo e Análise do Eu"<sup>41</sup>, Freud indica que da paixão amorosa à hipnose vai apenas um curto passo. Ambas compartilham da mesma sujeição humilde e devoção ilimitada a um único e mesmo objeto para o qual dirigem todas as atenções.

Portanto a compreensão está para a sugestão e a hipnose, assim como a escansão está para o "despertar" do sujeito. Para romper com o efeito hipnótico do amor transferencial, há que se "desatar as amarras da palavra"<sup>42</sup>.

Numa analogia (que não significa identidade) com a técnica Zen, cabe ao analista a função do corte, a fim de "quebrar o discurso para dar luz à fala"<sup>43</sup>. Dito de outro modo, sair da reciprocidade imaginária onde se acha instalada a certeza de que a "relação sexual é possível":

*É a ruptura das amarras da palavra que permite ao sujeito ver, pelo menos sucessivamente, as diversas partes de sua imagem, e obter o que podemos chamar uma projeção narcísica máxima<sup>44</sup>.*

É justamente no que a dimensão imaginária da transferência alimenta o gozo do sintoma, que Lacan freudianamente adverte que a demanda é "exatamente o que é

colocado entre parênteses na análise, ficando excluído que o analista satisfaça alguma delas"<sup>45</sup>.

A esse respeito, uma frase de Lacan afiadamente articula a questão da transferência e da interpretação (escansão): "um erro se refugiando na tapeação e pego pela equivocação"<sup>46</sup>.

O amor, como efeito de transferência, situa-se na conjunção do imaginário com o simbólico. Seu efeito de tapeação se relaciona assim, à elisão do real da falta. Esta elisão, além de produzir o discurso amoroso, prolifera a produção de sentido.

Este é o ponto de onde torna-se possível afirmar que a resistência na análise é do analista:

*O analista resiste quando não entende com o que ele tem de lidar. Não entende com o que ele tem de lidar quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito que o que ele deseja, é tal objeto sexual. Engana-se. O que ele imagina aqui como sendo objetivo é apenas pura e simples abstração. Ele é que está em estado de inércia e de resistência<sup>47</sup>.*

Este tipo de intervenção, ao nível do significado, implica em abordar o sintoma como um signo — como representando algo para alguém. De modo oposto, a interpretação baseada no significante — interpretação como corte — faz valer a significação fálica do desejo. Por isto mesmo ela não pode

oferecer ao sujeito o objeto próprio do desejo, causando assim, um efeito de divisão, um efeito sujeito.

Por parte do sujeito não há resistência. O que existe é a insistência do próprio sintoma:

*Em última análise, a resistência à confissão do desejo só pode provir aqui da incompatibilidade entre o desejo e a palavra<sup>48</sup>.*

Ou seja, a "resistência à confissão" é o dado mesmo da castração. Por seu caráter metonímico, o desejo é solidário da barra que atravessa o sujeito e o Outro.

Desta forma, a virtude alusiva da interpretação<sup>49</sup> distingue radicalmente a análise da sugestão. Ao invés de promover a identificação, o analista não satisfazendo a demanda permite preservar o lugar do desejo em seu caráter de enigma, na análise:

*Eu me calo. Todo mundo está de acordo que frustro o falante, e embora ele em primeiroríssimo lugar, eu também. Por que? Estas palavras, ele não as demanda a mim. Ele me demanda... pelo fato de falar: sua demanda é intransitiva, ela não implica nenhum objeto<sup>50</sup>.*

### O Tempo do Sujeito

Segundo Lacan essa liberdade concedida do sujeito via associação livre, de preservar o caráter significante do desejo, é o que ele menos tolera<sup>51</sup>. Ela aponta justamente para o real enquanto impossível de suportar.

É neste ponto que a transferência é o meio pelo qual a comunicação do inconsciente se interrompe. Este é o momento onde a presença do analista se realiza para o sujeito culminando num sentimento de angústia que produz um fechamento do inconsciente<sup>52</sup>.

Por isto mesmo a advertência de Freud é de que o analista espere para interpretar até este momento onde a transferência se transforma em resistência, em obstáculo à continuidade do trabalho.

Trata-se de uma recomendação que leva em conta o uso bastante específico e restrito, da interpretação na análise. Antes de qualquer "dizer esclarecedor", a intervenção do analista visa mobilizar o sujeito que, naquele momento, busca pela via da identificação, uma solução para fazer frente à angústia que se avizinha. Angústia de seu não-saber sobre o lugar que ocupa face ao desejo do Outro. Este não-saber é a verdade mais difícil para o sujeito tolerar.

Tal situação repete-se durante o percurso de uma análise de acordo com um tempo que corresponde ao tempo próprio de cada sujeito para elaborá-la. Em função disto, cada sessão

pode ser entendida como uma antecipação lógica do próprio término da análise.

Conforme é teorizado por Lacan, a escansão do tempo lógico inclui três tempos: o instante do olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir<sup>53</sup>.

O instante do olhar é aquele no qual se presentifica algo que não acontece sem mistério, como por exemplo, o tempo de um lapso que coloca o sujeito em suspensão, cedendo lugar a uma vacilação significativa. Impõe-se aí um tempo de compreender no qual o sujeito busca a chave daquele mistério, tentando reconhecer-se e enganchar-se num ou noutra significante. Neste momento a identificação imaginária ao outro comparece como a possibilidade de responder sua questão: quem sou ?

A posição do analista mantida em sua recusa de oferecer-se como um objeto para identificação, precipita a pressa no sujeito, de um momento de concluir.

Lacan faz a ressalva de que o tempo de compreender é um "efeito mesmo da não-compreensão"<sup>54</sup> ou seja, é um efeito produzido por aquilo que escapa à articulação significativa e está além do dito como um resto: o objeto em seu estatuto real, causa de desejo.

*Passado o tempo para compreender o momento de concluir, é o momento de concluir o tempo para compreender. pois de outro modo esse tempo perderia seu sentido<sup>55</sup>.*

É sob a urgência do movimento lógico, desta tensão temporal, que a verdade se precipita para o sujeito. Esta

tensão temporal escande a prova da realidade pulsátil do inconsciente, compreendida entre um tempo de abertura (o instante do olhar) e um tempo de fechamento.

Considerando esta pulsação temporal do inconsciente, a suspensão da sessão, como diz Lacan, "não pode ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso"<sup>56</sup>. Ela visa justamente permitir que o sujeito se depare com os efeitos que podem ser produzidos a partir de sua própria fala. Isto demonstra que na associação livre não se trata apenas que o sujeito fale, mas antes, de implicá-lo com seu próprio dizer.

A escansão, introduzindo a surpresa diante de um dizer, visa precipitar algo novo que escape aos cálculos de previsibilidade do sujeito. Estes, via de regra, esvaziam a possibilidade da palavra comparecer como revelação na análise, reduzindo-se a uma pura forma de expressão, por onde o sujeito se mantém alienado à ilusão de um gozo possível e absoluto. Esta ilusão lhe é assegurada pela configuração da fantasia que comanda o seu sintoma.

A duração de cada sessão inclui assim, um elemento fundamental: o tempo de trabalho para o analisando. Trabalho este que não se reduz ao aqui e agora da sessão, levando-se em conta a lógica do só-depois aí implicada.

Com seu ato, o analista abala a certeza do sujeito em relação ao gozo. Por isto mesmo cabe ao analista acolher o produto deste trabalho realizado pelo analisando fora da sessão.

Como diz Lacan, "o analista faz a parte do escriba", como "testemunha tomada da sinceridade do sujeito e depositário do auto de seu discurso". Acrescenta ainda que o analista



permanece aí, como "mestre da verdade de que esse discurso é o progresso"<sup>57</sup>. Isto é, mestre da verdade na medida em que ali encarna a função de sujeito suposto saber.

Naturalmente a função sujeito-suposto-saber, como suporte da transferência mantém a via do não-agir do analista. No entanto conforme adverte Lacan:

*Esse não-agir tem seu limite, ou então não haveria intervenção: e por que torná-la impossível nesse ponto, assim privilegiado?*<sup>58</sup>

Deste modo, a questão do tempo e seu papel na técnica, é indissociável daquilo que somente o discurso analítico permite isolar a partir de seu fundamento na dimensão da palavra:

*É que a uma verdade nova, não se pode contentar de dar lugar, pois é de tomar nosso lugar que se trata. Ela exige que "nos mexamos". Não seria o caso de conseguir apenas habituar-nos a ela. Habituar-mo-nos ao real.*<sup>59</sup>

Temos assim que a duração de cada sessão em lugar de uma técnica, evoca mais propriamente uma questão que é de ordem ética: o tempo do sujeito. Este fundamento faz objeção a qualquer tentativa de obsessivizar a experiência da análise, quer seja transformando-a num ritual de sessões longas, médias, curtas ou curtíssimas.

### Transferência e Repetição

A transferência e o dispositivo da associação livre surgem simultaneamente. É nestes termos que Lacan enuncia que "desde de que haja sujeito suposto saber, há transferência"<sup>60</sup>.

Trata-se assim, do ato inaugural de uma análise; como todo ato, ele acarreta consequências. Do lado do analisando, o compromisso de falar; do lado do analista, seu assujeitamento a um único saber, que é o saber do Outro. Ou seja, o mesmo ato que o instala como sujeito suposto saber, impõe que ele se despoje do saber para que compareça o saber do Outro.

O analista enquanto sujeito não existe; ele se presentifica na análise fazendo-se semblante de objeto causa de desejo. É o que encontramos na fórmula do discurso do analista,

escrita por Lacan:  $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\cancel{a}}{S_1}$

Neste matema, do lado do analista temos  $\frac{a}{S_2}$ , justamente os dois elementos que remetem à dupla causação do sujeito: o objeto (a) e o significante ( $S_2$  - o saber do Outro)<sup>61</sup>.

É como semblante de objeto que o analista permite a articulação borromeana RSI, justificando assim a afirmativa de Lacan de que a transferência é um nó<sup>62</sup>.

O objeto a não é especularizável, por isto mesmo Magno o diz como um "espelho" que é "cinza e neutro", não possuindo em si mesmo qualquer imagem: "aparência não que dizer só imaginário e, sim, imaginário, real e simbólico — é o

semblante"<sup>63</sup>.

A função do objeto a remete à afinidade entre os enigmas da sexualidade e jogo do significante<sup>64</sup>. Agenciado por a, o discurso do analista é da ordem do silêncio radical — o que não quer dizer que o analista deva ser mudo ou passivo. Nesta perspectiva, em "Sexo e Discurso", M.A. Coutinho Jorge formula de maneira precisa esta questão:

*Ao erigir o objeto faltoso enquanto agente, o discurso psicanalítico aciona a enunciação, S, no campo do Outro, situando aí o sujeito, para que ele produza a única coisa que ele poderia produzir: os significantes primordiais que o constituíram sintomaticamente de modo singular,  $\frac{S}{S_1}$ . O discurso psicanalítico evidencia, simultaneamente, que a enunciação é exclusividade do sujeito e que o fruto desta enunciação são os significantes que estão na origem mesma da constituição do sujeito<sup>65</sup>.*

É deste modo que podemos entender a definição da transferência como a "atualização da realidade sexual do inconsciente". É a posição do analista enquanto suporte de transferência que viabiliza o comparecimento em ato, da realidade do inconsciente<sup>66</sup>.

É também neste sentido que Lacan distingue a transferência da repetição. A interpretação operando pelo significante, incide sobre o objeto.

Em seu ato de escansão, o analista "branda o real", atualizando na transferência, a *tykhe* — a repetição do fracasso vivido diante do trauma, que constitui o verdadeiro núcleo do sintoma: o encontro fracassado do sujeito com o objeto a.

Trata-se aí não mais da pura repetição significativa — *automaton* — situada entre o imaginário e o simbólico enquanto insistência da memória da cadeia significativa, mas daquilo mesmo que a causa e que subitamente atropela o sujeito de forma desconcertante.

A repetição enquanto *tykhe* marca justamente o encontro com aquilo que não se inscreveu em nenhum momento da história do sujeito. Marca assim o encontro com o real, enquanto o que retorna sempre ao mesmo lugar. Encontro este que inevitavelmente se faz acompanhar de angústia<sup>68</sup>.

Segundo Lacan, a angústia é o afeto por excelência da psicanálise e seu próprio motor. A angústia é o "único afeto que não engana"<sup>69</sup>, indicando sempre que ali, onde ela surge, há sujeito — sujeito que é afetado a partir de sua causa, o objeto a.

Como efeito da intrusão do real no imaginário, a angústia é um ponto de certeza para o sujeito e faz operar a separação entre o desejo e o gozo, demarcando a hiância constituinte do sujeito.

Esta separação a um só tempo produz efeitos sobre as duas dimensões clínicas implicadas na análise: o sintoma e a fantasia. Ambas se constituem como modalidades distintas de respostas face à castração do Outro — S(A).

Ao retormar a temática da angústia que, de acordo com o seu encaminhamento freudiano, é entendida como angústia de castração, Lacan permite esclarecer a questão do afeto na análise.

Do mesmo modo que demonstra que a transferência não se confunde com a repetição, a elucidação da questão do afeto permite desfazer a idéia vaga e imprecisa da transferência enquanto uma mera reprodução de condutas e sentimentos do passado que se dirigem para a figura do analista.

A partir de suas contribuições, a transferência deve ser encarada como a via privilegiada (ainda que reconheça como uma "via precária")<sup>20</sup> que permite a um sujeito historicizar-se.

Sublinha assim, que a transferência é um conceito que "dirige o modo de tratar os pacientes e inversamente o modo de tratá-los comanda o conceito"<sup>21</sup>.

### Sintoma e Fantasia

Não escapou a Freud uma dupla vertente no sintoma. Se por um lado o sujeito dele se queixava pelo grau de sofrimento e de renúncias à satisfação pulsional nele implicados, por outro, uma poderosa resistência se erguia, impossibilitando o acesso ao sujeito da verdade que o mantinha alienado à própria queixa.

Já na Interpretação dos Sonhos, Freud se deparava com um fator de inércia na análise que parecia se opor a qualquer

modificação. Durante algum tempo esta inércia permaneceu na clínica, como a evidência de uma resistência por parte do sujeito.

A partir dos desenvolvimentos de Lacan, esta inércia pode ser colocada como consequência da função desempenhada pela fantasia enquanto "a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição"<sup>72</sup>.

Em sua insistência repetitiva, a fantasia desenha a estrutura da constituição do sujeito e remete às duas operações fundamentais que lhe correspondem: a alienação e a separação.

A primeira é o "fato mesmo do sujeito e sua alienação ao significante"<sup>73</sup>. O termo alienação qualifica exatamente o efeito afanísico, letal, do significante sobre o sujeito. A operação de alienação consiste neste vel:

*Que condena o sujeito a só aparecer nesta divisão. [...] que se ela aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ela aparece como afênise*<sup>74</sup>.

Pelo vel da alienação, instala-se de modo definitivo a descontinuidade entre o ser e o sentido, entre o pensamento e a existência. Sua consequência lógica: o significante passa a representar o sujeito para outro significante.

O Outro aí opera como produtor de sentido, sempre insuficiente no entanto, para garantir ao sujeito seu lugar na articulação significante, seu lugar para o Outro —  $S_1$  por isto mesmo, recobre também, algo que permanecera indizível — seu encontro traumático com esse Outro desejante. O pouco de

sentido que vem a se realizar no sujeito cria uma região de sem-sentido: o inconsciente.

Por isto mesmo, a afânise engendra a segunda operação onde se fecha a causação do sujeito: a separação. Esta efetua-se diante da prova do desejo do Outro como um  $x$  que jamais será respondido diretamente, ensejando o *Che Voi* <sup>75</sup>.

A falta constatada no Outro, é causada no sujeito como sua própria perda também, como castração:

*O sujeito — por um processo que não deixa de conter engano, que não deixa de representar essa torção fundamental pela qual o que o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a achar — retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua afânise <sup>76</sup>.*

Duas faltas se recobrem nessa operação e pelo efeito de torsão, a própria falta no sujeito é abordada como pertencendo ao Outro. O sujeito se engana quando se depara com a causa de seu desejo, confundindo-a por exemplo, com as expectativas de seu próximo, indagando: "pode ele me perder?"

A fantasia remete a este ponto mítico de constituição do sujeito, vindo preencher aí, o furo produzido pelo significante pelo efeito da emergência do objeto  $a$  enquanto um resto perdido no campo do Outro.

Trata-se então de admitir que a "relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância" <sup>77</sup>, o qual exclui a reciprocidade e a complementariedade.

Entre o sujeito e o Outro há um resto, que causa seu desejo e sua divisão. O a enquanto pura perda, se oferece como objeto a ser contornado pela pulsão, antes que se cumpra seu circuito de vaivém às zonas erógenas, que é o que resta como possibilidade de gozo ao sujeito<sup>78</sup>.

O gozo só chega ao sujeito de forma residual, que Lacan chamou mais de gozar, lançando mão do conceito marxista de "mais valia" e esta idéia é fundamental para que a hipótese do inconsciente possa ser sustentada.

Com efeito, se o sintoma é o que resulta como metáfora desta *Spaltung* do sujeito pelo golpe do recalque originário e o advento da metáfora paterna, a fantasia se apresenta como um resíduo desta operação enquanto um axioma.

Escrita na fórmula  $\phi \diamond a$ , Lacan define a fantasia como um arranjo significante que possui duas características: "a presença de um objeto a e, por outro lado, nada mais do que o que engendra o sujeito, como  $\phi$ , a saber, uma frase"<sup>79</sup>.

"Uma criança é espancada. Não sei mais", evidencia esse lugar da fantasia como axioma simbólico. Miller adianta que não se trata de uma reticência do sujeito, mas sim da falta de palavras e do saber diante da castração do Outro<sup>80</sup>.

É neste ponto de falta de saber que se aloja como resto simbólico o axioma fantasmático, totalmente resistente — dimensão real da fantasia.

Enquanto resíduo estático e sem possibilidades de modificações, torna-se o elemento mais resistente a ser atravessado pela análise. A fantasia aí se apresenta como axioma para interpretar o sintoma, convertendo-se num índice de



significação absoluta da verdade do sofrimento sintomático.

Vemos assim retomadas as consequências que o abandono da teoria da sedução acarretou para Freud, quando a fantasia passa a definir-se como o único critério de verdade para abordar o desejo. Desejo e verdade são isomorfos à função da fantasia.

Por esta razão, análise e travessia da fantasia tornam-se praticamente sinônimas e a questão da ética psicanalítica é remetida a este ponto. Enquanto para Freud toda análise terminaria num impasse, ao esbarrar com os limites impostos pelo rochedo da castração, a descoberta do objeto a, como resto fundamental e não subjetivável, impõe a Lacan um passee, isto é, dar um passo a mais em relação ao impasse da análise interminável.

Reconhecendo a impossibilidade do real, que é causa, de uma verdade não se dizer toda, Lacan reafirma o princípio ético da descoberta freudiana neste limite onde a problemática do desejo se coloca.

A célebre metáfora do jogo de xadrez utilizada por Freud em relação ao início e ao fim de uma análise, pode novamente ser aplicada: entrada pelo sintoma e saída pela fantasia — fantasia que retira do sintoma, sua palavra.

É o que nos indica Lacan através da fórmula do discurso do analista:  $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\cancel{a}}{S_1}$ . Nela se destacam a posição do analista e a função da fantasia.

Temos em  $a \rightarrow S$  e em  $\cancel{a} \diamond S$ , os mesmos termos, porém com funções diferentes. O analista enquanto semblante de objeto a, destaca a função de tamponamento da falta-a-ser do objeto para o sujeito.

A travessia da fantasia articula-se assim, ao trabalho de "construção" na análise. É como uma construção lógica, obtida somente como resultado da operação analítica, que o destacamento da fantasia fundamental permitirá o remanejamento da posição ocupada pelo sujeito face ao objeto de sua fantasia.

À errância do desejo e ao enigma do sintoma, a fantasia respondia com sua certeza. Portanto, a construção em análise, da fantasia fundamental, produz no sujeito uma inevitável decepção, ao evidenciar sua ilusão em admitir que há gozo do Outro.

De acordo com estas propostas, é a função do objeto a na transferência que regula toda a marcha do tratamento e decide sobre seu alcance, isto é, até onde vai uma análise.

### 6.3. ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL

Em "Análise Terminável e Interminável"<sup>81</sup>, Freud indagava se realmente existiria algo como o término natural de uma análise. Esbarrando com os limites impostos pelo rochedo da castração e não sem um certo pessimismo, admitia que os objetivos explicitados na teoria eram, na sua maioria, só parcialmente alcançados.

Tais objetivos implicavam na possibilidade de reduzir a inércia pulsional enquanto o fator quantitativo que mantinha o

desejo estancado, preso, às malhas do sintoma. Esta situação evidenciava o caráter conservador da pulsão de morte e a questão do masoquismo implicada na reação terapêutica negativa, como índices de oposição à aceitação da castração.

Conclui assim, que a maioria das análises não prosseguiram por razões ligadas à própria estrutura irredutível e impossível de atravessar da angústia da castração no homem e da inveja do pênis na mulher. Ou seja, a castração impunha-se como o limite absoluto que revelava o caráter nostálgico do falo para ambos os sexos.

Insistindo nesta trilha, Lacan evidencia o real em jogo no dispositivo analítico; real que estrutura o desejo e sua ligação com a morte. Pautando-se na experiência freudiana, destaca a antinomia entre o desejo, sempre entendido como desejo do Outro e o gozo, como o que está do lado da "coisa", mais além do princípio do prazer e ligado à pulsão de morte — elemento mais radical da pulsão. Desta antinomia entre desejo e gozo resta um ponto em comum: o objeto a, causa de desejo.

Se numa primeira etapa do percurso de Lacan, a primazia ao simbólico permite a retomada do conceito de inconsciente, num segundo momento, o real comparece como a categoria primordial para situar o inconsciente freudiano e, conseqüentemente, estabelecer as bases nas quais se sustenta uma teorização sobre o término da análise e a ética que o orienta:

*Eis o que convém relembrar no momento em que o analista se encontra em posição de responder a quem lhe demanda a*

*felicidade. A questão do Bem Supremo se coloca ancestralmente para o homem, mas ele o analista, sabe que essa questão é uma questão fechada. Não somente o que se lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele não o tem, como sabe que não existe. Ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde a problemática do desejo se coloca<sup>82</sup>.*

Comparada às diversas concepções a respeito do fim da análise que surgiram depois de Freud, conforme sublinha Safouan, a de Lacan "é a única que chega à mesma conclusão de Freud". A única diferença nos diz ele (e que não é pouca), é que "enquanto para Freud ela emerge como a rocha da castração", na teorização de Lacan "ela se resolve no momento mesmo de sua interpretação"<sup>83</sup>.

Com efeito, a interpretação concerne antes de tudo à causa do desejo, a essa falta real que escapa à palavra e organiza a fantasia, cuja função é dar conta, imaginariamente, da inexistência da relação sexual.

De acordo com o caráter sempre "alusivo da interpretação, o sujeito é reapresentado a sua perda de ser e de gozo, sendo levado neste ato, a reconhecer sua relação com a castração.

A interpretação adquire assim, um valor de ato, um ato significante; um acontecimento que opera uma mudança do antes ao depois de seu evento no sujeito. A teoria do ato analítico estabelece o limite entre a análise terminável e interminável.

Por esta via, o ato analítico remete à própria causação do sujeito designada nas operações de alienação e separação. É num movimento de báscula entre uma e outra que a transferência se desenvolve e em última instância, permite uma solução ao impasse da análise interminável.

As noções de interpretação e transferência estão assim, implicadas no ato pelo qual o analista dá suporte e autorização à tarefa do analisando.

A partir de uma reconceitualização da transferência, o fim da análise implica na queda daquilo mesmo que condicionou o seu início e a tornou possível: o sujeito suposto saber.

Levando em conta o estatuto do objeto, isto é, o fora significante, o fim da análise culmina com a experiência da falta-a-ser do sujeito como efeito da operação de atravessamento do rochedo da fantasia. Em sua função de tela do desejo, a fantasia fundamental alimentava o desconhecimento por parte do sujeito, de sua própria divisão, verdadeiro impasse da análise.

A travessia da fantasia supõe assim, a separação entre as duas formas mantidas pelo sujeito para fazer frente à castração do Outro: a castração imaginária  $-\phi$  e o a enquanto objeto condensador de gozo<sup>84</sup>.

Esta separação marca o des-ser (des-être) do analista, isto é, a queda deste sujeito-suposto-saber do lado do analisando, já que do lado do analista este não existe. Para ele só existe aquilo que resiste à operação do saber, fazendo obstáculo à hiância de  $-\phi$ : o objeto a, do qual ele era apenas o depositário<sup>85</sup>.

Da parte do analisando, a realização da falta fálica implica numa destituição subjetiva, já implícita à regra fundamental que aponta para o inconsciente como um saber sem sujeito<sup>86</sup>.

O ato analítico é da ordem de um saber intransmissível, um saber que não sabe de si. O ato, conforme inferido por Freud através da psicopatologia da vida cotidiana, tem referência direta ao significante. Não comportar no seu instante, a presença do sujeito, é a dimensão mesma do ato

*Seria preciso perceber-se que o sujeito-suposto-saber, no fim da análise, está reduzido ao mesmo "não ser aí" que é aquele característico do próprio inconsciente e que esta descoberta faz parte da mesma operação-verdade<sup>87</sup>.*

A operação de separação na transferência muda a posição do sujeito face ao real em jogo de sua própria causação. A separação impõe um limite à vacilação do sujeito até então alienado ao deslizamento infinito da cadeia significante e suas significações.

A queda do sujeito-suposto-saber marca o extremo da impossibilidade de que a palavra possa equivaler ao objeto — o impossível do significante dizer o ser — ainda que se reconheça que foi somente pela via do significante que a análise propiciou essa vira volta da demanda inicial endereçada ao analista, ao

reconhecimento do desejo e sua causa.

O saber não sendo mais suposto ao analista, torna-se para o sujeito uma significação de verdade. Tendo chegado a este ponto, o sujeito "terá conquistado uma verdade, não sem sabê-lo, uma verdade incurável", como diz Lacan<sup>88</sup>.

O que aí se coloca não se presta a racionalização alguma, o sujeito é agora identificado à causa de seu desejo sem poder recorrer à consistência imaginária da fantasia, como forma de elidir a castração.

É exatamente este o ponto que autoriza Lacan a localizar o impasse freudiano. Limitando-se ao registro da falta sob a forma da presença ou ausência do fato, isto é, abordando a castração no registro do ter ou não ter o falo, a castração freudiana confunde-se como uma "significação da castração".

Ao problematizá-la levando em conta a lógica da fantasia, a castração torna-se o efeito da "operação verdade" que é a questão do ato analítico: o falo não existe; não somente é impossível tê-lo, como sê-lo. A operação verdade supõe justamente a realização dessa falta, que subsiste e se delimita por um único significante: o falo, mediador de toda relação do sujeito ao sexo.

Operando este efeito de verdade para o sujeito, o ato analítico questiona o desejo do analista até o seu limite. A transferência implica que o paciente supõe de sua verdade, uma forma de saber que é depositada no analista, aí convocado a encenar aquilo que Lacan chama de uma "farsa": o sujeito-suposto-saber. Farsa esta necessária, já que o ato

analítico além do mais, incide nas relações do sujeito com o saber inconsciente.

No entanto, a análise ficaria adscrita totalmente à ordem de uma impostura e até mesmo de uma perversão, caso o analista a esse saber que lhe é suposto, ficasse identificado<sup>89</sup>.

A garantia de não estar na impostura é de que desde o início de uma análise, o analista, graças à própria experiência com o inconsciente na sua análise, já se saiba marcado por seu des-ser. Por isto mesmo o objeto a é o referente do início da análise e sua emergência ao final da mesma, desvela uma verdade desejante como único referente do sujeito<sup>90</sup>.

A idéia do "bem-dizer" toca ao destino do objeto no percurso da análise. A "destituição subjetiva" e o "des-ser" do analista implicam num trabalho de luto que, mais do que corresponder a uma perda, é da ordem de uma renúncia.

Este trabalho de luto marca o que poderíamos considerar como o início de um trabalho de fim da análise, que coloca em pauta o destino do amor transferencial.

Lacan define a transferência como um "amor que se dirige ao saber". Este amor é o que vem em suplência ao fato de que o sujeito em realidade, não quer saber da inexistência da "relação" sexual.

Portanto, o saber em jogo no amor de transferência, é da ordem da busca do bem precioso do amor, do "agalma", termo tomado de empréstimo por Lacan, do "Banquete" de Platão e que corresponde ao valor que neste momento o objeto a adquire para o sujeito: um bem apreciado que é guardado e sustentado pelo analista. Momento este em que o analisando, fazendo-se amar



pelo analista ou a ele dirigindo o seu amor — o que dá no mesmo — tenta abolir a distância entre o ideal visado pelo desejo e o objeto.

No entanto, pela operação da separação, impõe-se ao sujeito um trabalho de transformar o que era vivido como falta de objeto a ser recuperado, numa verdade na qual o objeto falta.

O "des-ser" do analista implica neste luto, nesta perda do Outro que detinha o "agalma" e encobria com seu valor, a verdadeira natureza do objeto a enquanto um nada. É dessa idealização que o analista tem que tombar, tratando-se aí de uma travessia no plano da identificação<sup>91</sup>.

É esta perda que reconduz o sujeito à sua via desejante. Trata-se agora da realização de um luto do luto. O objeto a passa a valer em sua função de nó: sustenta o amor como objeto causa e da pulsão. Esta é uma "posição-limite", na qual:

*O amor, cujo rebaixamento pareceu aos olhos de alguns que nós havíamos procedido, só se pode colocar, nesse mais-além, onde, primeiro, ele renuncia a seu objeto. Também aí está o que nos permite compreender que qualquer abrigo onde pudesse instituir-se uma relação visível, temperada, de um sexo ao outro, necessita a intervenção — é o que ensina a psicanálise — desse médium que é a metáfora paterna<sup>92</sup>.*

Deste modo Lacan deixa claro que o des-ser do analista

não deve ser confundido com uma "liquidação da transferência", expressão que a seu ver, não teria outra função senão a de escamotear a questão do desejo do analista, que intervém quando o sujeito, pela primeira vez, se coloca na posição de assujeitar-se ao significante primordial:

*Se a transferência é a atualização do inconsciente, será que se quer dizer que a transferência poderia ser para liquidar o inconsciente? Ou será que é o sujeito suposto saber, para tomar minha referência, que deveria ser liquidado como tal? <sup>93</sup>.*

O fim da análise concerne assim, à relação do analisando com a análise e, como bem diz Safouan "não deve necessariamente por fim a todo sentimento para com a pessoa do analista"<sup>94</sup>.

Neste sentido, pode-se definir a análise como terminável no que diz respeito à ignorância como paixão e interminável pelo fato de que o sujeito que advém desta finitude, não esquece jamais das condições dessa emergência.

A exigência ética da psicanálise leva em conta a singularidade do desejo e foi justamente o esquecimento da diferença entre esta exigência e uma postura na qual o analista é tomado como um ideal de normalidade, que transformou a solução da cura, na identificação com o analista.

Tal solução que pode ser considerada como uma

verdadeira perversidade, escamoteia toda a virulência da descoberta freudiana. Assujeitando o paciente à manipulações técnicas e apoiando-se numa moralidade nem sempre manifesta, o tratamento transforma-se numa extensão dos ideais ditados pela sociedade a serem seguidos.

É nestes termos que Lacan critica os ideais analíticos, nomeadamente, o do amor, da autenticidade e o da não-dependência, como cúmplices de uma ideologia normativizante<sup>os</sup>.

Respectivamente, são questionadas aí, as perspectivas onde se sustenta o fim da análise como o acesso à genitalidade, sua técnica como a do desmascaramento das resistências e, finalmente, sua virtude de profilaxia da dependência, calcada no princípio de que o ego deve conquistar sua autonomia em relação ao id.

A solução da análise via identificação, na medida em que não toca a questão do ser, mantém intacta a fantasia e a economia do gozo nela implicada.

Baseada em sua experiência clínica, a teorização de Lacan vem afirmar que a "travessia do plano da identificação é possível":

*É para além da função do a que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao a, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão<sup>os</sup>.*

A esta altura Lacan se pergunta: "como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão?" Trata-se aí, do "mais-além da análise", só abordável no nível do analista, uma vez que dele é exigido "ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica"<sup>97</sup>.

*Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática — o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes*<sup>98</sup>.

Esta é a única maneira de dar conta do termo *durcharbeiten* — necessidade de elaboração<sup>99</sup>. Começar a ser psicanalista, "isto começa no fim de uma psicanálise"<sup>100</sup>. Esta afirmação de Lacan fala de uma ética que pede um passé.

A proposta do passé estabelece uma linha ao mesmo tempo divisória e indissociável do que diz respeito ao término da análise enquanto uma questão de ordem técnica ("psicanálise em intensão") e de ordem institucional (psicanálise em extensão)<sup>101</sup>.

A primeira acha-se ligada às próprias condições nas quais uma análise pode ser considerada como terminada. A segunda leva em conta o sentido a ser dado ao projeto daquele que quer se tornar analista<sup>102</sup>.

Lacan considera como uma tarefa essencial da instituição, esclareceu sobre o fim das análises didáticas e de

acordo as linhas mestras da "Proposição de Nove de Outubro", uma instituição é psicanalítica porque análises didáticas lá, têm lugar de fato"<sup>103</sup>.

É deste modo que Lacan entende que não se trata da instituição "autorizar" o analista, mas sim, de que "o analista não se autoriza senão por si mesmo". Segundo ele, a garantia é o interessado que a traz, uma vez que os efeitos de uma análise só se produz no "a posteriori"<sup>104</sup>.

Nesta perspectiva, o passé diz respeito a algo que é da ordem do sujeito "re-fazer" o percurso, e "re-dizer" de sua própria experiência com o inconsciente, isto é, re-dizer a psicanálise. A experiência do passé resume a própria possibilidade de transmissão da psicanálise.

Por isto mesmo uma reflexão sobre o término da análise coloca em questão o analista e sua prática; os princípios de sua ação e as razões de sua possível eficácia.

Radicalizando o último Freud, o que postula sobre a pulsão de morte, Lacan reafirma que para a psicanálise, a "função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte"<sup>105</sup>.

*Coloco a questão — o término da análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara a tornar analista, não deve ela em seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana ? É propriamente isso o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o Hilflosigkeit, a*

desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é a sua própria morte — mas no sentido que lhes ensinei a desdobrar esse ano — não deve esperar a ajuda de ninguém.

Ao término da análise didática o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível do desarvoramento absoluto, no nível do qual a angústia já é uma proteção, não *Abwarten* [espera passiva], mas *Erwartung* [expectativa esperançosa]<sup>106</sup>.

É neste limite que o sujeito passa a se "comprometer" com a verdade de sua causa. A angústia neste momento não funciona mais como barreira para se defrontar com seu ser pulsional e portanto com as questões que o próprio desejo coloca. O sujeito passa a carregar consigo mesmo um saber sobre esse impossível de não desejar.

A passagem de analisando a analista fica condicionada assim, a uma escolha: "entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber"<sup>107</sup>.

Conforme diz Magno, o "Ato Analítico funda um suposto analista", uma vez que "a nomeação é pro forma, é uma declaração de suposição"<sup>108</sup>. Em lugar de um "fazer saber", Lacan fala no "saber-fazer" do analista, conforme é retomado por Magno nos termos de que "se ele passou por essa experiência, ele sabe como dirigir a cura, que não é senão dirigir o processo de chegar ali"<sup>109</sup>.

"Fácil de entender, mas difícil de fazer", prossegue Magno. A dificuldade reside em manipular o sentido (que é da ordem do imaginário) de modo a que este se neutralize a um ponto de indiferenciarse e comportar aí, a emergência, de um novo significante. Essa indiferença ao sentido já dado, é o que permite pensar numa possibilidade de cura para a neurose.

Além disso e talvez primordialmente, esta questão toca à neutralidade do analista: "estar indiferente ao Sentido é estar para além de mal e bem"<sup>111</sup>, o que traduz a passagem de analisando a analista.

Daí a afirmação de Magno de que "não existe analista que não saiba dirigir a sua cura":

*É porque ele passou pela mão de outro e acabou recolhendo esse saber-fazer, nesse discurso, que ele sabe operar para os outros e para si. É por isso que digo que um sujeito que é razoavelmente analisado não precisa mais ter um analista, porque tem todos. Qualquer um serve para ser seu analista. Ele aprendeu, se não a ver sozinho, a ver com o olho do outro. Qualquer coisa faz intervenção para ele. É esse Ato que qualifica e funda o Analista — que não é uma nomeação institucional, profissional ou qualquer coisa dessa ordem — na suposição de que o sujeito sabe passar por ali mais depressa<sup>112</sup>.*

Aquele que se tornou analista se viu levado a assumir ao mais elevado ponto sua divisão. Este é o sentido mais autêntico do que pode ser considerado como sua "formação". É deste modo que o desejo do analista é encarado por Lacan, como uma "nova formação do inconsciente".



## NOTAS DO CAPITULO 6

- <sup>1</sup> LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 111.
- <sup>2</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>3</sup> LACAN, J. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 25.
- <sup>4</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>5</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>6</sup> LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 276.
- <sup>7</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 225.
- <sup>8</sup> LACAN, J. Op. cit.

- <sup>9</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 407.
- <sup>10</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>11</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>12</sup> LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 271. Grifo nosso.
- <sup>13</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>14</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>15</sup> LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 252.
- <sup>16</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 246.
- <sup>17</sup> Ibidem.
- <sup>18</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 239.

- <sup>19</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 249.
- <sup>20</sup> Ibidem.
- <sup>21</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 233.
- <sup>22</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 235. Grifo nosso.
- <sup>23</sup> LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval. Retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 324.
- <sup>24</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 320.
- <sup>25</sup> LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 270.
- <sup>26</sup> LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder. (1958). In: Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972. v. 2.
- <sup>27</sup> LACAN, J. Psicoanálisis, radiofonia e television. Barcelona, Anagrama, 1977, p. 97.
- <sup>28</sup> MAGNO, M.D. A música. Rio de Janeiro, Aoutra, 1983, p. 221.

- <sup>29</sup> LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 253.
- <sup>30</sup> LACAN, J. op. cit., p. 239.
- <sup>31</sup> POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 32.
- <sup>32</sup> Ibidem, Grifo nosso.
- <sup>33</sup> MAGNO, M.D. A música. Rio de Janeiro, Aoutra, 1983, p. 231.
- <sup>34</sup> POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 32. Grifo nosso.
- <sup>35</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 185.
- <sup>36</sup> LACAN, J. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 33. Grifo nosso.
- <sup>37</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 287.

- <sup>38</sup> LACAN, J. Apertura de la seccion clinica. Ornicar ? 3, 37-46, 1981.
- <sup>39</sup> LACAN, J. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>40</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>41</sup> FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVIII.
- <sup>42</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>43</sup> LACAN, J. Variantes de la cura-tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1. p. 180.
- <sup>44</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 211.
- <sup>45</sup> LACAN, J. La direccion de la cura y los principios de su poder (1958). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires. Siglo Veintiuno, 1975, v. 2., p. 621.

- <sup>46</sup> LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 312.
- <sup>47</sup> LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 287.
- <sup>48</sup> LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder (1958). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1975, v. 2, p. 621.
- <sup>49</sup> Ibidem.
- <sup>50</sup> LACAN, J. op. cit., p. 621.
- <sup>52</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>53</sup> LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma. (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- <sup>54</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>55</sup> LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978, p. 79.

- <sup>56</sup> LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 178.
- <sup>57</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 177.
- <sup>58</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 178.
- <sup>59</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 252.
- <sup>60</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 218.
- <sup>61</sup> LACAN, J. O ato psicanalítico. (1967-1968). Texto mimeografado.
- <sup>62</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>63</sup> MAGNO, M.D. Ordem e progresso. Rio de Janeiro, Aoutra, 1984, p. 92.
- <sup>64</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 144.

- <sup>65</sup> COUTINHO JORGE, M.A. Sexo e discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 165.
- <sup>66</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 144.
- <sup>67</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>68</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 56-57.
- <sup>69</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 43.
- <sup>70</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>71</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 120.
- <sup>72</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 61.
- <sup>73</sup> LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São paulo, Perspectiva, 1978, p. 324.
- <sup>74</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 199. Grifo nosso.
- <sup>75</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 207
- <sup>76</sup> Ibidem.



- <sup>77</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 196.
- <sup>78</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 168.
- <sup>79</sup> LACAN, J. La logique du fantasme (1966-1967). Texto mimeografado, p. 321.
- <sup>80</sup> MILLER, J.A. Percurso de Lacan — uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987. p. 135.
- <sup>81</sup> FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XXII.
- <sup>82</sup> LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 359. Grifo nosso.
- <sup>83</sup> SAFOUAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985. p. 54.
- <sup>84</sup> LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado.
- <sup>85</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>86</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>87</sup> LACAN, J. Op. cit.p. 79.

- <sup>88</sup> LACAN, J. Op. cit.
- <sup>89</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- <sup>90</sup> LACAN, J. Proposição del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- <sup>91</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 258.
- <sup>92</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 260
- <sup>93</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 253.
- <sup>94</sup> SAFOUAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- <sup>95</sup> LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 17.
- <sup>96</sup> LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 268.
- <sup>97</sup> Ibidem.

- <sup>98</sup> LACAN, J. Op. cit., p. 258.
- <sup>99</sup> Ibidem.
- <sup>100</sup> LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado., p. 75.
- <sup>101</sup> LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- <sup>102</sup> SAFOUNAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- <sup>103</sup> SAFOUNAN, M. Op. cit.
- <sup>104</sup> LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: COTTET, S. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- <sup>105</sup> LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 364.
- <sup>106</sup> LACAN, J. op. cit.

- <sup>107</sup> LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991, p. 17.
- <sup>108</sup> MAGNO, M.D. De mysterio Magno. A nova psicanálise. Rio de Janeiro, Aoutra, 1990, p. 116.
- <sup>109</sup> MAGNO, M.D. Op. cit., p. 117.

## CAPÍTULO 7

## CONCLUSÃO

"Wo Es war, soll Ich werden" — "Onde isso estava devo advir", é o lema freudiano destacado por Lacan no sentido de situar a psicanálise como uma prática que se define por uma ética centrada no impossível do real.

Esse fundamento no real marca uma diferença radical em lidar com o inconsciente freudiano em relação a todas as abordagens consideradas herdeiras de Freud.

Ao mesmo tempo, ao destacar o imperativo freudiano, Lacan torna indissociáveis qualquer reflexão sobre o término da análise e a ética que sustenta o ato inaugural de Freud.

Conforme já examinado, este ato tem lugar no momento em que Freud se dá conta de que a palavra na análise acha-se soldada à transferência.

A palavra dita sob transferência pôde demonstrar que em certos pontos do discurso do paciente o "saber falha". São exatamente esses os pontos que interessaram a Freud, que lhes atribui um valor de verdade.

O inconsciente caracteriza-se assim, como um saber sem

sujeito. O sonho, assim como quaisquer outras formações do inconsciente são os exemplos paradigmáticos dessa divisão constitutiva do sujeito pelos efeitos da linguagem. No sonho, o sujeito lá não está, lá ele apenas se vê, daí o seu efeito de "unheimlich". O inconsciente se revela sempre enquanto uma atividade apagada, o que cumpre dizer:

*Eu não sou, lá onde sou o joguete de meu pensamento; eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar<sup>1</sup>.*

Este "não penso", "não sou", esta dupla face do enigma humano, é o que caracteriza a subversão do sujeito operada por Freud ao acionar o dispositivo da regra fundamental.

Por isto mesmo Lacan destaca que o encaminhamento de Freud é cartesiano. Freud e Descartes apoiam-se na dúvida para afirmar uma certeza. Com o "Penso, logo sou", Descartes impõe a certeza deste "falso ato" que se chama o cogito — "o ato do cogito é o erro sobre o ser"<sup>2</sup>. Subvertendo a ordem cartesiana, a certeza de Freud é de que "Lá, onde isso fala, isso não sabe o que isso diz".

Isto porque o sujeito está determinado e inscrito por um certo efeito do significante, qual seja, o de torná-lo definitivamente inapto para restaurar uma continuidade entre o pensamento e a existência.

Estes pontos de falha no discurso dizem respeito assim, ao próprio estatuto do sujeito. Ou seja, são falhas que lhe

concernem à medida que ele aí tem que se colocar como sujeito desejante, sujeito sexuado; única maneira em que se pode conceber o verdadeiro sentido da famigerada expressão "assumir a castração".

Depreende-se assim que, na análise, o sujeito está justamente por advir. É deste modo que Lacan isola o *soll* (devo), no imperativo ético freudiano — "*Wo Es war soll Ich werden*". Trata-se aí de uma indicação que permite definir a natureza da prática psicanalítica como uma ação, no sentido de fazer o sujeito retornar à sua origem pulsional. Pode-se assim escrever "Onde Isso estava deve o sujeito retornar"; já que se trata de um ser da pulsão.

Portanto *Wo Es war* não é o inconsciente, mas aquilo mesmo que marca a fronteira do inconsciente — o Isso. *Wo Es war* remete à própria falha óptica, em torno da qual se estrutura o inconsciente. "Onde Isso estava" é aquilo que está na borda pulsional — real impossível de se escrever e o que não deixa de não se inscrever — verdade incurável do sujeito, verdade que introduz o que é da ordem do ato psicanalítico.

O real como causa excêntrica do sujeito é justamente o que promove e sustenta a insistência repetitiva do desejo no inconsciente e por isto mesmo é o registro que ordena o discurso analítico.

Compreendendo o discurso como aquilo que "funda e define cada realidade"<sup>3</sup>, o discurso analítico, tal como formulado no matema proposto por Lacan, permite desfazer a ambiguidade do termo inconsciente.

O discurso analítico leva em conta um sujeito que não somente fala, mas é também falado — trata-se do sujeito do significante. Inconsciente e sujeito são hipóteses que se confirmam pelo caráter imperativo do significante.

A estrutura de linguagem do inconsciente e a descoberta do objeto a, tornam-se os elementos primordiais para manter viva uma prática que visa acima de tudo, o trato com as realidades singulares.

De acordo com a proposta inicial deste estudo, consideramos ter atingido nosso objetivo de situar as consequências clínicas da iniciativa de Lacan de revisitar o texto freudiano.

Levados por esta motivação também nós a ele retornamos no intuito de ali destacar as matrizes conceituais que serviram de apoio à Lacan para uma retomada fecunda e original do que de mais subersivo pode existir em termos de uma prática até este momento.

Por isto mesmo nos resta pouco a concluir pelo menos, neste instante. A razão é dupla. De um lado pelo fato mesmo de que à medida que as questões foram surgindo, buscamos entendê-las e o produto destas elaborações é o que pode ser lido em cada capítulo apresentado, onde nos preocupamos em exercitar praticamente de modo didático, a clareza.

Por outro lado, seria no mínimo incongruente em função do que foi articulado, falar de maneira conclusiva sobre uma questão que justamente se coloca para o analista para ser constantemente retomada — a sua própria prática. A psicanálise como muito bem pôde definir Lacan, é a própria questão: "O que



é a psicanálise ?"

O que não podemos deixar de assinalar no entanto, é que sem sombras de dúvidas, ao resgatar o imperativo freudiano "*Wo Es war soll Ich werden*" implícito a toda sua formalização teórica, Lacan reconduziu os analistas a um comprometimento com o desafio que se impôs a Freud e do qual ele, em nenhum momento recuou: dar conta de uma clínica que trata de um sujeito afetado pelo inconsciente.

## NOTAS DO CAPÍTULO 7

- <sup>1</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 248.
- <sup>2</sup> LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado, p. 77.
- <sup>9</sup> LACAN, J. op. cit., p. 45.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSDUN, P.L. Introdução a epistemologia freudiana. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- BERCHERIE, P. Geographie du champ psychanalytique. Paris, Navarin, 1988.
- . Fundamentos da clínica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- CHERTOK, L. e STENGERS, I. O coração e a razão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- COUTINHYO JORGE, M.A. Roteiro do pleroma: outra passagem de Freud. Clínica psicanalítica. 3, 117-198, 1988.
- . Sexo e Discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. Escritos psicanalíticos. Rio de Janeiro, Timbre/Taurus, s/d.

- FREUD, S. Prefácio à Tradução de Suggestion, de Bernheim (1988). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v.1.
- . Estudos sobre a histeria (1893). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 2.
- . Projeto para uma psicologia científica (1995). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v.1.
- . Psicoterapia da histeria (1895). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 2.
- . Carta 69 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . Carta 71 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . Rascunho XI (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . A interpretação dos sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 4 e 5.
- . Tratamento psíquico ou mental (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.
- . Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.

- FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.
- . A significação antitética das palavras primitivas (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, v. 11.
- . Perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, v. 11.
- . Psicanálise selvagem (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 11.
- . A dinâmica da transferência (1912). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 12.
- . Sobre a psicanálise (1913). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 12.
- . Sobre o narcisismo uma introdução (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 14.
- . Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. 12.
- . Observações sobre o amor transferencial (1915). Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. 12.

- FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916).  
Terapia analítica. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916):  
Fixação aos traumas. O inconsciente. Rio de Janeiro, Imago,  
1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O  
sentido dos sintomas. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O  
estado neurótico comum. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916).  
Psicanálise e Psiquiatria. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.  
16.
- . Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919). Rio  
de Janeiro, Imago, 1974, v. 17.
- . O Estranho (1919). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 17.
- . Além do princípio do Prazer (1920). Rio de Janeiro,  
Imago, 1976, v. 18.
- . Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921). Rio de  
Janeiro, Imago, 1976, v. 18.

- FREUD, S. Dois artigos de enciclopédia (1922). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- . O ego e o id (1923). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 19.
- . Um estudo autobiográfico (1925). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . A questão da análise leiga (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Psicanálise (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Inibição, sintoma e angústia (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). A dissecação da personalidade psíquica. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 22.
- . Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). A questão de uma Weltanschauung. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 22.
- . Construção em análise (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.

- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- . Esboço de psicanálise (1938). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- JONES, E. Vida e obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- JURANVILLE, A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. São paulo, Perspectiva, 1989.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário de psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977.
- . Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.



- LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [ji] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988.
- . Intervenção sobre a transferência (1951). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- . Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- . Lo simbólico, lo imaginário y lo real. Revista Argentina de Psicología. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.
- . O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953/1954). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- . O Seminário. Livro 2. O eu na teoria e na técnica da psicanálise (1954). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- . Variantes de la cura - tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1.
- . O Seminário. Livro 3. As psicoses (1955/1956). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

- LACAN, J. A relação de objeto. Seminário (1956/1957). Texto mimeografado.
- . A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- . A significação do falo (1958). In: LACAN, J. Escritos. São paulo, Perspectiva, 1978.
- . Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- . La dirección de la cura y los principios de su poder (1958). In: Escritos, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972, v. 2.
- . O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- . Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- . Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 a 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos, São Paulo, Perspectiva, 1978.

- LACAN, J. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- . La ciencia y la verdad. (1966). In: Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972. v. 2.
- . La logique du fantasme (1966/1967). Texto mimeografado.
- . Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli: Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- . O ato psicanalítico (1967/1968). Texto mimeografado.
- . O Seminário. Livro 20. Mais, ainda (1972/1973). Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- . Psicanálise, radiofonia e television (1973). Barcelona, Anagrama, 1977.
- . R.S.I. (1974/1975). Ornicar ? 3, 11-37, 1981.
- . Conférences et entretiens dans les universités américaines (1975). Scilicet. 6/7, Paris, Seuil, 1976.
- . Le Sinthome (1975-1976). Ornicar ? 10, 1977.

- LACAN, J. Apertura de la seccion clínica (1977). Ornicar ? 3, 37-46, 1981.
- MAGNO, M.D. O Patológico (1979). Rio de Janeiro, Aoutra, 1986.
- . A música (1982). Rio de Janeiro, Aoutra, 1983.
- . Ordem e progresso. Por dom e regresso (1983). Rio de Janeiro, Aoutra, 1984.
- . O anti-édipo. Seminário Estética da psicanálise (1989). Maisum. Rio de Janeiro, Boletim do CFRJ, 76, 1989.
- . De Mystério Magno. A nova psicanálise. (1988). Rio de Janeiro, Aoutra, 1990.
- MILLER, J.A. Percurso de Lacan — uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- MASID, J.D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1980.
- . Formações do objeto a. Paris, 1983, Texto mimeografado.
- . Os olhos de Laura. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.


ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, v. 2.

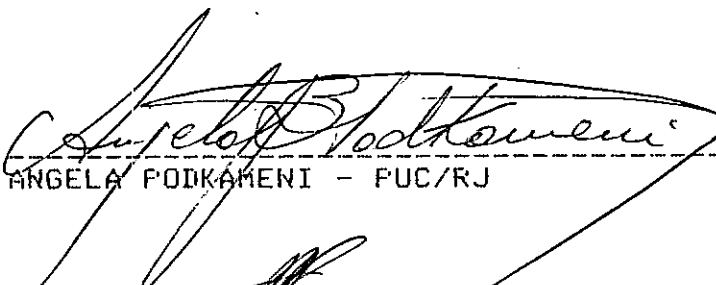
STENGERS, I. Quem tem medo da ciência? São Paulo, Siciliano, 1990.

SAFOUNAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

———. Seminário: Angústia, sintoma, inibição, São Paulo, Papirus, 1986.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, por GILSA F. TARRÉ DE OLIVEIRA, intitulada: "FREUD E LACAN, O INCONSCIENTE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA", fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:


  
-----  
CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL  
Professor Orientador - PUC/RJ

  
-----  
ANGELA PODKAMENI - PUC/RJ

  
-----  
FRANCISCO RAMOS DE FARIAS - UERJ/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1992

  
Ana maria Nicolaci -da- Costa  
Coordenador dos programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas